



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Renato Soares Paiva

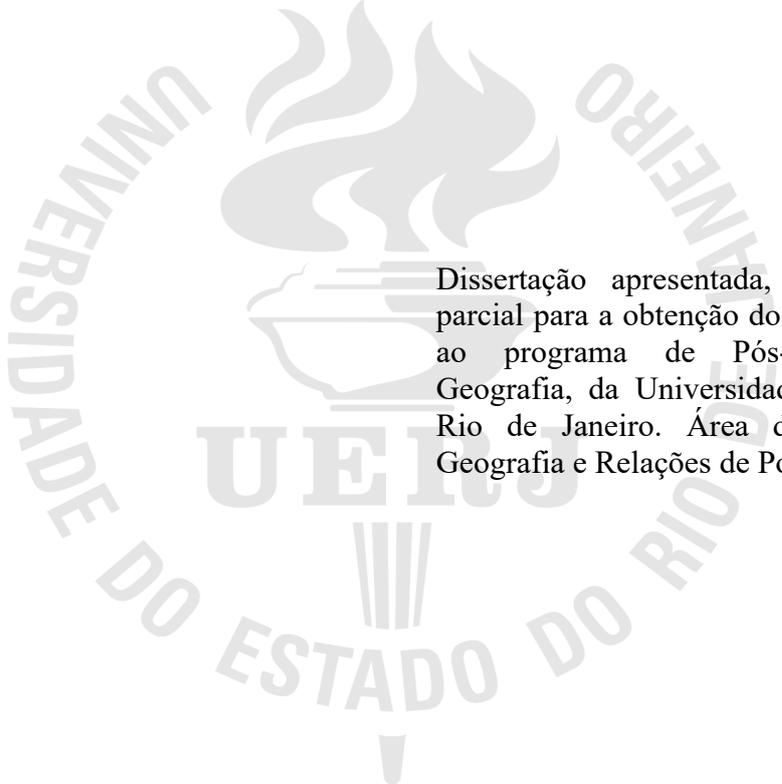
**A favela no Leste Metropolitano do Rio de Janeiro: o caso da Chumbada  
em São Gonçalo**

São Gonçalo

2024

Renato Soares Paiva

**A favela no Leste Metropolitano do Rio de Janeiro: o caso da Chumbada em São  
Gonçalo**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, ao programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Geografia e Relações de Poder.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Karol

São Gonçalo

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

P142  
TESE

Paiva, Renato Soares.

A favela no Leste Metropolitano do Rio de Janeiro: o caso da Chumbada em São Gonçalo / Renato Soares Paiva. – 2024.  
103f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Karol.

Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Urbanização – Rio de Janeiro, Região Metropolitana do (RJ) - Teses. 2. Espaços urbanos – Rio de Janeiro, Região Metropolitana do (RJ) – Teses. 3. Favelas – Rio de Janeiro, Região Metropolitana do (RJ) – Teses. I. Karol, Eduardo. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CRB7 – 6150

CDU 911.375(815.3)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Renato Soares Paiva

**A favela no Leste Metropolitano do Rio de Janeiro: o caso da Chumbada em São  
Gonçalo**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, ao programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Geografia e Relações de Poder.

Aprovada em 18 de setembro de 2024.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Eduardo Karol (Orientador)

Faculdade de Formação de Professores – UERJ

---

Prof. Dr. Mario Pires Simão

Faculdade de Formação de Professores – UERJ

---

Prof. Dr. Jailson de Souza e Silva

Universidade Federal Fluminense

São Gonçalo

2024

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus, por tudo que ele tem feito na minha vida. Agradecer ao meus pais, principalmente ao meu pai Antonio Luiz, um homem que veio do Nordeste em busca de melhores condições de vida na cidade do Rio de Janeiro. Agradecer a minha esposa Agatha Viana, esteve sempre ao meu lado, me impulsionando para realizar esta dissertação. Agradecer ao meu Orientador Eduardo Karol, pela paciência, por ter me ajudado na produção deste trabalho. Agradecer a banca, professor Mario e Jaílson, pelas contribuições.

Gostaria de agradecer a todos os meus amigos de turma nesse processo de aprendizagem, pois as trocas foram de suma importância para o crescimento acadêmico, como o Alan Coqueiro, Alan Hau, Beatriz Costa que ajudou na produção de mapas, o Bruno de Souza, o Caio Vitor, a Débora Chaves com suas informações primordiais sobre o curso de mestrado, o Diogo Chaves, um amigo desde a graduação que nos encontramos por acaso no curso de mestrado e pudemos relembrar os momentos do passado. Agradecer ao Gabriel, João Paulo, Larissa Lorien, Lucas Bussi, Ludmylla Soares, Mateus Campos, a Mônica Cristina, Nagib Aouar, Plínio Matheus, Rafael Paysan, Vagner da Silva, Vinicius Rodrigues e Wallace da Silva.

Agradecer aos professores do departamento de Geografia da Uerj FFP, Denilson Araújo, Otávio Leão, Manoel Martins, Marcos Couto, Matheus Grandi e Paulo Alentejano. Todos que contribuíram de alguma maneira na construção do pensamento nessa caminhada, meu muito obrigado.

Gostaria de agradecer a Universidade Estadual do Rio de Janeiro, a Faculdade de Formação dos Professores, uma instituição que tenho muito carinho por tudo que me proporcionou nessa vida, foram anos de aprendizado e crescimento profissional.

Agradecer aos moradores da favela da Chumbada que contribuíram com essa pesquisa, são pessoas maravilhosas que tenho carinho, por serem mais velhos, me viram crescer na Chumbada, meu muito obrigado.

## RESUMO

PAIVA, Renato Soares. *A favela no Leste Metropolitano do Rio de Janeiro: o caso da Chumbada em São Gonçalo*. 2024. 103f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2024.

Esta dissertação traz uma reflexão sobre o espaço urbano, como os agentes atuam no espaço impulsionados pelo sistema capitalista de produção. Diante disto, verificamos como o contexto metropolitano do Rio de Janeiro foi engendrando a formação dos espaços periféricos, potencializado pela sua crise econômica, causando grandes transtornos, principalmente nas moradias das populações mais empobrecidas. Investigar a cidade de São Gonçalo e as consequências da crise econômica que se instalou, nos oferece uma base para compreender a formação do espaço favelado da Chumbada, pois é de nosso interesse mostrar a produção do espaço a partir da óptica da urbanização de São Gonçalo para entender a favela da Chumbada. A partir desse processo, temos o objetivo de desvendar como esse espaço foi formado sob as bases capitalistas de produção. A vida que os moradores levam na favela e seus eventos não têm tanto interesse para a mídia, sendo a partir daí até uma crítica dos moradores da favela da Chumbada. Com a questão da violência em evidência na maioria das vezes, diversas consequências são notadas a partir das publicações que enxergam a favela da Chumbada como o lugar “perigoso.” Contudo, há vivências que existem na favela que merecem a nossa atenção. Desta maneira, os moradores têm em seu espaço de vivência da favela da Chumbada, olham para seu local de moradia diferentemente do que o Jornal O São Gonçalo propaga, criando um paradoxo de duas versões que merecem a nossa atenção e isso mostraremos no nosso trabalho.

Palavras-chave: urbanização; metropolização; espaço; favela; representação; jornal.

## ABSTRACT

PAIVA, Renato Soares. *The favela in the Metropolitan East of Rio de Janeiro: the case of Chumbada in São Gonçalo*. 2024. 103f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2024.

This dissertation reflects on urban space, how agents act in space driven by the capitalist system of production. In view of this, we verified how the metropolitan context of Rio de Janeiro engendered the formation of peripheral spaces, enhanced by its economic crisis, causing major disruptions, especially in the homes of the most impoverished populations. Investigating the city of São Gonçalo and the consequences of the economic crisis that took place offers us a basis for understanding the formation of the Chumbada favela space, as it is in our interest to show the production of space from the perspective of the urbanization of São Gonçalo to understand the Chumbada favela. From this process, we aim to unveil how this space was formed under the capitalist bases of production. The life that residents lead in the slum and its events are not of much interest to the media, and from then on there was even criticism from the residents of the Chumbada slum. With the issue of violence in evidence most of the time, several consequences are noted from publications that see the Chumbada slum as a “dangerous” place. However, there are experiences that exist in the slum that deserve our attention. In this way, the residents in their living space in the Chumbada slum look at their place of residence differently from what Newspaper O São Gonçalo propagates, creating a paradox of two versions that deserve our attention, and we will show this in our work.

Keywords: urbanization; metropolization; space; slum; representation; newspaper.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Os distritos do município de São Gonçalo .....	49
Figura 2 –	Mapa hipsométrico de São Gonçalo (RJ) .....	52
Figura 3 –	Mapa dos bairros de São Gonçalo .....	53
Figura 4 –	Duas ferrovias de São Gonçalo no ano de 1940, a E.F. Leopoldina e a E.F. Maricá .....	54
Figura 5 –	A expansão urbana em São Gonçalo, desde a década de 1970 .....	57
Figura 6 –	São Gonçalo Shopping Rio, o primeiro Shopping construído no município, no ano de 2004 .....	65
Figura 7 –	Shopping Partage localizado no centro da cidade de São Gonçalo .....	66
Figura 8 –	Shopping Pátio Alcântara, localizado no bairro Alcântara, onde estava localizado a praça Carlos Gianelli, foi inaugurado no ano de 2013 .....	67
Figura 9 –	Mar de Paraty, empreendimento lançado no bairro Mutondo em São Gonçalo, da construtora MRV .....	68
Figura 10 –	Empreendimento Jardim Central 2, localizado no bairro Mutondo .....	68
Figura 11 –	Mapeamento de condomínios voltados para a classe média/alta x condomínios voltados para a população de baixa renda, sobreposto a localização dos shoppings .....	69
Figura 12 –	Mapeamento de comunidades e áreas com problemas ambientais .....	70
Figura 13 –	Empreendimento no centro da cidade, na rua ligada a via principal da cidade de São Gonçalo .....	71
Figura 14 –	A localização das favelas em São Gonçalo, sendo destacado a favela da Chumbada .....	72
Figura 15 –	A favela da Chumbada .....	75
Figura 16 –	Mapa da favela da Chumbada segundo o IBGE, dados de 2019 .....	78
Figura 17 –	Delimitação da Chumbada segundo as suas vertentes e os bairros adjacentes .....	79
Figura 18 –	Rua Dr. Nilo Peçanha .....	80
Figura 19 –	Rua Guilherme dos Santos Andrade .....	81
Figura 20 –	Rua Mario Sete .....	81

Figura 21 – Rua Murilo Pires .....	82
Figura 22 – Rua Francisco Ribeiro .....	83
Figura 23 – Rua Francisco Ribeiro .....	83
Figura 24 – Jornal O Fluminense sobre o jovem que conseguiu estudar na Universidade de Havard, sendo morador da favela da Chumbada .....	86
Figura 25 – O Mc PL QUEST sai na página do Jornal Meia Hora .....	87
Figura 26 – Jornal O São Gonçalo sobre a segurança pública na favela da Chumbada	88
Figura 27 – Jornal O São Gonçalo sofre a violência na Chumbada .....	88
Figura 28 – Jornal O São Gonçalo com casos de violência .....	89
Figura 29 – Distribuição de presentes na favela da Chumbada no Dia das Crianças, organizada pelos próprios moradores .....	90
Figura 30 – Distribuição de presentes na favela da Chumbada no Dia das Crianças, organizada pela liderança política local .....	90
Figura 31 – Um dos campos de futebol existente na favela da Chumbada chamado pelos moradores do “campo do entradão”, onde jovens se divertem jogando bola .....	91
Figura 32 – Campo principal da favela da Chumbada, onde ocorrem os principais campeonatos de futebol. Na imagem um grupo de integrantes da favela que jogam todos os domingos .....	92
Figura 33 – Campeonato de futebol na favela da Chumbada no ano de 2020 .....	93
Figura 34 – Programa Minha Casa e Minha Vida na favela da Chumbada no governo de Dilma Rouseff entregue no ano de 2016 .....	94

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	População residente, por município, na porção Leste da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, no período de 1940-2010 .....	37
Tabela 2 –	Tabela da população da região metropolitana do Rio de Janeiro, do programa Minha Casa e Minha Vida .....	44
Tabela 3 –	População dos municípios da região metropolitana do Rio de Janeiro .....	45
Tabela 4 –	O número de estabelecimentos industriais entre São Gonçalo e Niterói ...	50
Tabela 5 –	Explosão demográfica em São Gonçalo entre as décadas de 1950 e 1970 em relação a MRJ .....	56
Tabela 6 –	População residente no município de São Gonçalo (1940-1991) .....	60
Tabela 7 –	Viagens pendulares entre os municípios, tendo São Gonçalo como destino	64

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CDB	<i>Central Business District</i>
FGTS	Fundo de Garantia por Tempo de Serviço
FMI	Fundo Monetário Internacional
IPTU	Imposto Predial Territorial Urbano
ITR	Imposto Territorial Rural
MCMV	Programa Minha Casa Minha Vida
PAR	Programa de Arrendamento Residencial
PSH	Programa de Subsídio Habitacional
SBPE	Sistema Brasileiro de Poupança e Crédito
SFH	Sistema Financeiro de Habitação

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>1</b>	<b>O ESPAÇO URBANO E OS AGENTES PRODUTORES DO ESPAÇO ..</b>	<b>17</b>
<b>2</b>	<b>A FORMAÇÃO DO LESTE METROPOLITANO E AS MORADIAS NA REGIÃO PERIFÉRICA, O CASO DO MUNICÍPIO DE SÃO GONÇALO</b>	<b>28</b>
<b>2.1</b>	<b>A formação da metrópole no leste metropolitano .....</b>	<b>28</b>
<b>2.2</b>	<b>A questão habitacional na região do leste metropolitana do Rio de Janeiro</b>	<b>38</b>
<b>2.3</b>	<b>O processo de urbanização em São Gonçalo, entre o avanço do mercado imobiliário e a produção dos espaços favelados .....</b>	<b>47</b>
<b>3</b>	<b>A favela da Chumbada, entre o que o jornal O São Gonçalo propaga e a realidade dos seus moradores .....</b>	<b>74</b>
	<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>97</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>99</b>
	<b>APÊNDICE – Questionário para a pesquisa de dissertação de mestrado da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, a fim de desenvolver um trabalho de pesquisa sobre a favela da Chumbada .....</b>	<b>103</b>

## INTRODUÇÃO

O caminho percorrido no processo de formação acadêmica sempre foi um desafio enquanto pesquisador, se identificar com a Geografia devido as suas análises sociais trouxeram uma ânsia em descobrir como se dão as relações humanas no espaço. A partir de tais questionamentos e por ter sido um morador do espaço favelado por tantos anos, me indagou a forma como a sociedade enxerga os seus moradores, desta forma, resumiremos de forma breve o motivo da escolha da pesquisa, definida em três momentos da vida, a infância, a adolescência e a fase adulta.

Nos momentos da vida deparei-me com situações que me levaram apenas a sentir indignação, sem entender o que de fato me fazia passar por tantos constrangimentos. Na infância, diversas vezes tive a minha casa invadida por policiais, que reviravam todas as minhas roupas e de meus familiares, sem nenhum mandado judicial. Assistindo tudo isso, sem entender o porquê de uma invasão no seu lugar mais íntimo, me abraçava com meu irmão como uma maneira de me sentir seguro e com o coração palpitando de maneira intensa, pois me deparava com estranhos na minha casa altamente armados e agressivos. Meu quarto ficou bagunçado, minhas roupas no chão e todas emboladas, tive que colocá-las no lugar após passar por um episódio nada agradável. Nesse sentido, esse momento foi doloroso, porque imaginava que pudessem voltar a qualquer momento, o medo era constante.

Ao longo dos anos me tornei adolescente e novamente passo por mais constrangimentos, em um bar jogando fliperama, fui interrompido por uma voz que me chamava aos gritos, eram os policiais, me pegaram pela gola da camisa como um desafeto qualquer. Neste momento, novamente meu coração palpitava na mesma intensidade quando criança, pois diante de tantas cenas de brutalidade, o meu medo era de morrer ou ser agredido, acontecendo o que mais temia, levei um tapa no peito e fui ameaçado de ser preso, mas graças aos moradores da favela da Chumbada que viram a cena, foram em minha defesa, dizendo que eu era uma pessoa do bem e não tinha relação nenhuma com o tráfico de drogas. Quando me deparei, tinham mais de dez pessoas pedindo para me liberarem, com uma só voz de fúria, os moradores conseguiram me tirar das garras daqueles policiais, que foram embora gritando que os moradores estavam defendendo bandido.

Contudo, não entendia muito bem por que essas situações aconteciam, eram casos que me deixavam dúvidas, muitas incertezas de quem eu era, por que morar na favela era ser visto de forma diferente, como se fôssemos errados em morar nela, acontecimentos de

constrangimentos que me fizeram negar por diversas vezes o lugar onde eu habitava. Lembro-me quando me perguntaram onde eu vivia e eu dizia que morava em qualquer outro lugar, menos na favela da Chumbada. A negação do lugar que você vive é um sentimento de constrangimento, de escamotear a sua essência, o seu lar, isso representa como a favela é vista na sociedade.

Foi quando na fase adulta, com um pensamento mais reflexivo, com uma bagagem de conhecimento, pude me comportar de outra maneira, saber me defender, saber e ter o orgulho do lugar de onde vim, vivi e até hoje sou feliz. Saindo da favela da Chumbada com o carro, me deparei com um carro da polícia emitindo sons de sirene para o carro parar, antes de parar o carro, estou com a minha esposa ao lado, dois policiais com fuzis altamente letais são apontados na minha direção. Quando saí do carro fui logo esbravejando, com a coragem de quem não estava mais perdido e sim munido de informação para minha defesa, foi quando esses mesmos policiais pediram desculpas pela ação tão agressiva.

Esses relatos são reflexos de tantas outras pessoas que moram na favela e passam constantemente por diversas outras situações, são colocadas a determinados tipos de constrangimentos, pois muitas vezes são vistos como coniventes ou são suspeitos. Isso me fez refletir sobre o desenvolvimento de uma pesquisa que pudesse buscar entender a dinâmica do espaço geográfico a partir da sua formação, levando em consideração quem são os agentes que transformam esse espaço e quem são os agentes que contribuem para a construção de uma representação do lugar perigoso. Desta maneira, muitos que nunca entraram na favela constroem uma ideia sobre ela, e a construção disso vem da ferramenta que mais tem sido usada para obtenção de informação, os meios de comunicação e de mídia. Devido a este fato, fomos em busca de abarcar o espaço urbano e como a mídia contribuiu para a construção dessa representação do lugar perigoso.

A Geografia nos fornecerá instrumentos de análise para entendermos o espaço favelado da Chumbada e o que ela tem a ofertar para a sociedade, seus moradores não são coniventes com o tráfico, pelo contrário, querem a paz, desejam serem vistos como pessoas dignas, trabalhadoras e não envolvidas com o tráfico. Com isso, a pesquisa vem para construir um novo olhar sobre a favela da Chumbada, exemplificando as vivências que existem nela.

Consequente, iniciaremos uma análise do espaço urbano, tendo a Geografia como ferramenta de análise teórico-metodológica, que se afasta da racionalização quantitativa, não perdendo o sentido da análise através da totalidade. O mundo abstrato e o mundo real são analisados para pensarmos no espaço de maneira mais abrangente, não caindo nas amarradas do fetichismo do capital.

O debate sobre o que é o espaço urbano estará em discussão para entendermos as suas reais classificações, e como os governos usam isso a seu favor no recolhimento de impostos. Em outro momento é possível vermos os agentes transformadores do espaço urbano, em alguns momentos entram em conflitos de interesses, em outro momento convergem as suas ideias para manterem as suas bases capitalistas vivas.

Debater o espaço urbano e suas classificações nos dá uma base e assim adentramos no assunto da centralidade no espaço periférico na metrópole. A centralização do espaço urbano e a formação de suas periferias nos fornece elementos para compreender o processo de periferização na metrópole fluminense. Desta maneira, vamos definir o que seria uma metrópole e o espaço metropolitano, apesar dessas nuances, as transformações ocorridas as metrópoles acabam ganhando importância, pois no caso do Rio de Janeiro o seu processo histórico teve grande peso. A ação dos agentes produtores do espaço e suas relações intrínsecas no sistema capitalista ditarão o ritmo na produção do espaço na metrópole, tal fato corrobora na formação do espaço de outros municípios que estão conurbados, como o caso de Niterói e São Gonçalo.

Enfim surge a região metropolitana Fluminense, com suas características de uma mão-de-obra espalhada pelas periferias, onde o seu movimento pendular tem a área central como destino em maioria, a sua fundação e os movimentos migratórios que incrementam novas demandas por moradias nas áreas periféricas, muitas vezes formando as favelas. Porém, um fator que trará novos contextos na região metropolitana do Rio de Janeiro será a crise econômica que assolará os metropolitanos, a pobreza, a miséria, o desemprego causará um impacto no espaço urbano, essa consequência vem junto ao crescimento populacional da metrópole, atingindo de maneira mais efetiva a questão das moradias.

A questão habitacional será o nosso tema como um meio de sobrevivência da classe trabalhadora, se baseando desde a formação do espaço brasileiro, passando pelas sesmarias até o processo de compra e venda, vamos levar em consideração a classe trabalhadora e as heranças de um passado colonial que impacta diretamente a vida nos espaços metropolitanos. Assim, a moradia e a periferia caminham lado a lado numa tentativa de sobrevivência em meio à busca por melhorias no mundo urbano. Veremos que a metrópole terá a sua construção baseada no interesse dos agentes imobiliários, causando a especulação no solo urbano, com essa valorização, diversas áreas que não são interesse do mercado serão ocupadas pela população mais pobre, as encostas, áreas alagadiças, áreas sem infraestrutura etc., serão locais procurados para a construção das moradias.

O sistema de financiamento dará novos rumos para a aquisição de moradias, o uso de mecanismos de investimentos imobiliários serão ferramentas que terão a função de auxiliar o

trabalhador a complementar os valores a serem pagos na aquisição de uma casa. Mesmo diante de algumas dificuldades para a classe trabalhadora adquirir esses financiamentos nos anos 1980 até os anos 2000, foi necessário o surgimento de uma nova política que atendesse a classe trabalhadora. O programa Minha Casa, Minha vida terá um papel importante para a população mais pobre, principalmente na região metropolitana, principalmente a partir de 2005. Junto a esses acontecimentos, assistimos uma nova dinâmica populacional na sua movimentação, a região metropolitana verá o seu crescimento diminuir, mas em compensação outros municípios ganharão novos moradores.

Consequente, observar a urbanização de São Gonçalo, desde os seus primórdios de formação enquanto cidade. Os distritos de Neves e Sete Pontes terão um peso considerável quando falamos de urbanização. Desta maneira, essa urbanização produzirá um espaço desigual, pois enquanto os distritos industriais vão receber investimentos, outros ficaram ausentes, sendo propício à ocupação pela população mais pobre, muitos desses lugares formarão novos espaços favelados.

O processo industrial foi um fator importante para o início da urbanização em São Gonçalo, seguiu em direção a Alcântara nos anos seguintes, passando pelo centro da cidade. Nesse movimento, o relevo teve sua importância na valorização do solo, restando à classe trabalhadora ocupar as áreas íngremes de baixo valor agregado. Essa urbanização esteve muito ligada também aos meios de transportes, pois tiveram um grande peso na ocupação do município, passando pelo período dos loteamentos.

A favela da Chumbada que é o nosso objeto passa a ser inserido a partir do momento que a urbanização avança, com os acontecimentos ao longo do tempo, a favela foi se desenvolvendo, sendo ocupada ao longo dos anos. Vamos aqui desenvolver a formação da favela da Chumbada conforme o processo de urbanização, levando em consideração os dias atuais, onde a população do município está inserida no mercado de trabalho.

No capítulo seguinte vamos verificar a favela da Chumbada como espaço de vivência, como os seus moradores levam a vida em um espaço que vive constantemente sob a ação do Estado de forma truculenta, além da presença do tráfico de drogas que atormenta a vida dos moradores.

Nosso trabalho está organizado da seguinte maneira, vamos abordar o conceito de espaço, buscando através da produção da mesma uma forma de analisar o trabalho como um todo. Desta maneira, no 1 capítulo Moreira (2007) e Lefebvre (2008), debatem o espaço para melhor compreendermos, temos Corrêa (1989) que nos auxilia na análise dos agentes produtores do espaço, Maricato (1996) traz a luz a questão da urbanização no Brasil estruturada

nas ideias progressistas e na manutenção do status quo das elites do Brasil através da terra e Santos (2004) debatendo o espaço urbano no Brasil.

Já no capítulo 2.1, Santos (2004) e Maricato (1996) os autores contribuem com suas análises sobre o processo de urbanização no Brasil. Já Lagos & Cardoso, 2015, analisam as questões das moradias e da população no espaço urbano metropolitano do Rio de Janeiro e o sistema de financiamento que dá uma nova dinâmica no espaço. Sendo assim, analisaremos a formação do Leste metropolitano com a abertura da ponte Rio-Niterói, da BR-101 e o processo de loteamento em São Gonçalo.

No capítulo 2.2 vamos analisar a questão da moradia na região do leste metropolitano, os sistemas de financiamento dos imóveis darão novas dinâmicas no espaço, pois diversos trabalhadores diante da dificuldade financeira buscarão terrenos mais baratos, a autoconstrução se torna uma solução diante da escassez do financiamento bancário.

No capítulo 2.3, Menezes; Salgado (2018), reforçam a questão do relevo como fator que contribuiu para São Gonçalo possuir características diferentes de algumas regiões da cidade, pois com o eixo de formação urbano de Neves a Alcântara, terá um aspecto para ser levado em consideração. O autor Paiva, 2013, nos auxilia para compreender a formação urbana de São Gonçalo, principalmente nas questões dos meios de transportes. No capítulo 3 Fernandes (2011), nos ajuda na análise do território da Chumbada a partir das identidades e somado ao trabalho de Paiva (2013) que traz a formação da favela da Chumbada e a sua dinâmica atual com a ação da mídia na construção de estereótipos sobre os moradores da favela.

Na questão metodológica, para podemos entender a dinâmica espacial dos moradores da favela e a questão da violência publicada pelo Jornal O São Gonçalo, dessa maneira, foi criado um questionário com perguntas que atingisse de maneira mais clara possível como esses moradores vivem na Chumbada e como enxergam a sua vivência nela e sua percepção dos olhares que parte da sociedade tem sobre ela, sabendo que o Jornal O São Gonçalo tem papel fundamental na contribuição desse olhar, pois é um veículo de informação.

Sendo assim, o autor foi a campo para entrevistar os moradores da favela da Chumbada, a busca por pessoas que tivessem anos de vivência na Chumbada e lideranças políticas foram os escolhidos para chegar o mais próximo possível do objetivo da pesquisa. Desta forma, foram entrevistados 5 moradores, tendo destaque três deles, uma liderança política e 2 moradores com muitos anos de vivência. O foco do questionário foi e relação como os moradores enxergavam a favela da Chumbada, os eventos que ocorrem na favela, como eles observam o Jornal O São Gonçalo quando tratam a questão da violência em demasia e sua relação direta no dia a dia da favela.

Consequente, o questionário então foi realizado com 11 perguntas, sendo elas a identificação desse morador, foi perguntado se ele gostaria de se identificar antes de tudo, sua opinião foi de grande relevância para construirmos o capítulo 3. As respostas dos moradores aparecerão em alguns trechos para não perdermos o foco da questão, pois temos o interesse de confrontar as publicações com o olhar dos moradores da favela da Chumbada.

## 1 O ESPAÇO E OS AGENTES PRODUTORES DO ESPAÇO URBANO

O espaço urbano se dá de maneira desigual no espaço, as relações humanas se dão de maneira dessemelhante quando tratamos a produção do espaço através do seu sistema capitalista.

Enquanto os atores hegemônicos produzem o espaço de forma mais intensa e objetivam o lucro, como o valor de troca, outros grupos, como os “excluídos”, diga-se de passagem que não tem nada de excluído, já que estão inseridos na engrenagem no sistema capitalista, os de baixo poder aquisitivo produzem o seu espaço pelo valor de troca e de uso, essa dualidade muitas vezes tem fortes impactos quando tratamos da vivência no meio urbano, pois não é só os atores hegemônicos que comandam o espaço, pois a classe trabalhadora está incutida nessa miscelânea onde a classe gerencial executa as ações e os padrões da elite dominante. Perceber o espaço na sua materialidade, ou seja, o abstrato torna a experiência baseada nos preceitos da matemática, do cartesianismo, do pragmatismo colocado em prática de acordo com os interesses do sistema capitalista, diga-se de passagem, a sociedade capitalista vive em torno da busca do lucro, onde as cidades funcionam para se tornarem um valor de troca, resta as classes mais pobres resistirem a um sistema que os massacra todos os dias, com a sua exploração da mão-de-obra.

Posto isso, para Santos (2004) quando vamos definir o espaço temos grandes dificuldades, pois o espaço para a Geografia deve-se levar em consideração o espaço social, visto que contém todos os múltiplos de espaço. Essas definições estão numa gama de designações nas relações humanas, que numa unidade de significado acabam se tornando um obstáculo de análise. O espaço geográfico é também o espaço social, este está em constante mudança. Assim em sua definição aponta:

O espaço deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas por meio de funções e de formas que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente. Isto é, o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que estão acontecendo diante dos nossos olhos e que se manifestam mediante processos e funções. O espaço é, então, um verdadeiro campo de forças cuja aceleração é desigual. Daí porque a evolução espacial não se faz de forma idêntica em todos os lugares. (Santos, 2004). p. 153).

Portanto, temos uma análise do espaço como produto das relações humanas, as marcas através das formas, mostram como o espaço muda conforme o lugar, as ações humanas se dão

de forma diferente em cada local, na atualidade percebemos isso com o efeito da globalização, marcado principalmente pelas grandes cidades, com intensos fluxos de capitais, mercadorias e pessoas.

Então, Moreira (2007) analisa o espaço através da abstração, esta é uma característica dos seres humanos e essa abstração advém do mundo concreto, porém esse mundo palpável vem do trabalho, podemos notar uma problemática, quando o homem troca o valor de uso pelo valor de troca, neste quesito o valor de troca você compara, busca o lucro, os objetos passam a ter mais valor, pois o valor de uso não é o de grande interesse, já que possuem uma gama de acumulação de capitais, assim o valor de uso não tem esse mesmo significado.

Nesse caso, a produção do espaço urbano tem nas suas bases capitalistas uma maneira de lidar com o solo, nas relações humanas, refletindo nas relações socioespaciais, configurando uma cidade partida, fragmentada, onde o capital interfere nessas relações.

Desta maneira, para Lefebvre (2008) o espaço em questão seria o mental percebido, concebido, representado e o espaço social construído, produzido, projetado, ou seja, notadamente esse seria o espaço. Por certo, o espaço é objeto da ciência para a Geografia, no que concerne ao vivido, assim, o espaço nunca é neutro, como afirma “A forma pura do espaço desembaraçada de todo conteúdo, ou seja, todos os pensamentos objetivos e parcelares que vem do pensamento cartesiano e da filosofia kantiana conservam essa noção.” (Lefebvre, 2008. p. 41). À vista disso, considera o espaço não parcelar, mas um espaço com coerência, articulando o social e o mental, o teórico e o prático. Pensar o espaço de maneira separada sem fazer essa conexão das relações sociedade-natureza-sociedade gera problemas de análises.

As cidades são unidades ligadas ao consumo, isso pode ser considerado até mesmo uma cilada, pois o espaço seria considerado doentio, a representação do espaço não seria uma forma inocente, mas expandindo os valores e normas da burguesia, sendo esse valor de troca o fetichismo, criando a falsa consciência, o espaço ligado a reprodução das relações sociais.

O espaço com o processo matemático de pensamento distancia o corpo do espaço, como se fosse algo distante, sendo chamado por Moreira (2007) de alienação da corporeidade, tema abordado acima pelo próprio Lefebvre (2008). O espaço e o corpo não se compreendem por estarem distantes, despotencializados do real, o fetiche criado do próprio espaço com o suor do trabalho é refém de um desejo de riqueza. Nesse sentido, esses elementos do espaço estão imbricados numa reciprocidade de intercambiáveis redutíveis. As grandes empresas podem interferir nas leis propostas pelo Estado ou o Estado aparece agindo como as empresas, tendo essa relação de entrelaçamento. Nesse caso, fica cada vez mais evidente a necessidade de pensar no espaço em sua totalidade, isto torna mais exigente as análises. Para tanto, a questão da

infraestrutura constituída e como se dá a relação da natureza, é entender como a mesma infraestrutura é simplesmente a natureza, só que artificial, sendo refletida a segunda natureza transformada, onde assim define meio ecológico como meio modificado, sendo essa natureza primeira transformada. (SANTOS, 2008).

Os elementos do espaço e como eles variam ao longo do tempo é uma maneira de enxergar as transformações, assim, observamos que esses elementos mesmo que de forma separada estão emaranhados, porém, para uma melhor abordagem ele é visto de forma dividida para entender o todo, a melhor compreensão desse processo vem quando se coloca a variação do tempo desses elementos no espaço. Para Santos (2008), abordar sobre as variáveis como elementos do espaço é poder analisar quantitativamente após uma análise qualitativa, dessa forma, é claro que o lugar difere as condições socioeconômicas dos seres, ou seja, “Dessa forma, cada lugar atribui a cada elemento constituinte do espaço um valor particular.” (Santos, 1985. p. 8), portanto, em cada lugar os elementos do espaço vão variar e diferenciar as condições, devido a essas relações, contudo, fazer a análise do todo, do contexto, isso é reconhecer o espaço geográfico.

Assim, para Lefebvre (2008), a base das reproduções das relações sociais se apresenta de forma separada, mas estão unidos, eles se apresentam separados como uma forma alienada de enxergar o real, sendo uma ilusão da separação da unidade. Tais questões, como o proprietário de terra, o proprietário de empresa e o trabalhador, se apresentam como separados, mas se analisarmos com atenção veremos que estão interligados, sendo essa separação falsa e, ao mesmo tempo, verdadeira, mas que o conjunto apresenta as formas de riqueza produzida. De tal modo, quando analisamos a sociedade e suas relações sociais de produção podemos perceber que a ideologia de cada uma tem uma função e assim naturalizá-la é não enxergar que existe uma organização única na produção de riqueza, onde o trabalhador é o que sustenta toda base da sociedade e suas riquezas, mas o que é transmitido como imagem é a do rendimento como forma de salário.

A análise do espaço não pode se dá de forma isolada, mesmo sabendo das características particulares dos elementos do espaço, mas é preciso fazer uma relação entre eles para podermos dar concretude as abstrações, e se esses elementos particulares não são diferenciados e perdem a sua concretude, formam assim um sistema. Esse sistema tem uma classe dominante que comanda seu funcionamento, que está ligado aos subsistemas, sendo assim, considerado um sistema-mundo, sendo essas relações simples ou globais.

O espaço então segundo Santos (2008) pode ser considerado um complexo sistema, um sistema de arcabouço onde evoluem nas próprias estruturas, elas são uma rede de relações, as

interferências externas fazem o sistema sofrer alterações, assim como a interna, numa relação de dentro para fora e de fora para dentro, o sistema fazendo parte desse intercâmbio, mas lembrando que isso não atingirá todos os lugares. Portanto, as frações do espaço são mais concretas e as relações mais globais mais abstratas, um dos exemplos claros é: uma observação de uma casa, esta é concreta, porém quando vamos analisar a sua relação com o espaço se torna abstrata. Nesse quesito temos a intensa formação do tecido urbano, essa transformação do espaço se dá nesse complexo sistema, com a interferência externa sendo maior do que nas outras áreas, dito isso, há uma maior concentração de pessoas, capitais, informações nesses espaços, refletindo numa dinâmica muito maior.

Não obstante, o espaço urbano será transformado para a formação de uma região metropolitana, para isso, há um desenvolvimento mais tardiamente de uma metrópole que interferirá em novas dinâmicas do espaço. Mas afinal o que seria considerado o espaço urbano? A formação estrutural da terra no Brasil criará novas maneiras de lidar com o espaço. A colonização portuguesa criou bases na implantação no seu modo de vida e com isso a construção na maneira de lidar com o espaço, como, por exemplo, o valor de troca. Então, nesse procedimento, há conseqüentemente a compra da propriedade privada, que construirá um campo distante na aquisição de terras por aqueles que não ganhavam salários, os negros, representando grande parcela de escravos na população brasileira, desta forma, habitando o espaço urbano em uma nova maneira de superar esses entraves. A cristalização desta forma de lidar com a terra foi oficializada com a criação da lei de terras, esse enraizamento levou anos sendo uma maneira de negociar os lotes, já que antes a fonte de lucro eram os escravos.

Por seguinte, em 1850 a lei de terras foi colocada em forma de lei, distanciando o escravo da terra, as relações que se dão no espaço estão balizadas na compra e na venda, isso corroborou com o domínio político e de terras por senhores donos de fazendas, sendo uma política clientelista herdada até hoje em muitos lugares no Brasil, desta maneira os proprietários de terras terão forte influência tanto econômica como política, mantendo seus privilégios diante daqueles que não puderam adquirir um pedaço de terra, isso acarretará na desigualdade socioeconômica e a distância entre as classes, interferindo de maneira direta a produção do espaço urbano. Todavia, se estamos discutindo o espaço urbano, o que nos interessa essa particularidade de um mundo rural? As relações que se dão no espaço urbano, são heranças de um passado que se cristalizou e são praticadas no cotidiano, no modo de produção capitalista.

Diante desses fatos, Maricato (1996) nos esclarece a questão do desenvolvimento urbano, suas bases estão amparadas nas ideias ocidentais capitalistas, diante de um modelo desenvolvimentista nas ideias progressistas, nesse aspecto, o processo de concessão de terras

trará futuros impactos no solo urbano. Passando pelas sesmarias, a lei de terras e a abolição da escravidão, sistemas que estão interligados, além das terras devolutas, e o escravo que ficou sem acesso à terra, trouxe um desenvolvimento do espaço desigual e uma construção de desenvolvimento urbano com a segregação socioespacial. No entanto, para ser padronizado nos moldes capitalistas ocidentais, seu modelo tem as bases na construção da lei de terras, a estruturação dos latifúndios torna ela precisa, pois agora o lote passa a ser o módulo dominante quadrangular e ortogonal. Essa regulação será refletida no meio urbano com a produção de leis que regulamentarão esses moldes, uma das questões mais tarde para a proibição de moradias que não se encaixam nesse protótipo, diante do modo de produção capitalista.

Assim sendo, o modo de produção pode ser analisado através dos lugares, dos objetos, estes são criados pelo homem e são pontos como caminhos que se ligam e condicionam a atividade do homem como prática social.

O espaço é como uma memória do construído, uma forma durável, alguns processos se adaptam às formas do espaço ou criam formas dentro delas. Nesse aspecto, a paisagem acaba sendo o resultado acumulativo das técnicas inseridas no espaço, são imposições em várias escalas, por conseguinte, essas acumulações se dão de forma diferenciada em estruturas específicas que se dão em funções e formas distintas. Se a paisagem pode ser assim definida, a forma, função, estrutura e processo, elas podem funcionar da seguinte maneira: forma como algo visível, o objeto ordenado no espaço, onde não devemos analisar de forma isolada o método, pois não estaríamos fazendo a leitura correta do espaço. (SANTOS, 2004). Para isso, a função seria a atividade praticada, a estrutura as relações de partes com o todo, e os processos dando continuidade à ação, sendo relacionados o passado e o presente.

A propriedade privada criou bases capitalistas para os agentes atuarem de acordo com seus interesses, sendo assim, a forma, função, estrutura e o processo vão sendo relacionados para entendermos o todo. A forma seria o meio urbano que se aperfeiçoará, tendo a compra de imóveis ou terreno, e o processo entre as relações humanas, mas que isso só se deu por meio de uma estrutura criada, sendo a função o comando do valor de troca, pois em maior parte o capital está concentrado nas mãos das elites. A formação do espaço urbano tem forte ligação com o seu passado, principalmente na transformação do espaço rural para o urbano com isso, há uma valorização do solo isto terá forte impacto na vida daqueles que não têm o poder aquisitivo para a compra e acabam migrando para outras regiões com terrenos mais acessíveis.

Desta maneira, a produção do espaço e essa desigualdade traz para o debate o espaço urbano, devemos esclarecer a classificação do espaço urbano para entendermos como o homem lida com o espaço, numa relação com a natureza transformada cada vez mais intensa.

A classificação do que é urbano foi vista em Paiva (2013) quando tentou buscar a definição do que seria considerado urbano. Assim, não podemos ficar presos as aparências urbanas apenas, como se elas fossem as definidoras do que seria considerado urbano, está, além disso, pois para isso, devemos nos atentar às classificações dos países pelo mundo do que seria considerado urbano. Assim define em seus escritos:

Países como a Grécia ou a Noruega definem seu espaço como urbano a partir da quantidade de sua população. Em relação a isso, temos um exemplo claro da Escócia, onde ela define o espaço urbano a partir de um limite estabelecido de 500 habitantes, já na Grécia seria de 10.000 e no Japão de 50.000, são vários países que vão especificando as suas classificações. Outros tipos ainda existem, como os da densidade demográfica ou pela definição das atividades econômicas. (Paiva, 2013. p.22, junto de Endlich, 2006. P. 13-15).

Como observamos a classificação do que é urbano vai ser bem diferente em cada país, um dos países que vimos está baseado em número populacional, percebemos como os números variam, mas seria suficiente se basear no número populacional para definir o que é urbano?

Podemos cair na imprecisão, pois a questão matemática é muito fria para fazer análise do espaço, por isso Souza (2003) chama a atenção para termos o total cuidado, visto que, as dificuldades encontradas estão na ordem qualitativa e não quantitativa, quantificar é muito mais fácil para definir tal coisa, isso corrobora com as grandes falhas de definição em números de habitantes, mas quando partimos para uma análise do espaço onde as relações humanas acontecem, isso cria algumas barreiras, então, a ordem qualitativa por ser mais difícil elaboração acaba não sendo o método escolhido para definição. Desta maneira, uma forma de definir o espaço urbano seria enfrentar a tarefa de distinguir os núcleos urbanos dos rurais, conhecendo fundamentalmente a sua realidade.

O espaço urbano tem suas especificidades e a questão qualitativa da distinção entre o urbano e o rural me parece de fato o meio ideal para a sua designação, tanto que Souza (2003) mostra que as atividades econômicas são diferentes, em um mero povoado rural as atividades são concentradas na agropecuária, no comércio e no serviço, sendo de maneira muito simples, principalmente aquelas voltadas para o abastecimento local, diferentemente quando consideramos a área urbana, as atividades são muito diversificadas. Isso mostra como a questão quantitativa não responde a definição do que é urbano, criando assim indagações nos países que se esforçam em definir o que é urbano, porém as suas escolhas se baseiam na busca de maiores lucros com a cobrança de impostos, como, por exemplo, o IPTU (imposto predial territorial urbano) que no Brasil é mais caro que o ITR (Imposto Territorial Rural).

Tanto que Corrêa (1989) defende que o espaço urbano seria simultaneamente articulado e fragmentado, sendo as articulações as ações humanas, os exemplos são dos mais diversos, como os investimentos de capitais, transações financeiras, a própria mais-valia, os juros etc. Esse espaço articulado integra diversas partes da cidade, estando elas ligadas, não necessariamente perto uma da outra, mas fazendo parte de um conjunto de ações. Estamos falando de fato de um espaço urbano, uma definição onde as relações humanas são mais intensas e desiguais ao mesmo tempo.

Se considerarmos essa mudança do espaço rural para o espaço urbano podemos mesmo perceber que essa transformação acaba causando um grande impacto na vida das pessoas, pois aquelas que antes moravam na área rural tinham seus ritmos de vida baseados na natureza, enquanto no espaço urbano o ritmo é o da máquina. Para Lefebvre (2011), as cidades na Europa acabaram potencializando o surgimento do espaço urbano. O processo industrial aperfeiçoou, dando novos significados ao espaço, pois diversos camponeses que eram do espaço rural migraram para a cidade, dinamizando a transformação do espaço.

Portanto, com a urbanização vai surgir um novo modo de viver, o campo tem fenômeno de outra ordem, com a sociedade e a vida urbana penetrando nos campos, acompanhando com os objetos consumidos no espaço urbano.

Já Corrêa (1989) vai trazer para o debate os agentes transformadores do espaço urbano e como isso nos ajudará a entender a formação da região metropolitana do Rio de Janeiro, mesmo que de forma breve. A questão da produção do espaço urbano tem em sua produção, os agentes, que em maioria se revezam na dinâmica da acumulação do capital.

Desta maneira, são apresentados cinco agentes produtores do espaço e como eles modelam a área urbana.

- 1) Os proprietários dos meios de produção, sobretudo os grandes industriais,
- 2) Os proprietários fundiários
- 3) Os promotores imobiliários...
- 4) O Estado
- 5) Os grupos sociais “excluídos” (desfavorecidos)

Os agentes produtores do espaço seriam os proprietários dos meios de produção (industriais), proprietários fundiários, proprietários imobiliários, Estado e os grupos sociais excluídos. A ação desses agentes se faz num marco jurídico que vai regular as suas ações. O

que fica claro é o marco regulatório que não é neutro, sendo o interesse da classe dominante, muitas vezes atendido.

Desta forma, os proprietários dos meios de produção são agentes que necessitam de terras grandes, os seus lucros acabam sendo atingidos pelo processo de especulação fundiária, essa relação dos agentes faz com que os valores incidam sobre o outro e acabem encadeando um movimento financeiro, assim, como o valor da terra é especulado pelo agente fundiário, esse movimento incide sobre o valor dos imóveis, atingindo conseqüentemente o valor dos aluguéis e isto afeta diretamente na pressão que os trabalhadores farão sobre o aumento dos salários.

Por conseguinte, Corrêa (1989) esclarece que em muitos casos há a existência dos conflitos dos proprietários fundiários com os donos dos meios de produção, por exemplo, uma área começa a ser valorizada, logo esses terrenos ficarão encarecidos, nesse quesito isso incide sobre a pressão da classe trabalhadora por melhores salários, para tirar o melhor proveito diante dessa situação, muitas indústrias saem das suas áreas encarecidas em busca de uma que ofereça melhores condições de infraestrutura, assim, essas mesmas indústrias loteiam seus terrenos que estavam sob o seu domínio, obtendo a lucratividade. Podemos pegar o caso do bairro de Neves no município São Gonçalo que fica na região metropolitana do Rio de Janeiro, ela teve as áreas industriais abandonadas, mas hoje virou uma região de valorização imobiliária, constatando o que Rolnick (2015) em seus estudos mostrou, os proprietários imobiliários passaram a agir com o mercado financeiro e a política da alienação fiduciária, principalmente a partir da década de 1990, diante de um cenário das ações liberalizantes, ou seja, o mercado financeiro passou a agir com mais contundência no Brasil no mercado de loteamentos em conjunto com os agentes imobiliários.

Desta maneira, outro agente que vem com interesses na acumulação de capitais são os proprietários fundiários, seu principal objetivo para obter maior lucratividade está na transformação da terra rural para a terra urbana, pois a expansão da cidade é o seu maior desejo, já que isso contribui na valorização do solo. Vale destacar, que as terras da periferia ganham destaque, apesar de existirem alguns tipos específicos de terras destinadas à especulação, a diferença está na localidade, no oferecimento se tem um mar próximo, uma lagoa, uma área arborizada, essas terras auferem uma valorização maior, geralmente essas áreas são destinadas às classes abastadas, entretanto em relação aquelas localizadas próximas, por exemplo, a áreas alagadiças, aos mangues, áreas conflituosas, são ocupadas geralmente por populações de baixo poder aquisitivo, o que nos chama a atenção são as classificações de periféricos, pois há um conflito conceitual, dessa forma, as regiões que são destinadas a uma população de maior renda

e esteja localizada numa área periférica muitas vezes não são consideradas periféricas, pois para muitos, o periférico está ligado a regiões empobrecidas. Podemos perceber tal fato na fala de Corrêa (1989).

Aos proprietários dos terrenos mal localizados, em periferias sem amenidades, resta apenas outra estratégia. Em uma cidade onde existe segregação socioespacial, com um setor periférico, não apenas distante do centro, mas sem amenidades, não atraindo, portanto, grupos sociais de elevado status, não resta aos proprietários fundiários senão o loteamento de suas terras como meio de extrair a renda da terra. E se trata de loteamentos populares, com o mínimo de infraestrutura.” (Corrêa, 1989. p.19).

Portanto, esse processo de loteamento foi muito presente em São Gonçalo desde a década de 1940, esse mecanismo de particionamento da terra se tornou um meio na obtenção de lucro, ou um meio de superar a crise econômica das terras improdutivas. Os proprietários fundiários trabalham na especulação, mas diante de um cenário como uma crise, a oferta acaba sendo maior, isso afeta nos valores dos terrenos, na condição de periferia em relação à região central do Rio de Janeiro, pós-década de 1940 no Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo presenciou um processo de loteamento em grande escala. Estamos aqui dando o exemplo de São Gonçalo para introduzirmos o assunto que veremos adiante no processo histórico de formação urbana do município.

Como os agentes estão em conflito e, ao mesmo tempo, se conectam por um único objetivo que é a obtenção dos lucros, eles convergem em sentidos dentro do sistema capitalista, pois caso contrário teriam a sua existência ameaçada, tanto que para os promotores imobiliários na escolha do terreno para compra, tem alguns quesitos que devem ser seguidos para não perder parte dos seus investimentos, como a localização, o tamanho do terreno, a qualidade do prédio, o estudo técnico, a construção e produção do imóvel, são meios de manter a sua sobrevivência no mercado competitivo.

Para Corrêa (1989) os promotores imobiliários não têm interesse em produzir habitações para as camadas populares, isso ocorreu quando houve a formação da metrópole fluminense, quando a ocupação dos imóveis no centro da cidade do Rio de Janeiro já estavam saturados, pois os agentes imobiliários assistindo uma baixa taxa de lucro nessa região passa a expandir a sua área de atuação para as áreas periféricas, tanto que desde a década de 1940 ao final da década de 1970 do século XX há um crescimento da metrópole com taxas de migrações inter-regionais, sendo a região Nordeste um dos destaques. Porém, é a partir da década de 1980 que o crescimento metropolitano ganhará mais força, conseguinte, os agentes passaram a investir

em regiões de expansão urbana, isso acabou corroborando com o deslocamento populacional. (LAGO, 2015).

Tal fato ocorreu, segundo (Corrêa, 1989. p.22), porque a única maneira dos proprietários imobiliários enxergarem uma forma de manter seus lucros é produzir as casas populares com a ajuda do Estado, mas isso não significa que todos estarão inclusos nesse processo, pois seu mercado é voltado para aqueles que podem pagar. E como os proprietários imobiliários conseguem tanta ajuda do Estado? É através da pressão da classe trabalhadora por uma residência, que a veemência do capital imobiliário vai de encontro com seus interesses, logo, o Estado acaba cedendo capitais para investimento nesse setor.

O Estado entra em cena, neste caso, ele é o grande responsável por organizar o espaço. Além disso, executa diversas funções como um investidor, um industrial, latifundiário e promotor imobiliário, além de ser um grande regulador do solo. Diante disto, acaba sendo um alvo dos movimentos sociais. Para (CORRÊA, 1989.p.24), o Estado capitalista não é neutro, como se fosse uma instituição fundamentada no equilíbrio social, econômico e espacial, mas as suas ações são pautadas de interesses e alianças, tendendo a privilegiar as classes dominantes. A pressão que a classe dominante faz para ser atendida com os seus interesses, acaba privilegiando o espaço onde habitam, seja com melhorias em infraestrutura ou até mesmo com os serviços de lazer, praças, segurança etc.

Essa desigualdade de investimentos e os privilégios da classe dominante sendo atendida gera desigualdades espaciais, essa valorização do solo de determinada região do espaço concebe problemas crônicos em regiões que não recebem os devidos investimentos e a população que mais sofre é a classe trabalhadora. O Estado, como agente regulador do solo e sua relação com as classes dominantes nos investimentos tem no espaço urbano uma relação intrínseca, tanto que Maricato (1996) reafirma que os governos negociam a divisão do solo urbano em sua gestão com empresas do mercado imobiliário, e isso existe desde o início do século XX, principalmente na tentativa de eliminar as favelas.

Essa divisão desigual e o privilégio que esses agentes produtores imobiliários adquirem do Estado contribuem na formação de favelas, conseguinte, quando se valoriza o solo e há uma demanda nessa área, isto reflete na valorização e encarecimento, fica quase impossível sobreviver nesse cenário para a classe trabalhadora, sendo consequente a expulsão da população de baixa renda. Isso não quer dizer que somente o Estado e os promotores imobiliários possuem essa relação próxima e irão transformar o espaço sozinhos, já que Corrêa (1989) mostra que os próprios grupos de trabalhadores são também transformadores do espaço, modificam-no como forma de resistência, vale lembrar que são formas de sobrevivência, não podemos esquecer que

trocam a sua força de trabalho por salários, por isso, produzem o espaço também fora da área periférica ou das favelas. Com o tempo os moradores vão melhorando as suas residências e através da pressão sobre o Estado conseguem algumas melhorias em infraestrutura, o que acaba por expulsar parcela da população mais empobrecida.

## **2 A FORMAÇÃO DO LESTE METROPOLITANO E AS MORADIAS NA REGIÃO PERIFÉRICA, O CASO DO MUNICÍPIO DE SÃO GONÇALO**

### **2.1 A formação da metrópole no leste metropolitano**

Para analisar o espaço urbano, é preciso estar atento às suas relações e ao sistema que o comanda, à relação de troca que se dá no espaço e à centralidade que uma cidade exerce sobre as outras.

Portanto, não existe uma realidade urbana sem um centro, sem um encontro de todos os objetos e sujeitos, onde há uma inevitável crise atrelada ao capitalismo, os centros de poder perifêrizam os espaços quando concentram as principais instituições e sede de empresas, além da valorização do solo, com isso parte da população que não consegue se manter nesse espaço, acabam procurando as regiões mais distantes, desta maneira, poderíamos classificar que o direito a cidade significa necessariamente a união, mas sabemos que isso nem sempre acontece, ter o direito a cidade é uma das lutas cotidianas da classe trabalhadora que tenta sobreviver diante das adversidades. Essa perifêrização passa muito pela valorização do solo que acaba encarecendo os terrenos nas áreas centrais e a população de baixa renda vai se espraiando para áreas onde o solo é mais barato. Contudo, o espaço urbano na sua concepção tem processos causadores da desigualdade na produção do espaço.

No trabalho de Corrêa (1989) é possível perceber esse procedimento de centralização e perifêrização no espaço urbano. E essa centralidade está ligada ao processo de convergência das atividades em um determinado espaço, isso trará uma concentração exacerbada, as consequências desse aspecto fará diversas empresas e indústrias saírem do centro da cidade. Para nos situarmos no tempo, percebemos que a área central surgiu mesmo antes da primeira revolução industrial no mundo, a rigidez do espaço marcou o uso intensivo do solo, principalmente pela relevância dos transportes sobre trilhos, cooperam com o ponto final do espaço central, tanto que esses pontos se ligam formando uma logística para o escoamento da produção das indústrias.

A área central se torna um lugar interessante para as empresas, principalmente pelo oferecimento da infraestrutura, essa centralização é classificada por Corrêa (1989) de CBD (Central Business District), tal fato, potencializa a concentração de pessoas que vão em busca de emprego, atraindo uma abundante mão-de-obra. A intensividade do uso e ocupação do solo

nessa área criará a valorização por metro quadrado. A verticalização nesse espaço se torna uma saída para superar os altos preços, onde se dá a construção de diversos edifícios de importância tanto empresarial como de instituições governamentais. Todavia, como o próprio sistema capitalista passa por crises, ele precisa se modificar e superar seus percalços, temos como exemplo esses problemas; os congestionamentos, a supervalorização do solo, a poluição etc.

Essas crises são partes estruturais para a modificação dos seus modelos de produção, com a crise da acumulação fordista e a ascensão do sistema flexível criou-se o aumento do desemprego e do trabalho informal, estes são empecilhos que darão novos rumos a decisões que serão que serão tomadas diante das dificuldades impostas na região central, as empresas verão uma oportunidade de expandir e encontrar novos mercados, podemos mesmo citar os promotores imobiliários, estes buscarão na região periférica uma maneira de aumentar seus lucros com o auxílio do Estado, por meio do sistema de financiamento.

Essa saída das empresas e moradias da área central pode ser considerada como o processo de descentralização, tanto por indústrias, como por novas moradias, motivado principalmente na busca de lucros pelas indústrias e com melhores condições para as habitações, contribuindo na expansão urbana. O Rio de Janeiro começa o século XX a ampliar-se no processo de urbanização em diversas direções no espaço, sendo o lado Leste da Baía de Guanabara, especificamente São Gonçalo, mais tardiamente um município atraente para esse tipo de investimento. Mas qual seria o interesse dos promotores imobiliários e de pessoas na região do lado Leste Fluminense? Para (CORRÊA, 1989. p. 46) alguns motivos levaram esses agentes a serem atraídos por novas áreas, as terras não ocupadas, os preços baixos e impostos, infraestrutura implantada, facilidades de transportes, qualidade de atrativos como topografia, drenagem e amenidades, foram alguns dos aspectos. Apesar dos apontamentos serem mais no setor industrial, vamos verificar que as moradias também tiveram esse reflexo.

Consequentemente, o crescimento do espaço urbano tem forte influência no surgimento de regiões metropolitanas pelo Brasil, tanto que Santos (1993) explica que dos anos de 1940 a 1980 há uma inversão na localização de moradias no país, pois da década de 1940 a 1980 a taxa de crescimento foi de 26,35% a 68,86%. Para termos uma noção em números, podemos constatar que cidades que antes tinham 20 mil habitantes eram consideradas cidades médias, mas sabemos que esse número já não é o suficiente a partir das décadas de 1960/1970, pois com as altas taxas de migrações do campo para a cidade, uma cidade agora para ser considerada média ela precisa ter pelo menos mais de 100 mil habitantes.

Essa taxa de crescimento constituirá a transformação no espaço urbano, fazendo surgir diversas regiões metropolitanas. No entanto, como podemos definir o que é uma região

metropolitana? A sua definição pode ser mostrada mediante autores que nos ajudarão a entender esse processo, pois “[...] a metrópole constitui um tipo especial de cidade, que se distingue das menores não apenas por sua dimensão, mas por uma série de fatos, quer de natureza quantitativa, quer de natureza qualitativa. (SANTOS, 1993 et al., junto de LANGENBUCH et al., 1971, p.1).

Para definir uma metrópole, ela inicialmente precisa ser diferenciada de todas as outras áreas urbanas, seja ela qualitativa ou quantitativa, havendo algumas definições que podem exemplificar de forma mais clara para entendermos no geral, assim a sua classificação, segundo Santos (1993, p.84) mostra:

- a) São formadas por mais de um município, com o município núcleo – que lhe dá o nome – representando uma área bem maior que as demais;
- b) São objeto de programas especiais, levados adiante por organismos regionais especialmente criados, com a utilização de normas e recursos em boa parte federais.

A região metropolitana se torna um conglomerado urbano onde as cidades estão conurbadas e mantém uma gigante mancha urbana, ligadas principalmente pelas rodovias. Devido a isso, devemos levar em consideração outros aspectos que podem nos ajudar na sua compreensão enquanto metrópole, levando em consideração a concentração de pessoas, de serviços, infraestrutura, de interesses coletivos, desta maneira, essas particularidades nos ajudam a definir uma região metropolitana, fato que nos leva a crer e buscar entender a região metropolitana do Rio de Janeiro.

Para Lencioni (2017) o espaço pode ser considerado uma metrópole quando possuem todos os mecanismos, infraestrutura, intenso fluxo de pessoas, mercadorias, de capitais etc., sendo assim, também dialoga na construção da ideia do espaço metropolizado e o espaço não metropolizado, nesse aspecto os espaços metropolizados seriam aqueles ligados a cidade pelo grande fluxo de pessoas, mercadorias, capitais, fluxos bastante intensos nos eixos de urbanização. Assim, a definição de não metropolizado para diferenciar, seria considerado com uma densidade demográfica não só rural, mas particularmente fraca, desta maneira o espaço metropolizado tem as suas características mais similares, enquanto o não metropolizado mais heterogêneo, levando em consideração o espaço urbano.

Nesse sentido, a metrópole ou espaço metropolizado passa por uma metamorfose, muitos termos passaram a defini-la, como vimos em (SANTOS, 1993), porém o que nos chama a atenção é que nenhum deles omite a palavra cidade, pólis, adotando assim um sentido urbano.

Isto posto, a metamorfose do espaço metropolitano poderia ser assim definida, classificado da seguinte maneira, primeiro, o fundamento não é sobre a transição rural para o

urbano, diga-se de passagem, mas a percepção que o desenvolvimento da metrópole com a urbanização já avançou e muito, restando aos espaços vazios as especulações, porém há ainda uma contenção no processo de avanço da urbanização nas franjas urbanas. O segundo seria a metropolização do espaço que tem uma grande região em escala territorial com limites dinâmicos e confusos. O terceiro seria uma nítida fragmentação territorial e uma transparente segregação socioespacial, ao lado de espaços bastante homogêneos. O quarto seriam as características da definição das antigas hierarquias urbanas entre as cidades e regiões e suas relações e por último o quinto seria mostrar à sociedade desigual em espaços de grande concentração de capital em investimentos globalizados e por fim em espaços muito pobres com populações marginalizadas. De maneira clara, esse processo de transformação da metrópole só demonstra como ela se apresenta atualmente na sua dinâmica espacial. (LENCIONI, 2017).

Segundo Da Silva (2016), a metropolização tem características específicas, porém alguns aspectos são necessários analisar, observando principalmente a concentração de pessoas e as atividades econômicas. A concentração populacional na cidade do Rio de Janeiro levou a uma valorização do solo urbano, tal fato provocou uma expansão metropolitana que está ligada a criação de loteamentos para populações de baixa renda ou pela expulsão das terras centrais que eram valorizadas. Nesse sentido, a importância de uma área metropolitana na expansão da mesma está na criação de áreas residenciais. Nesse sentido, a região metropolitana pode ser vista de duas maneiras, uma que é a definição da região metropolitana a partir do olhar político-administrativo e a outra, chamada por Da Silva (2016), de metropolização, não considerando apenas a questão político-administrativa, mas as outras relações que se dão na região metropolitana, chamada de área integrada. Desta maneira, estabelece essa diferença de região metropolitana definida politicamente e com interesses das elites locais, e a região metropolitana vista de modo integrado.

A metropolização tem na sua formação a expansão territorial, ligada principalmente por vias rodoviárias, aliás, prioridade dada no país por esse meio deste transporte, tem sido um auxílio no avanço da metrópole. Sendo assim, a metrópole passa a ser definida a partir do tamanho da população, densidade demográfica, presença de atividades econômicas urbanas e pendulares. Assim, para Silva (2016), a expansão da área metropolitana surge quando:

A área metropolitana corresponde às áreas urbanas e rurais, contíguas à metrópole, que vão sendo integradas a partir da expansão territorial que resulta na conurbação, que é marca distintiva dessa área. Tal expansão é motivada fundamentalmente pela necessidade de moradia de trabalhadores de baixa renda que buscam emprego principalmente na metrópole. A região metropolitana é conformada pela integração espacial, que integra áreas conurbadas e não conurbadas a dinâmica metropolitana,

principalmente pelos fluxos pendulares que ligam trabalhadores residentes em áreas fora da metrópole aos centros de emprego que estão principalmente na metrópole. (Silva, 2016. p. 39-40)

O emprego, a questão da moradia e o movimento pendular são marcas de uma metrópole dinâmica que tem na sua configuração interna a dinâmica espacial, a classe trabalhadora que foi em busca de terrenos mais baratos intensificaram a ocupação do solo, e com isso dinamizaram os fluxos de pessoas e a expansão metropolitana. O movimento pendular acaba sendo refém dos meios de transportes ineficientes, o trabalhador além de trabalhar geralmente oito horas diárias, passam disso muitas vezes com as chamadas horas extras, sem falar ainda no enfrentamento do intenso engarrafamento na ida e na volta, aumentando as suas horas no trajeto casa-trabalho e trabalho-casa, esse movimento pendular gera ainda um maior cansaço na vida do trabalhador. Com uma região periférica distante dos centros urbanos, a moradia e o acesso aos meios de transporte se tornam dois problemas a serem enfrentados, como o seu poder aquisitivo não lhe oferece a escolha de ficar próximo ao seu posto de trabalho, as regiões mais distantes acabam sendo mais rentáveis, motivo que leva a contribuição do aumento da mancha urbana, dando forma assim a metrópole.

Para Carlos (2015) a região metropolitana foi se formando e com ela o espaço urbano, sendo assim, em seu desenvolvimento histórico os espaços que antes eram de chácaras e sítios vão sendo loteados e dando lugar a vazios urbanos, os lotes que não foram vendidos são destinados a especulação no intuito da valorização com o passar do tempo, portanto, esses espaços entram no circuito de troca. Logo, o espaço mercadoria entra em disputa dos indivíduos gerando conflitos, ao mesmo tempo, numa reprodução do espaço se transformando em uma sociedade hierarquizada. O fato é que, essa expansão do espaço urbano criará esses vazios que serão terrenos de especulações, com isso, criando uma cidade desigual, pois só poderá comprar esse lote quem tem o poder aquisitivo para adquiri-lo.

O Estado se torna um agente que tenta mediar o conflito de classes, em determinado momento fará o seu papel de agente social, levando investimento nas áreas mais pobres, a exemplo, como a construção de moradias populares no objetivo de diminuir a pressão dos trabalhadores, mas é importante salientar que o Estado age em prol também das empresas e dos proprietários como vimos, pois ele tem a sua ação em favor da reprodução do capital, principalmente investindo nas áreas de maior valorização do solo, suas ações são baseadas nos investimentos em infraestrutura transformando o espaço e facilitando a acumulação do capital. Esse movimento de reprodução do espaço metropolitano em muitos lugares foi causado também pelo deslocamento das indústrias, deixando principalmente vazios urbanos. Quando analisamos

o contexto passado, no caso de São Gonçalo, os casos das antigas fazendas que foram loteadas ajudaram nos vazios urbanos, como também uma certa expansão incipiente de terrenos desocupados em áreas industriais, pois diversas indústrias saíram e tornaram-se lotes para serem fracionados dando lugar para a habitação, como ocorreu com o bairro de Neves em São Gonçalo, há um novo rumo nessa área de revalorização pelo crescimento residencial, decorrente da mercantilização do solo.

Contudo, a expansão da região metropolitana e da zona periférica passou por diversos fatores, como a influência da área central e suas periferias. Essas periferias ganham novas dinâmicas com o passar das décadas do século XX. É necessário observar esse jogo de centralidade e periferia, pois uma área influencia a outra, numa dinâmica do capital, onde o solo, o mercado de trabalho, o fluxo de pessoas e as mercadorias atingem o cotidiano dos cidadãos. A região metropolitana tem isso de singular.

Isto posto, a formação do espaço metropolitano inicia a partir de um conjunto de fatores que tem no seu contexto histórico algumas questões. Nessa perspectiva, Viana (2019) e Da Silva (2016) apontam para uma tendência histórica de concentração das atividades no fortalecimento de centralidade, sendo assim, apesar de futuramente haver diversas centralidades na região metropolitana, temos no seu contexto histórico a cidade do Rio de Janeiro como a que influencia as outras regiões.

Podemos perceber que Da Silva (2016) tem mostrado em seu trabalho o papel das estruturas e como elas foram essenciais nesse processo, como foi o caso dos meios de transportes, os das ferrovias e logo depois das rodovias, sendo a ferrovia no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX e as rodovias no início do século XX, até os dias atuais.

O centro de poder federal e financeiro da cidade do Rio de Janeiro se consolida num processo de metropolização, nessa questão existem dois momentos importantes, sendo este a expansão industrial seguindo dois eixos de expansão das linhas sobre trilhos, uma em direção à baixada fluminense através da estrada de ferro Central do Brasil e Rio do Ouro e no outro lado o Leste da Baía de Guanabara com a Estrada de Ferro Leopoldina em direção ao município de São Gonçalo ligando Barreto, Neves e Alcântara.

Tal fato é tão importante que a cidade passa por diversos momentos no ponto de vista político administrativo, desde a Capital federal (1763-1960) com a questão mais tardiamente com a criação da região metropolitana no ano de 1974, indicando principalmente a fusão do estado de Rio de Janeiro e Guanabara. Essas funções contribuem na organização do desenvolvimento urbano da cidade. Assim, passado uns 40 anos a região metropolitana foi ganhando forma, sendo uma nova maneira espacial de organização. Após a década de 1970, a

região metropolitana ganha novas características, principalmente pela questão migratória e pela oferta dos postos de trabalho. O aumento exponencial de pessoas na região metropolitana tem como São Paulo e Rio de Janeiro as cidades que se destacam nesse quesito (Rosa, 2017 & Santos, 1990), lembram que, entre 1970 e 1980, as regiões metropolitanas respectivamente receberam 9,5 milhões de pessoas e 6,5 milhões, sendo grande parte direcionada para as periferias.

A criação da região metropolitana do Rio de Janeiro surge administrativamente a partir da década de 1974, onde as relações entre os municípios eram articuladas pela modernização dos acessos viários. Se pegarmos o lado Leste da Baía de Guanabara, vamos verificar que as principais rodovias de ligação são a BR-101 e a RJ-104, dando nova dinâmica na ocupação do espaço do Leste metropolitano do Rio de Janeiro. Assim, Rosa (2017) aponta o objetivo tanto do desenvolvimento da cidade do Rio de Janeiro, que tinha acabado de perder a sua importância política como capital do país, mas também para manter a sua influência sobre os municípios limítrofes.

No ano seguinte à criação da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, ocorre a fusão dos estados da Guanabara (atual cidade do Rio de Janeiro) com o antigo estado do Rio de Janeiro. Niterói deixa de ser capital do estado e a região metropolitana passa a ser composta por estes da mesma unidade da federação. O processo da fusão dos dois estados – proposto no ano anterior pela lei complementar n.º 20, de 1º de julho de 1974, se completou em 15 de março de 1975, com a posse do governador Floriano Peixoto Faria Lima. O plano visava fomentar a articulação e o desenvolvimento entre a rica Guanabara e um estado do Rio marcado pelo baixo desempenho econômico. (ROSA, 2017). p. 78)

Nesse caso, a criação da região metropolitana visava o desenvolvimento dessa região, devido principalmente a transferência da capital federal para Brasília. Esse processo fica marcado pela desconcentração industrial, o marco da formação da região metropolitana vem atrelada a saída de diversas indústrias importantes na economia fluminense. Outro fator que pode explicar a questão da desindustrialização na região metropolitana, foi a falta de investimento na modernização dessas indústrias.

Esse movimento de formação da região metropolitana e a mudança da capital federal para Brasília, traz uma dinâmica no espaço urbano para a formação da metrópole, tanto que para Carlos (2015) a produção do espaço e a sua reprodução tem sido tomada pela hegemonia do capital industrial onde vai perdurar pelo século XX, porém essa questão vem carregada de contradições no espaço, pois a produção do espaço está sob a égide do capitalismo na lógica da reprodução do espaço, tendo a região metropolitana a sua formação. Logo, aqueles lotes que

não foram vendidos, tem o objetivo de esperar a sua valorização, entrando no mecanismo de especulação, esses espaços entram num circuito de troca.

Essa produção do espaço está atrelada a uma nova fase da urbanização no Brasil, pois foi após a década de 1960 que o Brasil passou a possuir um maior número de cidades e um pequeno número de metrópoles, ela então assume funções metropolitanas, concentrando as atividades econômicas. Essa questão é gerada pela expansão industrial sob a hegemonia monopolista da ordem urbana, iniciado com Getúlio Vargas e na abertura econômica com Juscelino Kubitschek e o seu plano de Metas, essa metropolização ganha força antes da década de 1970 com a intensa imigração com cerca de 30 milhões de pessoas, (Carvalho, 2016. p. 155). Assim, a mobilização da força de trabalho via migração- metropolização possibilitou uma ordem urbana desigual e combinada.

Nesse sentido, o processo industrial com maior dinâmica se dá no início do século XX e se prolonga até a década de 1970, quando a mudança do sistema produtivo trará crises devido à competitividade com outras regiões do país. Desta maneira, a mudança dos rumos do capital revisita a hegemonia do capital financeiro, pois até meados do século XX o capital industrial dominava o mercado, mas com o passar do tempo, o capital acabou procurando novos direcionamentos devido à baixa rentabilidade dos investimentos industriais, marcando assim uma ruptura da hegemonia do capital industrial, sendo identificado como período fordista, (LENCIONI, 2017). Vale ressaltar que a região metropolitana do Rio de Janeiro passará por um processo de desindustrialização, ligado à sua baixa competitividade das indústrias na região metropolitana (Rosa, 2017. p.82) relata que esse fator se deu devido a outras regiões do Brasil que apresentaram um crescimento industrial, mas no caso das indústrias que pertencem à região metropolitana fluminense apresentaram um declínio, diferentemente das indústrias do setor alimentício, estes não foram influenciados pelo processo, uma vez que acompanhou o número de pessoas que são consumidoras dos produtos que vinha crescendo na região metropolitana do Rio de Janeiro.

A crise econômica no Rio de Janeiro trará fortes impactos nos espaços urbanos, diante de um cenário nacional e regional de competitividade das indústrias, principalmente as do Sudeste, o Rio de Janeiro verá um grande impacto na parte econômica no setor industrial, iniciando pós década de 1930 e sendo potencializada no ano de 1980 quando as indústrias estavam mais obsoletas, nesse processo, São Paulo passa a ser destaque na área industrial, o que torna o Rio de Janeiro e principalmente a sua região metropolitana muito dependente do setor terciário.

O Rio de Janeiro viu a sua indústria naval falir, sendo a principal causa os subsídios que eram dados pelo governo federal e foram diminuindo, isso se somou ao processo de configuração de uma reestruturação produtiva, com profundas transformações, relacionado a transição do regime fordista para o de acumulação flexível. Para Da Silva (2016), uma das explicações para a crise no Rio de Janeiro e para a região metropolitana foi a crise nas indústrias, os fechamentos de diversas fábricas, motivado pela reestruturação produtiva. Fica claro, quando (Da Silva, 2016 apud Ribeiro, 1999, p. 11) cita sobre a questão da crise da indústria e o avanço da terceirização, apontam para uma economia urbana de sobrevivência, assim:

Podemos supor que a desindustrialização do Rio de Janeiro não apresenta sinais que indiquem ser o resultado de um novo papel da metrópole na reestruturação produtiva. A crescente terciarização da economia fluminense apresenta sinais regressivos, enquanto é puxada por duas dinâmicas de informalidade. De um lado, o crescimento de um polo de informalidade integrado às empresas, fruto da estratégia de ajustamento defensivo, que, diante de incertezas geradas pela crise, adotam uma espécie de flexibilidade espúria pela qual diminuem os custos e socializam os riscos. De outro lado, a terciarização do Rio de Janeiro teria também como origem, a expansão de uma espécie de economia urbana da sobrevivência, caracterizada pela predominância de um vasto contingente de prestadores de serviços pessoais, ambulantes, biscateiros etc., com baixa qualificação.” (Da Silva, 2016. p. 80)

Com o ajustamento das empresas e de uma sociedade capitalista, a sociedade fluminense passa por dificuldades socioeconômicas e com isso a terciarização e a economia urbana da sobrevivência expandem na região metropolitana do Rio de Janeiro, com a ideologia capitalista do crescimento a partir do seu próprio negócio. A pobreza e essa característica de mercado de trabalho, traz uma pauperização em grande escala na metrópole, onde o mercado imobiliário impacta diretamente na relação de compra e venda de imóveis, sendo assinalado pelo aumento expressivo da ocupação da área periférica.

Para Da Silva, (2016), a reestruturação produtiva no Rio de Janeiro passa mais por destruição do que reconstrução e isso afeta a economia, dando margem a uma crise que tem na terciarização uma defensiva para superar as dificuldades, estando ligado ao colapso econômico presenciado na década de 1980 no setor industrial, se refletindo na região metropolitana num processo de desindustrialização regressiva, reduzindo, em geral, a renda dos trabalhadores, em consequência do aumento do trabalho informal. Uma das ideologias pregadas pelo próprio neoliberalismo, a privatização das empresas estatais, a desindustrialização como meio de superar as crises, potencializou a flexibilidade trabalhista e o conseqüentemente o aumento da pobreza.

Atualmente os países capitalistas mais hegemônicos e os que possuem a maior concentração de riquezas tem os seus setores da economia mais voltados para o terciário, o

processo da flexibilização do trabalho também atinge esses países mais periféricos. Como, por exemplo o Brasil e especificamente o Estado do Rio de Janeiro também viu nas décadas de 1940 a 1970 um intenso fluxo imigratório e junto a metropolização o aumento do desemprego, viu a expansão das favelas e o processo de centralização da cidade do Rio de Janeiro, em consequência do aumento considerável da expansão das periferias.

Tabela 1 – População residente, por município, na porção Leste da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, no período de 1940-2010

Municípios	População residente							
	1940 (1)	1950 (1)	1960	1970	1980	1991	2000	2010
Itaboraí	15 362	19 472	31 956	54 544	95 723	139 493	187 479	218 008
Guapimirim	3 774	7 026	8 631	14 467	23 188	28 001	37 952	51 483
Magé	19 627	29 735	50 445	98 556	143 414	163 733	205 830	227 322
Maricá	18 892	18 976	19 468	23 664	32 618	46 545	76 737	127 461
Niterói	146 414	186 309	245 467	324 246	397 123	436 155	459 451	487 562
São Gonçalo	85 521	127 276	247 754	430 271	615 352	779 832	891 119	999 728
Tanguá	9 008	10 756	9 783	11 368	40 895	23 249	26 057	30 732

Fonte: IBGE e Fundação CEPERJ. Anuário Estatístico do Estado do Rio de Janeiro – 2012.

Desta forma, consideramos que há um aumento expressivo da população residente da região metropolitana do Rio de Janeiro, de 1940 a 2010. Podemos notar uma dinâmica de crescimento com a crise econômica no Rio de Janeiro em curso. Essa crise econômica e a reestruturação produtiva contribuiu com o aumento de uma população de baixa renda que acabaram procurando terrenos mais baratos na área periférica. Esse crescimento populacional esteve muito ligado ao mercado imobiliário, pois ele foi comandando as ações, já que os promotores fundiários aproveitam para praticar as especulações e os imobiliários na valorização dos imóveis, eles vão dando a dinâmica ao espaço, restando a população mais pobre habitar moradias em regiões sem amenidades, pois muitos desses locais são de mangues, estão sem infraestrutura, sem calçamento, sem saneamento básico, etc., muitas dessas habitações são consideradas ilegais nos parâmetros urbanos. Na região periférica apesar de termos alguns espaços ocupados com uma área com amenidades e considerada legal, vamos ter outros locais que não são reconhecidos pelos governos como legais. Essa dinâmica mais tarde terá outro movimento como veremos a frente, quando determinados municípios da região metropolitana

vão presenciar a diminuição da sua população, o que foi constatado no último censo do IBGE em 2022.

Para Maricato (1996) essas questões do solo urbano passam pelo modelo regulatório e um dos problemas percebidos são, as mais de 50% das cidades brasileiras de residentes em habitações ilegais. Sendo assim, a pretensão burguesa é que o Estado faça cumprir as leis, dessa maneira pressionam para a regularização. Nota-se que essas áreas quando são consideradas ilegais passam muito pelo mapeamento virtual, esse mapeamento é feito por imagens de satélites, onde os agentes que deveriam ir a campo fazer as análises, ficam em seus escritórios delegando onde é legal e onde não é, considerando uma cidade a partir do virtual, (MARZULO, 2015). Desta maneira, ficar em seus gabinetes e fazer um mapeamento sem reconhecer a realidade dessas pessoas, colabora para a marginalização dessas áreas vistas como regiões que não estão na legalidade. Essa padronização do que é legal e o que não é, passa muito pelas leis rígidas que contribuem para os casos de corrupção na aprovação de plantas. (MARICATO, 1996).

A questão habitacional se torna um problema urbano para os gestores públicos resolverem na distribuição dos serviços, ao longo do trabalho vamos perceber que os investimentos se concentram bastante nas áreas mais centrais ou em áreas de concentrações empresariais e mais recentemente em locais de condomínios exclusivos, pois a pressão que esses moradores realizam aos administradores públicos é maior.

## **2.2 A questão habitacional na região do leste metropolitana do Rio de Janeiro**

Para falarmos de habitação no Brasil e principalmente na região metropolitana do Rio de Janeiro, temos de levar em consideração que o desenvolvimento urbano tem as suas ideias baseadas no capitalismo ocidental.

Ademais, Santos (1993) nos mostrou já nos anos de 1940 a 1980, que a população brasileira iniciava uma mudança na localização de suas moradias, pois estavam na sua maior parte vivendo no campo, então passam cada vez mais a procurarem as cidades, nesse sentido contribuem para o aumento da taxa de urbanização. Como foi apontado anteriormente, essa nova realidade de categorização de cidade média devido ao alto número de migrantes do campo para a cidade tem na década de 1970 o seu marco principal, pois apesar de possuir em números de moradia a maioria vivendo no espaço urbano, ainda o espaço rural tinha um número

significativo de habitantes. Temos de levar em consideração que as favelas já preexistiam na cidade do Rio de Janeiro nos primeiros anos do século XX, fica evidente que a migração da população rural para a cidade ocorria há anos e cooperou com a formação das favelas como aponta Souza (2020), mas se potencializaram no pós-anos 1940, numa expansão de moradias precárias.

Com o passar do tempo, a imagem do espaço urbano é modificada de um lugar de progresso e avançado, para o lugar da violência, da poluição, da criança desamparada, do tráfego caótico e de outros problemas (MARICATO, 1996). Segundo Santos (1986) a sociedade brasileira teve incutida nas suas ideias a questão do progresso através da modernização, chegando até as cidades era preciso desfrutar dos benefícios desses avanços, como o pleno emprego, a assistência social, porém isso se tornou uma utopia para muitos brasileiros, já que são poucos que podem usufruir desses serviços.

A visão do mundo urbano construído no início do século XX e a imagem criada na virada para o século XXI mostram como a urbanização avançou, mas os benefícios para a classe trabalhadora foram pouco expressivos. Com a valorização do solo nas áreas estratégicas para os agentes imobiliários e os fundiários, a classe trabalhadora teve que buscar os locais com terrenos sem amenidades e desvalorizados. A questão global também tem influência no regional e local, tanto que essa questão foi sentida no país, sendo refletida na metrópole, principalmente pós década de 1990, causado pelo neoliberalismo.

Depois dos anos 1970, houve um impacto com a mundialização do modelo produtivo como o toyotismo, sendo acionado junto a ele o neoliberalismo na década de 1990, pois a coesão causada por essas políticas trará fortes prejuízos para a classe trabalhadora. Há uma preocupação quanto a condição de trabalho da população brasileira, pois segundo Maricato (1996) o relatório de desenvolvimento do banco mundial nos apresenta que o Brasil é um dos países mais desiguais do planeta, onde 10% da população concentram 51% da renda e os 20% dos mais pobres ficaram com 2,1%, essa desigualdade ficou muito clara no período da década de 1980 até 1992, contando com isso, o aumento na taxa de urbanização, que foi para 736%, desta maneira, a concentração de renda será um fator preponderante para o processo de periferização nas grandes metrópoles, onde as favelas vão ganhar grandes proporções. (MARICATO, 1996. p. 51)

Para Maricato (1996), exclusão social, cultural, ambiental, legal, não é uma característica que chegou junto à globalização, mas sim uma novidade advinda da década de 1980, onde a violência expressa na criminalidade, em particular nos homicídios, está explanada nessa violência da exclusão social. Conseqüente, o processo da globalização e o aumento da

concentração de renda e a miserabilidade, acentuou a crise econômica e social, isso acarreta em diversos problemas, quando olhamos os crimes que são praticados muitos deles estão atrelados a falta de acesso aos meios essenciais a vida humana, o cultural como forma de obter acesso ao conhecimento, o legal para não ficar na marginalidade da sociedade, ter seus direitos reconhecidos e o ambiental como a essência da vida, pois diversos lugares são negligenciados e milhares de pessoas vivem em situação extrema, como córregos de esgoto em sua porta, rios poluídos, aliás o mal cheiro faz parte do seu cotidiano. Como na sociedade desigual os estereótipos criados, principalmente pelas elites ligam a violência ao delinquente marginal ou aos mais pobres, isto tem em seu conceito classista uma sociedade que protege o seu patrimônio, dando pouca importância a como esses pobres vivem. Quando os problemas concernentes as sociedades acontecem, muitos não lembram que já há uma violência anterior a essa população mais vulnerável, que muitas vezes se expressa de uma maneira que atinja a sociedade de alguma forma, como uma questão que reativa a tudo que lhe foi imposto.

Desta maneira, legislação/mercado fundiário e exclusão estão interligados, segundo Maricato (1996) o lugar que mais se torna evidente nesse processo é a região metropolitana, a exemplo da legislação, pois está mais para o capital do que para o benefício da população em geral, o mercado fundiário funciona de acordo com esses processos, são exatamente nas áreas rejeitadas pelo mercado imobiliário e nas áreas desvalorizadas ou públicas que a população mais pobre vai instalar-se. Assim sendo, podemos afirmar que essas exclusões estão relacionadas a esse mercado imobiliário, onde a legislação protege os agentes do mercado fundiário/imobiliário, restando as classes mais empobrecidas a busca por locais de baixa valorização, com condições socioambientais de difícil acesso, isso corrobora com uma crise da violência no meio urbano.

Então, a ilegalidade em relação à posse da terra fornece uma base para a exclusão, aliás podemos perceber os excluídos de determinados benefícios sem o direito de acesso à terra. O que queremos demonstrar aqui é que a questão da legalidade ajuda mais o mercado imobiliário do que a população mais pauperizada, tendo impacto direto na produção do espaço geográfico.

Deste modo, compreender o comportamento do direcionamento dessa classe trabalhadora no espaço metropolitano no Rio de Janeiro é um dos caminhos tomados na produção do espaço urbano, as estratégias locacionais dos setores populares estão condicionadas a espaços que não foram mercantilizados pelo setor imobiliário empresarial, logo terras sem infraestrutura viraram o destino da maioria da classe trabalhadora e aqueles que puderam adquirir um imóvel foram pelo caminho do financiamento, onde mais tarde o agente fundiário dará lugar ao agente imobiliário. Essa mercantilização foi apoiada pelo SFH (sistema

financeiro de habitação), aonde irá se consolidar na metrópole com um novo padrão de produção do espaço através da expansão das incorporadoras imobiliárias. Assim, a valorização da terra deixou de ser “reserva de valor” para a valorização do capital, portanto os pequenos proprietários de terra foram dando lugar a grandes empresas imobiliárias, pois elas vêm comprando essas terras e produzindo edificações valorosas (LAGOS & CARDOSO, 2015).

Desta forma, há uma dinâmica de remoção da população da favela para conjuntos habitacionais nas regiões periféricas que acabou sendo intensificada, produzindo a segregação socioespacial, consolidando a periferia como o espaço dos pobres. Desta forma, isso se inicia com a política de remoção das favelas no governo de Carlos Frederico Werneck de Lacerda, em 1960, pois as favelas estavam em expansão na cidade do Rio de Janeiro. Lacerda, tinha o interesse de renovar o espaço urbano e com isso colocou em prática o projeto de remoção das favelas, sendo assim, ele acaba transferindo populações de algumas favelas distante da área central, com o processo de formação dos conjuntos habitacionais, o que deu origem a Cidade de Deus, em Jacarepaguá.

Mas é a partir de meados da década de 80 que a estrutura urbana vai sendo modificada com o fim do SFH, isso foi somado a estagnação da economia brasileira na década chamada de “perdida”, conseqüentemente com o impacto direto nas construções habitacionais, onde o Estado não se insere tanto, pois os recursos agora dependem muito dos compradores, assim, ao final dos anos de 1990 o mercado empresarial concentra seu negócio nas populações de renda alta. Tal fato contribui para o aumento das favelas nas áreas urbanas, com a densificação e o surgimento de novas favelas nas áreas periféricas, como o caso de São Gonçalo.

É possível assistirmos dois movimentos de crédito no sistema de financiamento e isso criará fortes impactos na região metropolitana do Rio de Janeiro. Os programas nacionais apontados são a reestruturação do FGTS (Fundo de garantia por tempo de serviço) que passa a ser utilizado para financiamento de habitação, sendo responsabilidade dos governos municipais. O governo Federal dá continuidade a municipalização da política habitacional e a criação de carta de crédito através do FGTS e do SBPE (sistema brasileiro de poupança e crédito). Esses mecanismos alavancaram o mercado imobiliário.

Porém, uma crise irá surgir na economia brasileira, com impacto direto no mercado, seguindo primeiro pelas crises internacionais, pela crise asiática em 1997 e a russa em 1998. Novos mecanismos de ajustes serão tomados, uma delas seria um acordo com o FMI (Fundo Monetário Internacional) que envolve um forte ajuste fiscal, aumentando consideravelmente a taxa de juros. Esses momentos de crise foram distintos, como aponta (CARDOSO & LAGO,

2015) para exemplificar como isso afetou a vida da população na região metropolitana do Rio de Janeiro.

A crise econômica irá repercutir na política habitacional do governo em dois níveis distintos: em primeiro lugar, a elevação de juros tem um impacto forte na retração geral do crédito, que já vinha apresentando sinais de queda após os primeiros impactos positivos gerados pela estabilização da economia. Os juros altos elevam significativamente o custo dos empréstimos habitacionais, o que acaba reduzindo a importância do programa Carta de Crédito. Em segundo lugar, as restrições ao gasto e ao endividamento público vão implicar em um estancamento do financiamento ao setor público, paralisando praticamente o programa Pró-moradia e reduzindo expressivamente os (já escassos) recursos do orçamento geral da União (OGU) alocados em habitação. (CARDOSO & LAGOS, 2015. p. 324-325).

Essa crise gera dificuldades na obtenção de créditos e também na aquisição de moradias, causando impacto direto no mercado imobiliário. O que assistimos é a miscelânea entre Estado e os promotores imobiliários imbricados num campo mercadológico, mas atingidos pela crise financeira. Com os juros elevados, o mercado imobiliário se viu em crise profunda, pois sem os investimentos maciços por parte do Estado os seus lucros diminuía, isso causou fortes choques na acumulação de capitais. Alguma solução deveria ser tomada pelos agentes do setor imobiliário e pelo Estado para superar a crise, e a principal delas foi usar o Programa de Arrendamento Residencial (PAR). Nesse embate entra em ação os municípios, uma medida em facilitar o processo, nisso com a flexibilização das leis e principalmente a urbanística, além de oferecer os incentivos fiscais com doação de terrenos.

As ações dos agentes imobiliários e do Estado potencializaram a questão da moradia e do financiamento, sendo uma das estratégias para atingir as camadas de renda inferior, o formato do uso do SBPE e do modelo organizacional do programa Minha Casa Minha Vida (MCMV), o que privilegia o setor privado como agente promotor da política habitacional. Mas há outras maneiras ainda para dinamizar a venda de moradias, como o PSH (Programa de Subsídio Habitacional) um artifício de subsidiar de forma direta a compra de uma moradia para os setores de baixa renda, destinado a pessoas com renda de até 3 Salários-mínimos.

Mas Cardoso & Lago (2015) afirmam que é a partir do ano de 2005 que o cenário começa a mudar, pois o setor público retoma os projetos na área da construção, o que impacta diretamente a região da metrópole fluminense, como o caso da expansão dos conjuntos habitacionais do programa minha casa e minha vida.

O programa de habitação popular é uma estratégia para mitigar o colapso da questão habitacional, onde foi impulsionada com a crise econômica no ano de 2008, mas não podemos deixar de citar que esse programa tem um projeto político baseado na construção civil como

elemento-chave para dinamizar a economia e o consumo como inclusão social. Mas também lembrar, como esse programa possibilitou a residência para diversas pessoas de baixa renda, onde jamais teriam a capacidade de adquirir um teto, aonde parte significativa das famílias segundo os estudos, identificaram que elas estão satisfeitas com a nova condição de moradia, mesmo sabendo da baixa qualidade construtiva dos empreendimentos e a dificuldade inerente a mudança de endereço. (CARDOSO & JAENISCH, 2014).

A região metropolitana do Rio de Janeiro foi a segunda que mais contratou o programa MCMV (Minha Casa e Minha Vida), foram até 2012, 378 empreendimentos, num total de 99.715 novas unidades habitacionais, mas o que nos chama atenção são essas habitações no lado Leste Metropolitano, podemos mesmo citar as cidades de São Gonçalo, Magé, Itaboraí e Maricá. Num dado onde mostra a população com um déficit habitacional, São Gonçalo se destaca por ter 26.816 pessoas com déficit habitacional, mas apenas 6.056 foram contemplados, se olharmos Maricá ela possui uma população com déficit habitacional de 4.677 pessoas, foi contemplada com 2.079 moradias, num grau de comparação a população de São Gonçalo em números absolutos de atendimento, foi pouco significativo, causando ainda um impacto nas moradias e de certa maneira não modificando muito o cenário habitacional no município.

Assim consta na tabela baseado no censo de 2010 realizado pelo Ministério das cidades.

Tabela 2 – População da região metropolitana do Rio de Janeiro, do programa Minha Casa e Minha Vida

Município	Domicílios Particulares Permanentes 2010	Deficit Habitacional (projeção para 2010)	Domicílios criados pelo PMCMV	Impacto do PMCMV no total de domicílios do município
Rio de Janeiro	2.144.445	134.767	56.733	2.65%
Belford Roxo	145.677	17.332	9.475	6.50%
São Gonçalo	325.882	26.816	6.056	1.86%
Duque de Caxias	269.353	32.522	5.596	2.08%
Nova Iguaçu	248.186	1.284	5.309	2.14%
Queimados	42.209	5.036	3.872	9.17%
Magé	70.394	12.839	2.782	3.95%
Maricá	42.810	4.677	2.079	4.86%
São João de Meriti	147.450	8.863	1.768	1.20%
Niterói	169.237	21.682	1.577	0.93%
Itaguaí	33.910	2.528	1.205	3.55%
Itaboraí	69.422	12.594	1.169	1.68%
Seropédica	24.256	2.491	646	2.66%
Tanguá	9.658	1.297	462	4.78%
Japeri	28.409	7.310	436	1.53%
Nilópolis	50.514	2.190	346	0.68%
Mesquita	53.103	4.486	204	0.38%
<b>TOTAL</b>	<b>3.874.915</b>	<b>321.475</b>	<b>99.715</b>	<b>2.57%</b>

Fonte: Ministério das Cidades, Plano Estadual de Habitação do Rio de Janeiro; Censo Demográfico IBGE 2010. Elaboração: Observatório das Metrôpoles.

Como podemos observar na tabela, somando os municípios do Leste Metropolitano contemplados pelo programa MCMV, temos Niterói, São Gonçalo, Magé, Itaboraí, Maricá e Tanguá com um total de 14.125 unidades habitacionais, sendo Maricá o maior impactado pelo programa, com 4,86% em relação a sua população. Quem ficou com a maior fatia foi o município do Rio de Janeiro, com 56,90%. É evidente que a região do Leste metropolitano, principalmente São Gonçalo, Itaboraí, Maricá, Magé, uma região que se constituiu como uma área periférica conurbada, se consolidando na metade do século XX, foi uma região caracterizada como espaço residencial para as famílias de baixa renda, esse processo histórico marca até hoje o intenso fluxo pendular para Niterói e a cidade do Rio de Janeiro.

O programa MCMV tem estabelecido um pequeno impacto em relação ao total da população dos municípios do Leste Metropolitano, apesar disso, o programa tem ajudado muitas famílias com baixa renda a superar as dificuldades impostas na aquisição de uma

residência. Contudo, diante da dificuldade das habitações, de um espaço urbano cada vez mais congestionado e violento, a questão da moradia por si só, em números frios, não responde a diversos problemas, é preciso entender o seu dinamismo do cotidiano. O último censo realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) levantou números que podemos questionar alguns pontos. O que tem acontecido no Leste Metropolitano, no caso o município de São Gonçalo, sobre principalmente a forte emigração em seu município? Diante da tabela abaixo, vamos buscar compreender como a moradia e seus problemas cotidianos interferem na relação com o espaço.

Tabela 3 – População dos municípios da região metropolitana do Rio de Janeiro

Municípios da RMRJ	População residente	Taxa de crescimento populacional em %
Belford Roxo	483.087	0,04
Cachoeiras de Macacu	56.943	0,38
Duque de Caxias	808.161	- 0,47
Guapimirim	51.696	0,07
Itaboraí	224.267	0,24
Itaguaí (RJ)	116.841	0,23
Japeri	96.289	0,07
Magé	228.127	0,02
Maricá	197.277	3,71
Mesquita	167.127	- 0,06.
Nilópolis	146.774	- 0,58.
Niterói	481.749	- 0,1
Nova Iguaçu	785.867	0,01
Paracambi	41.375	- 1,11
Petrópolis	278.881	- 0,49.
Queimados	140.523	0,15
Rio Bonito	56.276	0,1
Rio de Janeiro	6.211.223	- 0,15
São Gonçalo	896.744	- 0,9
São João de Meriti	440.962	- 0,33

Seropédica	80.596	0,78
Tanguá	31.086	0,06

Fonte: IBGE, 2023. Adaptado pelo autor.

Diante da tabela, é notório como São Gonçalo sofreu uma perda populacional considerável em relação aos outros municípios do Leste Metropolitano, enquanto Maricá recebeu um número considerável, chegando a 3,71% de crescimento. A área periférica, principalmente do Leste Metropolitano, tem sofrido com a falta de segurança, de saúde, de habitação, de lazer, da ausência de infraestrutura, tudo isso tem como efeito o comportamento populacional dos municípios (RODRIGUES, 2023). Enquanto Maricá presencia um alto investimento na saúde, na educação, na infraestrutura e no saneamento básico, como outros elementos, devido principalmente aos royalties de petróleo, isso acabou levando muitos gonçalenses a migrarem para o município vizinho. Isto tem gerado uma nova dinâmica no leste metropolitano.

A população de São Gonçalo chegou a atingir 1 milhão de habitantes no último Censo do IBGE de 2010, mas devido aos seus problemas pertinentes de uma região periférica, acabou sofrendo fortes impactos com a saída considerável de parte da sua população.

Sendo assim, segundo Rodrigues (2023), o cenário no contexto metropolitano do Rio de Janeiro contrasta e muito com o último censo de 2010, pois nos anos de 1991 e 2000 o crescimento populacional foi de 11,1% na metrópole, entre 2000 e 2010 esse crescimento foi de 9,1%, mesmo diminuindo esse percentual continuou em crescimento, mas seguindo a lógica do contexto com um crescimento numa média anual de (-0,13%), representa que a participação da população na metrópole diminuiu de forma considerável. Em uma de suas considerações, Rodrigues (2023) expõe uma das principais causas da diminuição populacional em alguns municípios e no contexto metropolitano, o que podemos também defender o que ocorre no município de São Gonçalo, assim:

A conhecida imagem da cidade maravilhosa é cada vez mais insuficiente diante da criminalidade violenta, do domínio territorial de grupos armados, da violência policial, da eterna crise política no nível estadual e das péssimas condições dos serviços públicos, especialmente o transporte. São aspectos negativos que se entrelaçam e geram efeitos diretos sobre a dinâmica urbana. Assim, os primeiros resultados do Censo 2022 não deixam de refletir esse cenário tragicamente adverso, especialmente sobre aspectos sociodemográficos da metrópole. Mais do que isso, ao evidenciar essa reversão radical nas tendências de evolução populacional, tais dados sinalizam que a conjunção de crises que atinge o estado do Rio de Janeiro e sua metrópole, onde vive a maioria de sua população, está longe de ser superada. (RODRIGUES, 2023)

Desta maneira, a população da região metropolitana e especificamente de São Gonçalo em enfrentado os mais diversos problemas, principalmente quando se trata em morar numa cidade que tem altos índices de violência, falta de infraestrutura, sistema de transporte precário, baixa qualidade no serviço de saúde etc., tudo isso, tem sido importante para o deslocamento da população para outras regiões. Esse novo cenário na dinâmica populacional mostra como os investimentos públicos diminuíram com a nova versão do neoliberalismo e a baixa presença do Estado na organização espacial, principalmente na oferta de serviços.

Para Maricato (1996) esse modelo urbano está muito ligado a força da mundialização no pós-década de 1970, sendo impactado pelo novo modelo produtivo que o Rio de Janeiro presenciara num processo de desindustrialização, aumentando a crise no Estado, principalmente pós-década de 1990, pois veio com ele o neoliberalismo, o choque causado por essas políticas trará fortes prejuízos para a classe trabalhadora. Assim, a exclusão social não é uma característica que chegou junto ao processo da globalização e as suas mazelas do neoliberalismo, mas as suas ações intensificaram a crise urbana que hoje presenciamos.

Essa nova dinâmica urbana da violência, da miséria, da produção do espaço urbano de forma desigual terá impactos na produção de favelas, esses espaços que passaram pelo processo histórico de estigmatização e desprezo ainda resiste numa sociedade capitalista de consumo, classista, individualista etc., sendo assim, estamos diante de uma crise urbana.

### **2.3 O processo de urbanização em São Gonçalo, entre o avanço do mercado imobiliário e a produção dos espaços favelados**

A urbanização em São Gonçalo dará seus primeiros sinais na passagem do século XIX para o século XX, pois em seu distrito de Neves há presença de indústrias que fortalecerá os altos investimentos na urbanização, tanto proporcionado pelo Estado, como pelas empresas privadas. Para debatermos o surgimento das favelas em São Gonçalo e especificamente a favela da Chumbada, devemos nos atentar ao processo de formação urbana no município. Precisamos levar em consideração as poucas literaturas que abordam de maneira geral o município de São Gonçalo e o surgimento das favelas, desde então, fazer um levantamento da expansão urbana para abranger os primeiros sinais da produção do espaço favelado no município como uma das ferramentas de análise, tendo apreço a favela da Chumbada como caminho a ser percorrido.

As favelas dão os primeiros sinais a partir do momento que incomodam as elites, visto isso, muitas moradias precárias já existiam na cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX e início do século XX, porém quando as moradias aumentam e passam a grafar o cenário carioca em abundância, isso trará diversas publicações na mídia sobre assunto. As favelas vão aumentando na cidade do Rio de Janeiro, com a ajuda da chegada crescente de trabalhadores de baixo poder aquisitivo, sendo esses de diversas regiões do Estado e do País. Convém lembrar, com o passar do tempo esses espaços cada vez mais foram habitados aumentando a pressão por moradias, muitos desses trabalhadores não terão tantos espaços para ocupar, sendo as franjas urbanas as que possuem terrenos mais acessíveis, o município de São Gonçalo fazia parte desses limites, já que tem uma certa proximidade com a capital federal e do Estado.

Esses movimentos nos orientam a entender como foi o processo de construção da urbanização em São Gonçalo, levando em consideração a favela da Chumbada, pois para abranger a formação das primeiras favelas, é necessário fazer um apanhado histórico do processo urbano gonçalense. Segundo Lago (2015), a crise cafeeira havia deslocado grande parcela do capital para a área urbana, isso acarretou diversas transformações no Rio de Janeiro. Diante desse fato ela completa dizendo;

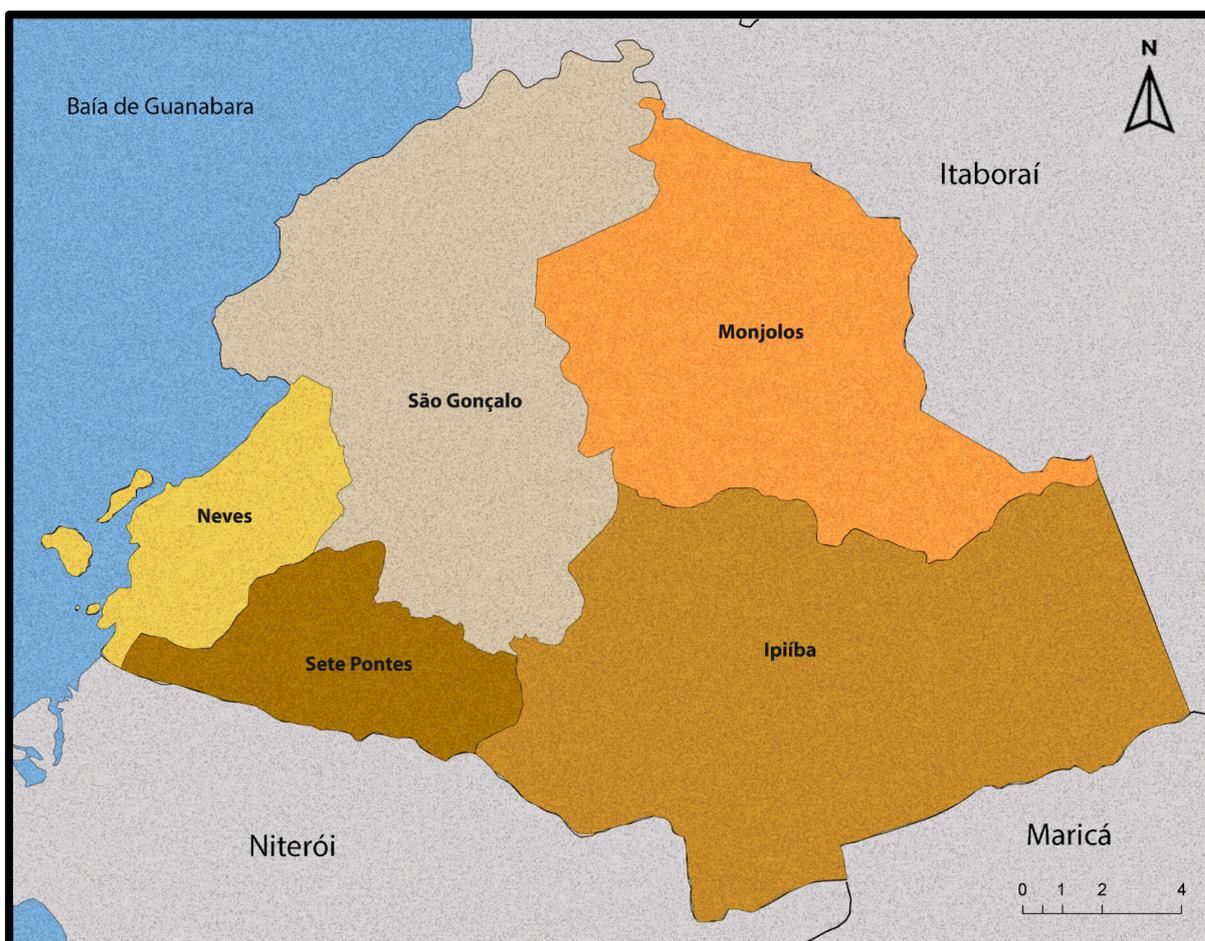
O discurso sanitarista propagado pelas autoridades públicas emergiu juntamente com a proliferação dos cortiços e o consequente adensamento do Centro, muito embora a intervenção direta do Estado nessa área só tenha se realizado no início deste século. Com efeito, a Reforma Pereira Passos, na primeira década do século XX, inaugurou relação entre o Estado e o espaço urbano, responsável pela aceleração e consolidação do padrão de segregação socioespacial que, desde então, vem se aprofundando. Para que o Rio de Janeiro se tornasse uma capital moderna, competitiva internacionalmente, não bastava apenas que tivesse bairros residenciais aprazíveis para as elites. Era preciso que a cidade, e especialmente seu centro de negócios, se adequasse à nova imagem de cidade capitalista industrial, mesmo que a economia brasileira e sua classe dominante fossem ainda essencialmente agrárias. (Lago, 2015. p. 41)

Deste modo, era preciso reformar o centro de negócios e com isso expulsar a população mais pobre da área central, a busca por terrenos mais baratos foi uma saída para essa população que assistia uma região passando por mudanças consideráveis, as regiões periféricas tornaram-se um atalho para a aquisição de uma moradia. Com a valorização do solo cada vez maior no Rio de Janeiro, muitos trabalhadores viram a oportunidade de adquirir uma habitação mais acessível no município de São Gonçalo, em seu processo de formação na virada do século XIX para o século XX, São Gonçalo começava a se aperfeiçoar como cidade.

À priori, São Gonçalo no seu processo de construção como município passou por uma intensa luta para se tornar independente de Niterói ao qual fazia parte, no ano de 1819, ainda

era distrito do município de Niterói, porém em 1922 passou a ser considerada uma cidade, tal fator contribuiu para o planejamento do Estado no seu território. Essa marca está caracterizada quando os primeiros sinais de urbanização já estavam presentes no distrito de Neves e Sete Pontes, devido à proximidade com Niterói, que era a capital do Estado do Rio de Janeiro.

Figura 1 – Os distritos do município de São Gonçalo



Fonte: Gomes, 2022, apud base no Atlas municipal escolar de São Gonçalo (2020) desenvolvido pela UERJ FFP.

Pode-se observar que o 4º distrito Neves e o 5º distrito Sete Pontes estão próximos de Niterói, o que reforça a sua influência. Nessa região, então, inicia-se o processo das instalações de indústrias, dando uma nova dinâmica ao processo de urbanização. Essa industrialização se dá principalmente por estar próxima a um bairro de Niterói que faz divisa com São Gonçalo, o bairro Barreto, este teve grande peso no processo industrial. Esses conglomerados acabaram se expandindo e indo em direção a São Gonçalo. Tal fato possibilitou o processo de urbanização por conta dos próprios industriais e também por pressão política, pois o Estado foi um dos agentes que contribuíram com os investimentos nesses distritos.

Como podemos observar na tabela 4 abaixo, ela nos esclarece como estavam em números os estabelecimentos industriais desde a década de 20, se estendendo após anos 40, esses números exibem como a urbanização se dá inicialmente nessa região, expandindo em direção ao centro da cidade. Essa grande relação de indústrias com estabelecimentos leves ou de bens de capital vão reforçar a denominação de “Manchester Fluminense” nome dado pela grande presença de indústrias em São Gonçalo.

Tabela 4 – Número de estabelecimentos industriais entre São Gonçalo e Niterói

ESTABELECIMENTOS INDUSTRIAIS	PERÍODO DE FUNDAÇÃO			
	1920-1930	1930-1940	1940-1948	Depois de 1948
Niterói	14	34	77	102
São Gonçalo	6	7	23	21

Fonte: Geiger, 1956, p. 50.

No entanto, Paiva (2013), aponta que a urbanização se tornará mais intensa nos distritos de Sete Pontes e Neves a partir do momento que São Gonçalo recebe o nome de cidade-dormitório<sup>1</sup>, nome criticado por Rosa (2017), esse nome estava atrelado ao alto número de trabalhadores que estavam presente no município, pois muitos deles iam trabalhar em Niterói ou na Capital Federal. Devido a esse alto número de proletariados houve um crescente número de moradias como as vilas operárias, a intenção do município era atrair cada vez mais pessoas para serem contribuintes dos cofres públicos com os pagamentos de impostos, sendo uma das estratégias da prefeitura conceder isenções aos industriais que empregassem a população gonçalense. Tanto que essas moradias estavam próximas aos postos de trabalhos e foram sendo conurbadas com os bairros de Niterói que já presenciara uma urbanização mais antiga.

Tal fato é tão interessante que o número de gonçalenses que trabalhavam nas fábricas, não condiziam com os dados, pois metade dessas pessoas não trabalhavam no município de residência, isto pode ser visto quando temos um total de 13.263 trabalhadores em 1950 morando em São Gonçalo, mas apenas 6.893 eram empregados nas indústrias do município, ou seja, a cidade de Niterói empregava grande parte desses moradores gonçalenses, o movimento pendular já tinha uma forte tendência. (GEIGER 1956, p.50)

<sup>1</sup> No trabalho de Rosa, (2017), ele traz a denominação do nome cidade dormitório, rebatendo o nome dado a cidade e reiterando que a cidade tem suas potencialidades e que esse nome não passa de uma forma discriminatória de olhar a cidade, já que há movimentos pendulares de outros municípios para São Gonçalo.

Consequente, São Gonçalo estava em processo de construção com sua nova sede no centro da cidade, o processo de calçamento e urbanização nessa região passou a ser uma preocupação do Estado, iniciando a transformação do espaço, isso acarretou um novo eixo de circulação e transporte de pessoas, pois São Gonçalo agora tem o distrito central urbanizado, não sendo refém dos distritos industriais. Com isso, muitos espaços foram sendo urbanizados e deixando vazios urbanos no processo de especulação, nesse sentido, muitos terrenos passaram por uma valorização/especulação, contribuindo para o distanciamento de populações de baixo poder aquisitivo.

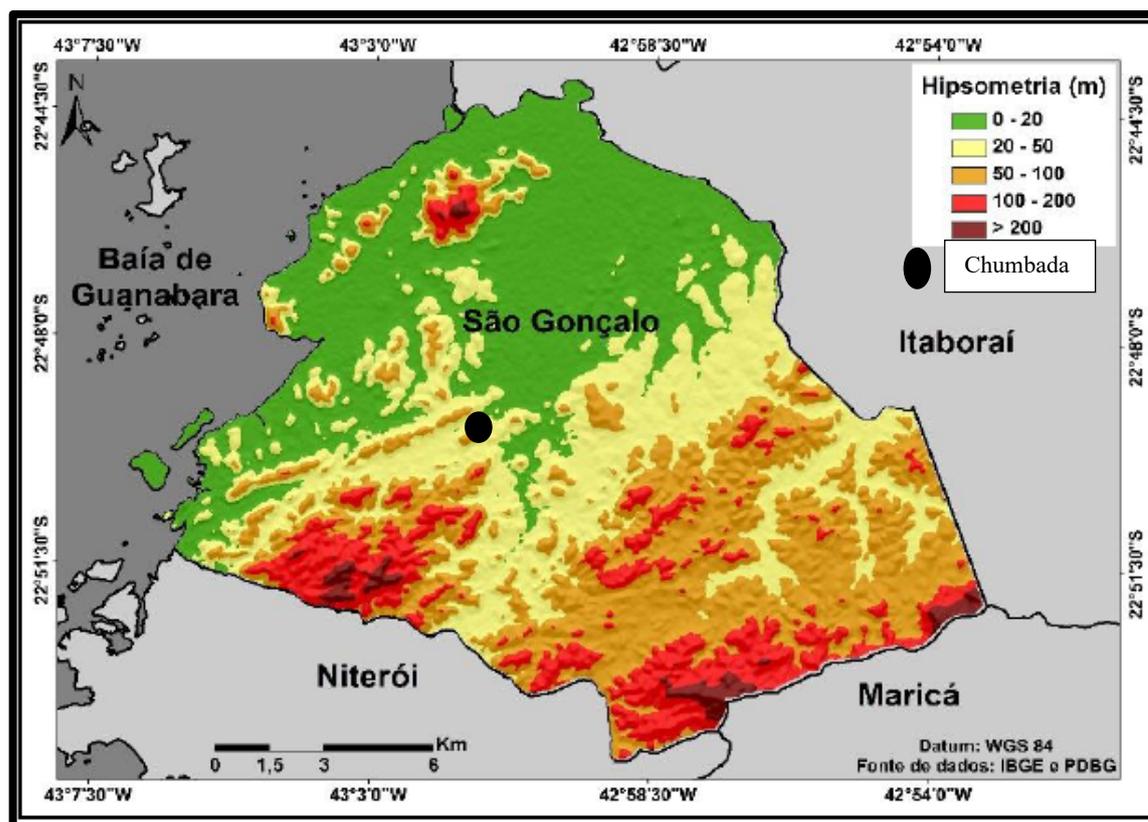
Com a sede da prefeitura municipal no centro da cidade localizada no 1º distrito, São Gonçalo terá um novo eixo de investimento, visto que, a estrada passa pelo processo de pavimentação ligando os bairros de Neves ao centro da cidade, e depois liga-se ao bairro Alcântara. Esse trecho terá o desenvolvimento urbano mais intenso, o que já inicia um processo de valorização do solo próximo a essas rodovias vicinais.

A urbanização nessa região terá um fator preponderante para iniciar a ocupação das áreas próximas ao centro da cidade, pois os terrenos adjacentes a essas vias de circulação acarretaram a valorização do solo, impossibilitando a classe trabalhadora de baixo poder aquisitivo adquirir uma moradia. Nesse sentido, como São Gonçalo tem uma geomorfologia diversificada com presença de terrenos íngremes, a exemplo com topografia entre planícies e morros, esses terrenos mais declives acabam não sendo valorizados pela dificuldade da construção de moradias, essas terras acabam sendo mais baratas ou devolutas, dessa maneira de mais fácil acesso pelos trabalhadores.

Vale lembrar, que outras regiões das cidades os terrenos mais íngremes tem outro valor agregado, ao exemplo do bairro boa vista no Rio de Janeiro ou alguns espaços em São Francisco Niterói, mas no caso específico de São Gonçalo é possível presenciar essa característica, mostrando que o terreno não é única e exclusivamente um determinante para designar as populações que ocuparão esses espaços, mas que São Gonçalo passou por esse processo, pois os agentes imobiliários em não ter interesse nos investimentos nessas regiões e o Estado por atuar em conjunto com esses agentes, acabaram negligenciando essas áreas.

Assim, Menezes & Salgado (2018), apontam como se encontra o relevo do município com os terrenos intercalares com altitudes pouco elevadas (entre 50 e 300m) com planícies fluviais, ou seja, essa variação altimétrica impacta diretamente na valorização do solo, além disso, a favela da Chumbada está presente nesse tipo de terreno, como podemos citar também outras favelas, como na área central, a Favela do Menino de Deus.

Figura 2 – Mapa hipsométrico de São Gonçalo (RJ)

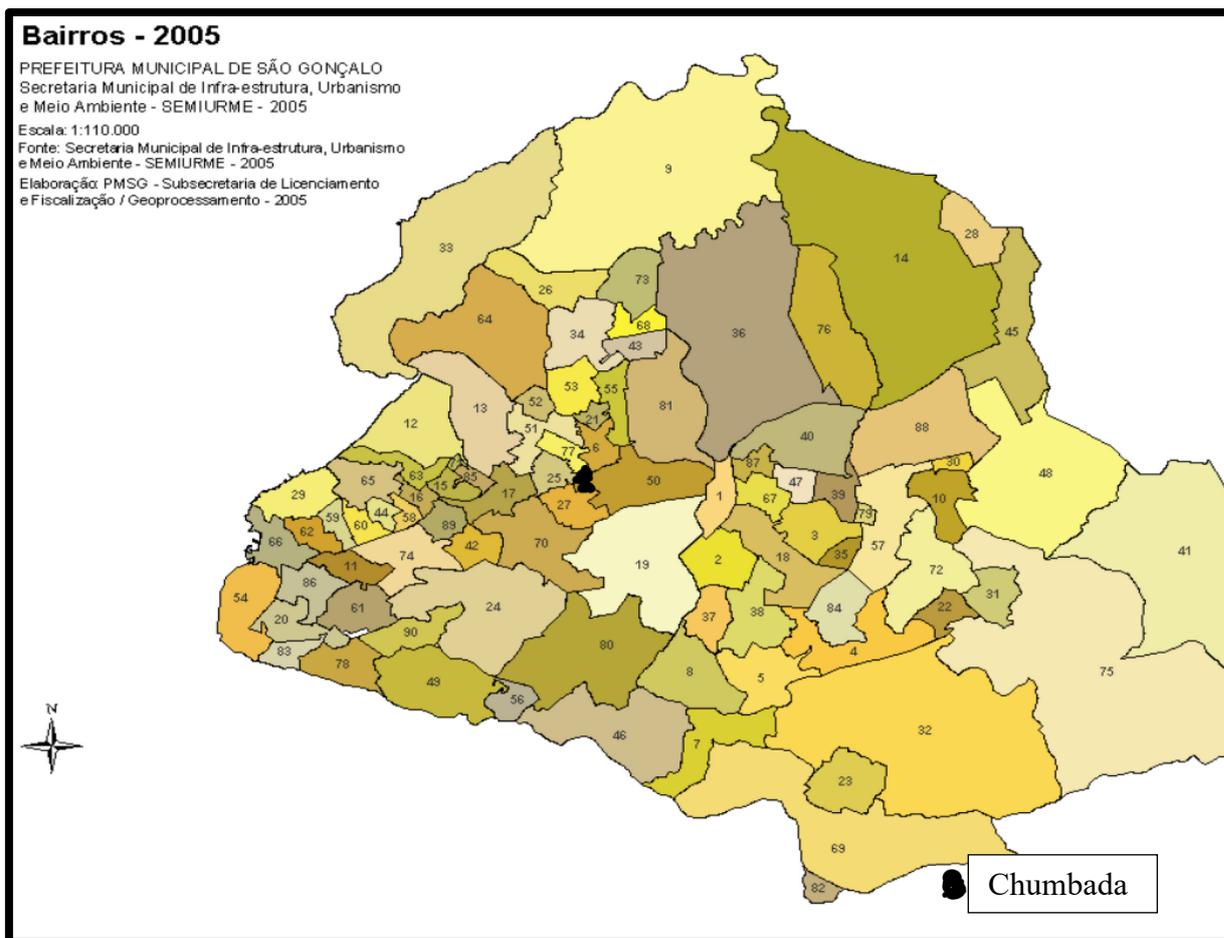


Fonte: Menezes; Salgado, 2018. Adaptado pelo autor.

Como podemos salientar, a Chumbada está numa elevação, numa proximidade com outro morro no sentido sudoeste, onde se encontra o morro Menino de Deus. Essa favela está presente na área central da cidade. Esses locais foram ocupados pela população de baixa renda, pois seus terrenos não são atrativos pelo mercado imobiliário por se encontrarem em áreas íngremes. O relevo é um dos indicadores socioeconômicos no município, pois como aponta os estudos de (MENEZES; SALGADO, 2018) as áreas com baixa altitude considerada pelos autores como planícies, tem alta densidade demográfica, ou seja, essa urbanização acabou com as matas ciliares, muitos rios foram canalizados, aterrados, sendo inclusive uma das causas das enchentes que ocorrem no período de fortes chuvas na cidade.

Portanto, essa urbanização se deu à priori nos distritos de Sete Pontes e Neves e veio em direção ao centro da cidade, isto terá impacto direto na transformação urbana, onde a favela da Chumbada será construída com a sua vertente virada para uma das principais vias urbanas do município. Para melhor espacializar a favela, temos o mapa de São Gonçalo e os seus bairros com a demarcação, onde fica a favela da Chumbada.

Figura 3 – Mapa dos bairros de São Gonçalo



Fonte: <https://www.saogoncalo.rj.gov.br/sao-goncalo/mapas-e-bairros/>. Adaptado pelo autor.

No mapa podemos perceber que existem números que identificam os bairros de São Gonçalo. Para nos facilitar a visibilidade dos arrabaldes, iremos aqui mostrar os bairros correspondentes aos números. Sendo assim, o bairro Galo Branco - 27, Estrela do Norte - 25, São Miguel - 77, Antonina - 6 e Mutondo - 50. Próximo à Chumbada fica o centro de São Gonçalo com o número - 17 e o bairro Alcântara - 1.

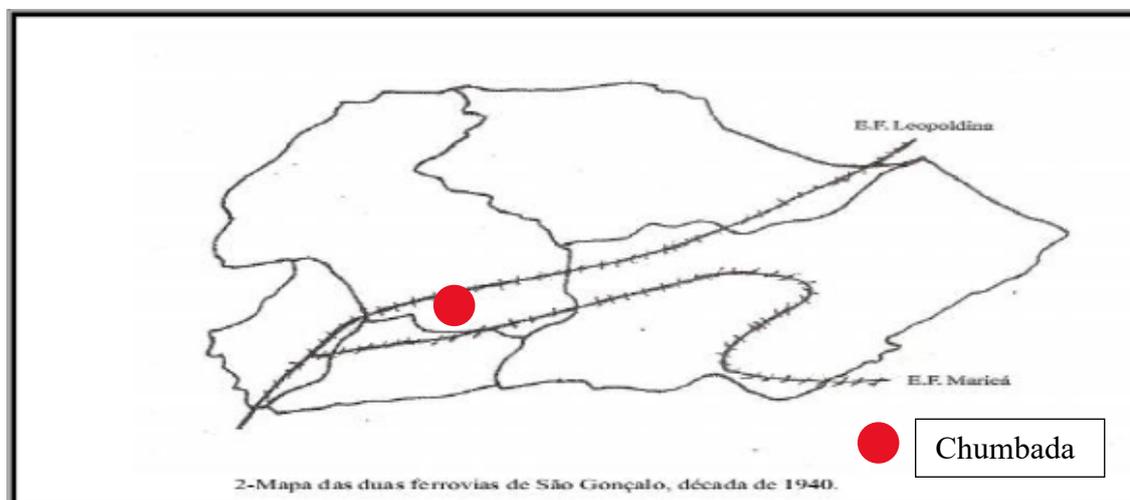
Como exemplificamos no mapa, a favela da Chumbada fica próxima ao centro da cidade - 17, numa posição estratégica na logística do município, levando em consideração as principais instituições públicas e privadas que estão no centro da cidade e no bairro Alcântara - 1. A Chumbada fica entre os bairros Galo Branco, Mutondo, Antonina, Estrela do Norte e São Miguel, onde revela a localização em seu recorte espacial.

Vale salientar que ao abordamos o relevo e localizando a favela da Chumbada e seus bairros adjacentes, estamos buscando meios para entender a formação urbana atrelada a geomorfologia do município, uma vez que tem fortes ligações na produção do espaço.

Outro fator que irá contribuir na formação urbana de São Gonçalo e terá impacto no surgimento de favelas são as ferrovias, estas serviam principalmente as indústrias, pois carregavam a matéria-prima dessas fábricas, após passar um período, elas corroboraram com o serviço de transporte aos gonçalenses, grafado no território, essas ferrovias foram um dos meios para cooperarem na ocupação urbana. O ponto ia de Alcântara até Neves, já que muitos trabalhadores desciam em Neves e pegavam outra condução para Niterói. Os bondes serviram bastante a população de São Gonçalo, mas com o passar do tempo não deram conta, logo acabaram sendo sucateados, muitos gonçalenses passaram a protestar pela falta de qualidade que esse transporte oferecia. (PAIVA, 2013. Pág.65),

Vimos que a ligação Neves-Centro-Alcântara como rota dos bondes influenciou também a ocupação das encostas próximas a essas linhas, um caso da Chumbada, muitos moradores viram a oportunidade de morar próximo a essas linhas férreas. E essa decadência dos bondes fez surgir outro meio de transporte como alternativa, os trens de subúrbio, estes seriam uma solução para a precariedade encontrada nos bondes, essa linha férrea se divide em dois caminhos, a estrada de ferro Leopoldina e a Estrada de Ferro Maricá.

Figura 4 – Duas ferrovias de São Gonçalo no ano de 1940, a E.F. Leopoldina e a E.F. Maricá



Fonte: Fernandes, 2009, p. 24. Adaptadas pelo autor.

Essas linhas férreas colaboraram para a expansão urbana de São Gonçalo, mas principalmente para a ocupação das áreas próximas a ela, visto assim, a favela da Chumbada está entre as duas linhas, a linha E.F. Leopoldina que corta os bairros; Estrela do Norte, São Miguel, Antonina, Nova Cidade, Mutondo, todos esses bairros fazem divisa com a favela da Chumbada e do outro lado temos o bairro Galo Branco cortado pela linha férrea E.F. Maricá, remontamos novamente como o relevo tem impactado diretamente nessa questão da valorização

do solo. Com essas linhas, a favela da Chumbada ganhará novos moradores, o processo de autoconstrução de moradias passa a ser uma das alternativas na favela, como a fazenda foi loteada no início do desmembramento da fazenda, os seus donos não conseguiram mais dar conta das terras, ocorrendo diversas ocupações irregulares pela favela.

O mapa nos assiste a entender essa dinâmica, já que os trens de subúrbio foram preponderantes para a ocupação urbana. Não obstante, esses trens de subúrbio já não suportavam a quantidade de pessoas que transportavam, pois estavam ficando superlotados. A linha férrea que antes tinha o objetivo de transportar produtos, passaram a transportar pessoas, mas com o crescimento populacional de forma exponencial em São Gonçalo isto foi ficando inviável para muitas pessoas. Assim, o autor assinala como era essa condição da população na época.

O crescimento do município sem a devida infraestrutura influenciou na má articulação dentro da própria cidade, os meios de transportes deveriam organizar o espaço com uma fluidez que fosse benéfica para a população, porém não é isso que vamos assistir no município, muitas áreas ficaram desprovidas de infraestrutura e ainda tiveram de enfrentar péssimas qualidades de transporte e pior, muitos não tinham nem o acesso próximo as suas residências, percorrendo longas distâncias para pegar o trem. (PAIVA, 2013. Pág. 67)

As distâncias longas que os moradores tinham que percorrer para pegar os trens, a superlotação e as áreas sem a devida infraestrutura, foram minando o meio de transporte por meio da linha férrea, foi onde os meios de transportes urbanos começaram a ganhar pujança, como a inserção dos ônibus. Como essas linhas férreas já tinham um grande fluxo de pessoas e deixaram as marcas no espaço, as rodovias já estavam sendo construídas e passaram a ser o meio mais usado pelos gonçalenses ao longo do tempo, pois esse meio de transporte ia em locais onde as linhas férreas não podiam chegar, contudo, a favela da Chumbada assistirá todo um desenvolvimento ao seu entorno, enquanto padecia de investimentos pelo Estado.

Deste modo, tanto a favela da Chumbada como as outras favelas vão surgir pelo aumento populacional provocado pelo processo de industrialização que atrairá inúmeros trabalhadores, ou, como veremos adiante, pelos loteamentos a preços acessíveis que vão ajudar a aumentar o número de domicílios.

Consequente, os loteamentos terão forte impacto na construção do município de São Gonçalo, pois até a década de 1945 tinham um grande peso na economia com a plantação de frutas cítricas como a laranja, nesse sentido, com a 2ª Guerra Mundial esses produtos deixaram de ser vendidos e os fazendeiros entraram numa crise econômica, à vista disso, lotear essas terras foi um meio lucrativo (MODESTO, 2008). Nesse processo, muitas terras em São Gonçalo

passaram a ser loteadas, inclusive no espaço onde se encontra a favela da Chumbada, já que lá também foi uma fazenda.

Portanto, esses loteamentos terão um peso considerável, já que a ocupação do espaço em São Gonçalo aumentará, demandando também pressão por melhorias, como visto, as linhas de trens de subúrbio não chegavam a muitos loteamentos, o calçamento também era inexistente, sendo o centro da cidade beneficiado junto aos distritos de Sete Pontes e Neves. Abaixo veremos a tabela onde mostra esse “boom” de loteamentos no município.

Tabela 5 – Explosão demográfica em São Gonçalo entre as décadas de 1950 e 1970 em relação a RMRJ

Número de lotes em 1000 unidades					
Município de São Gonçalo	até 1949	1950 / 59	1960 / 69	1970 / 78	TOTAL
Percentual de crescimento	16,5	127,4	33,3	20,9	198
Total da Região Metropolitana RJ	186,3	774,6	267,9	196,3	1425,1

Fonte: Mendonça, 2007 apud Santos, 1982, p. 84.

Levando em consideração o contexto metropolitano, o que também acontecia em outros municípios, São Gonçalo tem um aumento considerável no processo de loteamento, ocupando diversas áreas e sem o devido acompanhamento de investimentos por parte da prefeitura, ocasionando a formação de bairros sem nenhuma infraestrutura.

Segundo Mendonça (2007), após a década de 1960 verifica-se que as indústrias começaram a fechar as suas portas, tendo forte impacto na estrutura econômica local, mesmo assim, a indústria ainda tem um peso considerável na economia, em contraposição, assistiu um crescimento na área do setor de comércio e serviços, com o processo de metropolização.

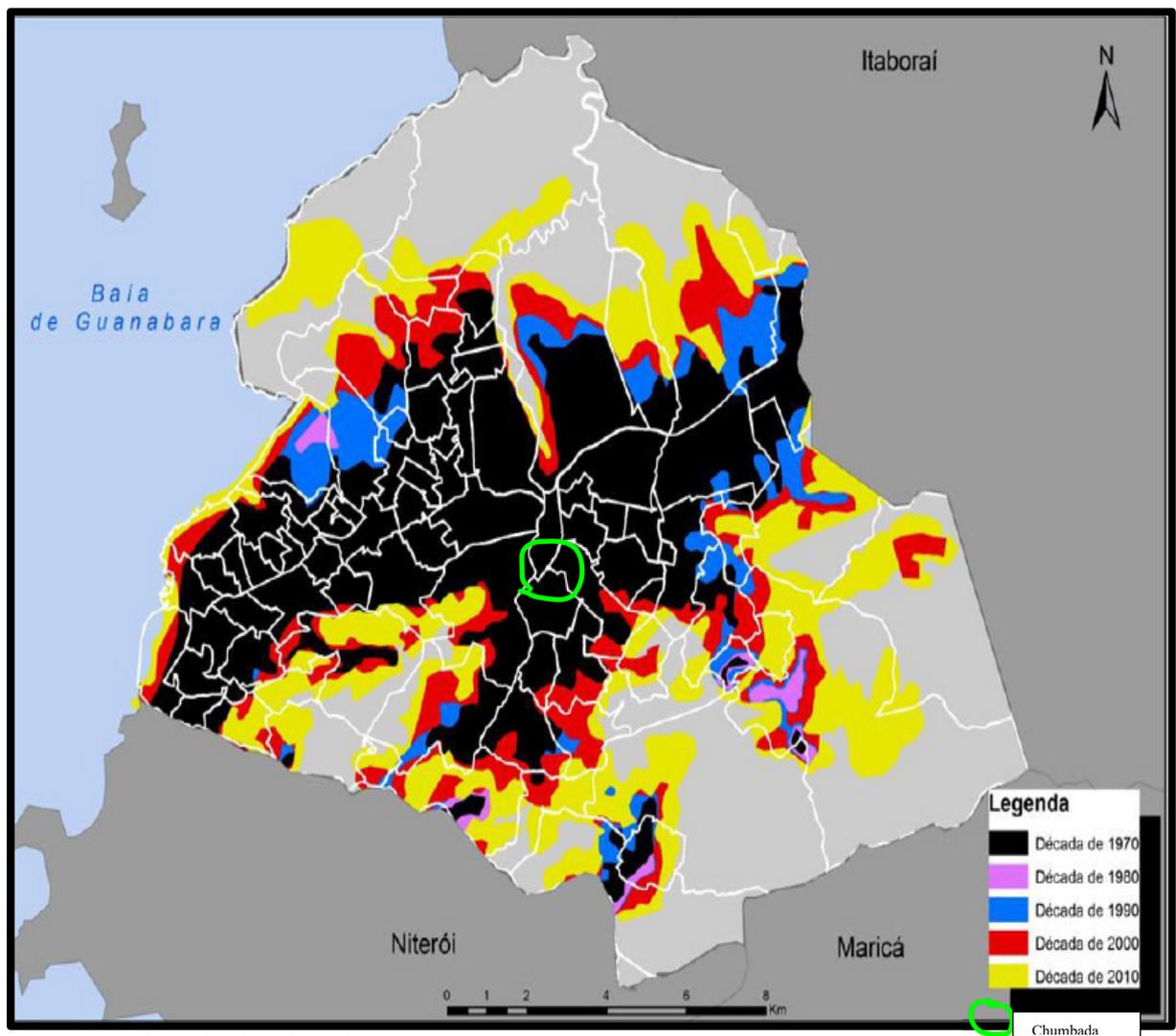
Esses loteamentos vão marcar o cenário gonçalense quando as relações entre loteador, loteado e a prefeitura farão negociatas em seus próprios benefícios, muitos loteadores buscavam junto a prefeitura isenções ou facilidades na aprovação de plantas, justificando os porquês de diversas partes do município se encontrarem sem infraestrutura, ou quando esses serviços chegavam e eram tratados via interesses políticos para angariar votos. Nesse sentido, Paiva (2013) aponta como se dava essa relação.

A prefeitura, o loteador e o loteado necessitavam satisfazer seus desejos, a prefeitura em arrecadar impostos, os loteadores em adquirir lucros vendendo as suas terras e os loteados em possuir a sua residência. Por assim dizer, o loteador fazia parte da máquina municipal favorecendo os loteamentos (aprovando plantas, levando meios de transporte aos loteamentos, implantando infraestrutura) em consequência, loteados obtinham privilégios por morar em áreas compradas do loteador “homem público”

que objetivava angariar votos mediante melhorias nas áreas de seu loteamento garantindo de certa forma a sua hegemonia. (PAIVA, 2013, p. 62)

À vista disso, esses loteamentos vão contribuindo para a ocupação e com isso demandando melhorias e acelerando o processo de urbanização na cidade. Soma-se a isso, a questão da decadência dos trens de subúrbio, o crescimento do uso dos ônibus atrelado ao desenvolvimento das rodovias. O transporte rodoviário terá grande impacto, compactuando com uma urbanização que se organizava em torno do eixo Neves-Centro-Alcântara, esse eixo se deu pelas principais vias do município como a Av. Presidente Kennedy e a Rua Dr. Nilo Peçanha que cortam o centro da cidade e ligam Neves a Alcântara. É notório que após a década de 1970 essa urbanização se concentra por esse eixo e vai se espalhando para outras regiões, como as rodovias da BR-101 e a RJ-104.

Figura 5 – A expansão urbana em São Gonçalo, desde a década de 1970



Fonte: Gonçalves, 2012. Adaptado pelo autor.

No entanto, temos um mapa de São Gonçalo desde a década de 1970 até o ano de 2010, podemos observar pelas cores os períodos que ocorreram as transformações, desta forma, como a expansão urbana em São Gonçalo foi intensa, podemos analisar então a favela da Chumbada como referência, pois como havia dito, ela está muito próxima à sede da prefeitura, denominada como a área central, essa urbanização se liga ao eixo Neves-Centro-Alcântara. A formação dos espaços favelados, como o caso da Chumbada, tem relação direta com essa urbanização de São Gonçalo, sendo assim:

- A oferta de emprego nas indústrias de Niterói e São Gonçalo acabou atraindo muitos trabalhadores, tal fato ajudou muitos desses trabalhadores a comprarem terrenos que fossem mais próximos aos seus postos de trabalho.
- Os bondes, os trens de subúrbio e os ônibus possibilitaram o deslocamento da população trabalhadora, acarretando numa ocupação próxima a essas vias.
- Condições de adquirir terrenos mais barato, mesmo que fossem sem a devida infraestrutura, esse fato ajudará na ocupação de terrenos próximos ao eixo rodoviário principal do município.
- A especulação imobiliária, de certa maneira, foi um fator que potencializou a ocupação nesses espaços.
- O Estado como agente que modificou o espaço por meio de investimentos urbanísticos, demandando recursos e melhorias próximo a esse eixo.

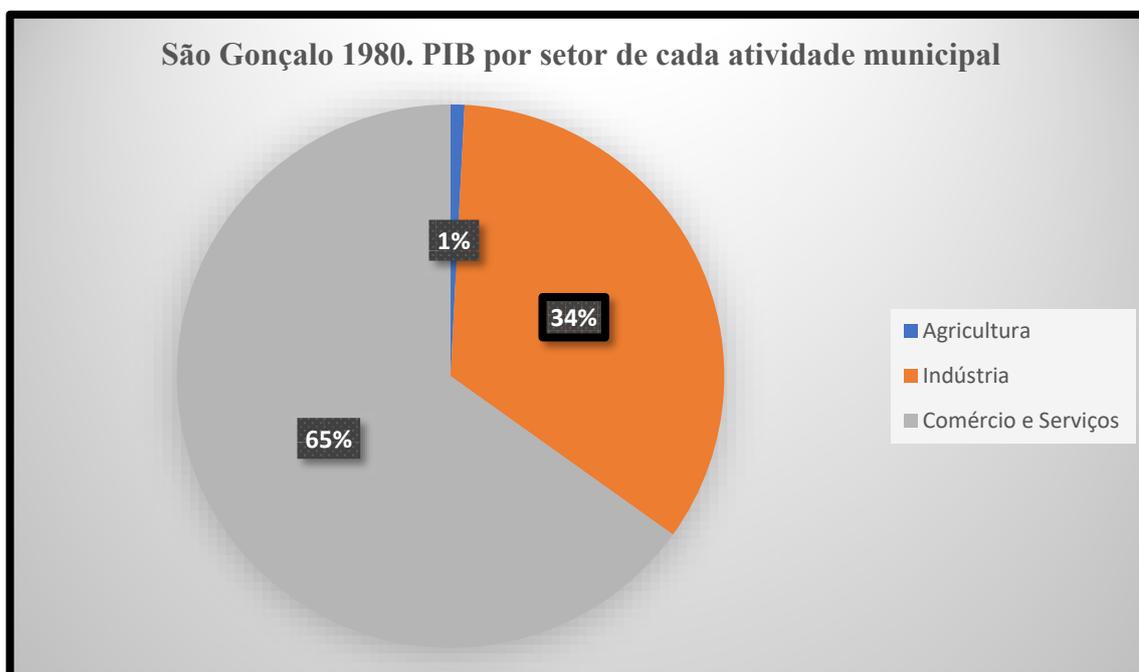
Esse processo de mudança passará principalmente pela decadência da industrialização, assim;

É possível perceber ainda que os anos 1940/50 representaram um ponto de inflexão na indústria gonçalense. Embora em 1940 São Gonçalo tenha alcançado o nível máximo de participação no produto industrial estadual, registrou, em 1950, um aumento na participação no nível de empregos no setor a uma taxa superior à média estadual. Este crescimento, no entanto, parece ter chegado a um ponto de esgotamento: nos anos seguintes, a indústria gonçalense segue, a partir daí, uma trajetória inexorável de perda de participação relativa, ora crescendo a taxas inferiores à média estadual, ora decrescendo, sem jamais retomar à posição de destaque dos períodos de *Manchester*. (Araujo; Melo, 2014. p. 78)

Como a industrialização começou a entrar em decadência no município, novas configurações econômicas iniciaram o processo de transformação, pois o setor secundário foi deixando de ser proeminente na economia, sendo ocupado pelo setor terciário, pois o comércio passou a ser um dos principais vetores de desenvolvimento de São Gonçalo. O comércio passa então a gerar uma maior oferta de emprego, o declínio industrial dava fortes sinais devido ao

baixo investimento do governo federal na infraestrutura (Araújo; Melo, 2014). Isso pode ser demonstrado num gráfico abaixo como se encontrava São Gonçalo já na década de 1980.

Gráfico 1 – São Gonçalo 1980. PIB por setor de cada atividade municipal



Fonte: Anuário Estatístico do Rio de Janeiro, CIDE, 1990/91.

Com as indústrias dando lugar ao setor terciário, o comércio e os serviços passam a empregar cada vez mais trabalhadores no município, mas isso não significa que absorverá a maioria dela, pois grande parte irá se deslocar para Niterói e Rio de Janeiro, em consequência disso São Gonçalo chegou a ser chamada de cidade dormitório. Esse movimento socioeconômico terá forte impacto na ação dos agentes imobiliários, fundiários, o Estado e a classe trabalhadora, já que diante dessas ofertas de empregos muitos agentes aproveitarão para lucrar, muitos terrenos que estavam ao longo do eixo como reserva, serão revalorizados e aproveitados pelos produtores imobiliários, os proprietários fundiários, os donos dos meios de produção e o Estado. (VIANA, 2019).

Desta maneira, são os agentes que irão contribuir cada vez mais na formação dos espaços favelados, a Chumbada também sofrerá impactos, pois com o processo de loteamento das fazendas essas terras serão vendidas, contudo, devido à ausência de investimentos nesses loteamentos, os terrenos ficam com preços mais baixos, o que trouxe uma facilidade de acesso pela classe trabalhadora. Ao longo do tempo, essa ocupação terá um aumento exponencial, já nas áreas mais próximas do eixo Neves-Centro-Alcântara assistimos à valorização maior do

solo devido à ação dos agentes como o Estado e os produtores imobiliários, com uma ocupação por uma população de renda mais elevada.

Sendo assim, a população de baixa renda assistia à construção de habitações por meio de meios privados, esse cenário muda quando há agora o financiamento do governo, desta forma muitos conjuntos habitacionais passaram a surgir, mas isso não significou que as autoconstruções deixaram de existir, muito pelo contrário, esse tipo de produção de moradia foi uma saída para a aquisição de um imóvel por grande parte da classe trabalhadora, criando uma nova dinâmica metropolitana.

Contudo, vale esclarecer que o lado leste metropolitano assistiu uma intensa urbanização a partir das autoconstruções, assim como ocorreu na favela da Chumbada que continuou em ações solidárias dos moradores construindo as suas habitações, mas se formos analisar outras áreas da cidade, elas tiveram o financiamento de novas edificações para os mais pobres.

Após a década de 1970 com a abertura da ponte, a fusão do estado da Guanabara com a cidade do Rio de Janeiro e os loteamentos, São Gonçalo assistirá um aumento populacional bastante considerável, como visto anteriormente na tabela 2, o “boom” nos loteamentos já demonstrava um crescimento populacional expressivo em São Gonçalo, e logo abaixo, assistimos como a população cresceu ao longo das décadas.

Tabela 6 – População residente no município de São Gonçalo (1940-1991)

São Gonçalo	População residente					
	1940	1950	1960	1970	1980	1991
	85.521	127.276	247.754	430.271	615.352	779.832

Fonte: Viana, 2019 Apud Fundação CEPERJ.

Esse crescimento populacional foi fator preponderante para os agentes agirem no espaço gonçalense, com a população crescendo de forma vertiginosa, isto foi um fator basal para os agentes imobiliários obterem lucros, mas em consequência disso, houve uma valorização do solo nas proximidades do eixo Neves-Centro-Alcântara, a presença de favelas no município foi sendo cada vez mais notório, no entanto, a favela da Chumbada já datava os anos de 1960 como aponta os estudos de (PAIVA, 2013).

A tabela 3 nos apresenta que do ano de 1960 a 1970 houve um acréscimo de 182.517 pessoas, onde de 1970 a 1980 foi de 185.081 pessoas, e da década de 1980 a 1990 foi de 164.480 pessoas, um acréscimo bastante considerável, mostrando como esse crescimento impactou

diretamente na construção de moradias. Em função disso a população faz forte pressão por moradias, como o município presenciara um investimento desigual no seu espaço ao longo da sua formação, após a década de 1980 a demanda por habitação continuará contribuindo para formação de novas favelas. A questão do domicílio terá forte impacto na transformação do espaço de São Gonçalo, onde as áreas mais afastadas do eixo passaram por negligência por parte do Estado e por ser desinteressante para os agentes imobiliários. Mesmo a Chumbada estando próxima a esse eixo, a sua população moradora de baixa renda e a presença do tráfico de drogas, fará desse lugar algo desinteressante para os agentes imobiliários, ficando assim nas mãos dos moradores as ações comunitárias na busca de melhorias.

Ademais, para Viana (2019) São Gonçalo passará por alguns momentos importantes na transformação do espaço urbano, a desindustrialização seria a primeira delas, chamado por ela de “reestruturação do espaço urbano”, sob novas formas de dominação do capitalismo, essa transformação vai criar novas demandas por moradias, sendo constatado um aumento no número de conjuntos habitacionais no município, sendo incentivado pelo poder público. Assim, São Gonçalo passaria por uma segunda reestruturação urbana num processo de verticalização o que antes não era tão presente.

Portanto, a verticalização em São Gonçalo começa a ganhar destaque a partir da década de 1980, como vimos anteriormente, o crescimento populacional terá forte impacto nas ações dos agentes imobiliários, a verticalização será um porto seguro na construção de uma maior quantidade de imóveis em um terreno pouco extenso, que seja principalmente próximo do eixo principal do município. Apesar dessa transformação, a cidade não parou de se expandir, pois as regiões mais distantes do eixo de urbanização continuavam sendo ocupadas. Podemos observar como Viana (2019) trata desse novo momento.

A partir dos anos 1980, com a generalização do elevador, edifícios com mais de dez andares despontaram. Diferentes modalidades imobiliárias foram incorporadas à paisagem e ofertadas à aquisição de diversos compradores, desde moradia predial até centros de negócios. (VIANA, 2019. p. 203)

Esse novo tipo de empreendimento dará a São Gonçalo um novo patamar de valorização do solo, afastando cada vez mais os moradores com baixo poder aquisitivo próximo dessas áreas. As regiões mais afastadas do eixo acabam sendo os locais mais rentáveis para a classe trabalhadora, caso um pouco diferente da favela da Chumbada, pois ela pode ser considerada um lugar interessante no ponto de vista estratégico locacional, pois está entre dois eixos urbanos

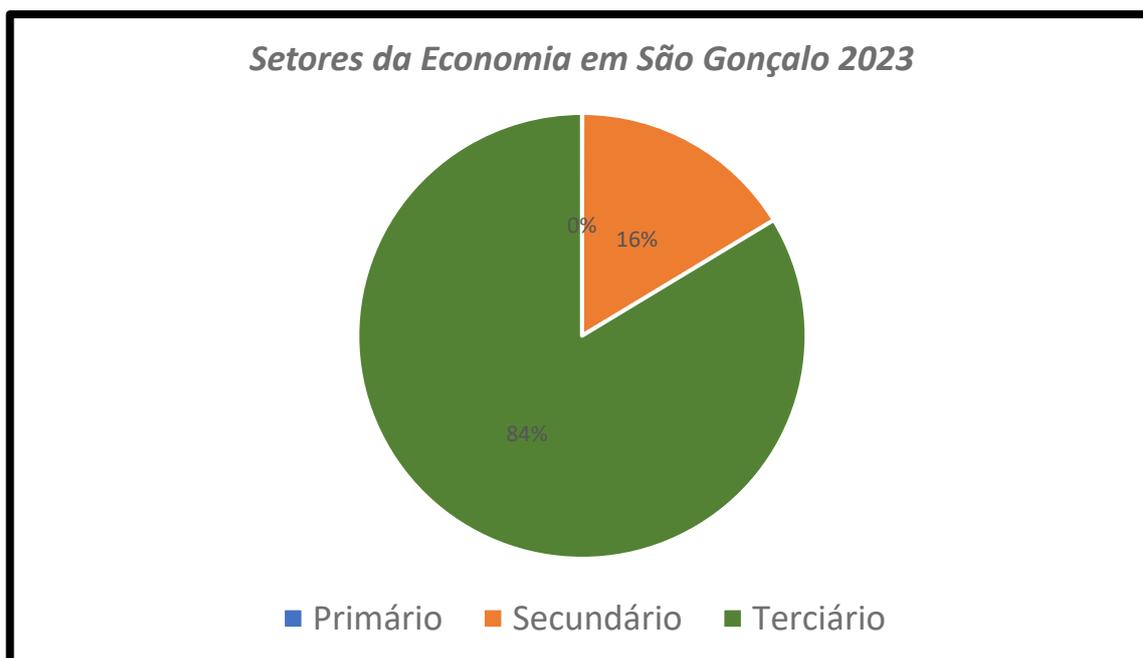
de transporte rodoviário servido por ônibus, visto isso, muitos trabalhadores têm a necessidade de deslocamento para os seus postos de trabalho, muitos trabalhavam e trabalham no centro do Rio de Janeiro ou em Niterói, sendo a Chumbada uma localidade com mais fácil acesso aos meios de transportes, se compararmos com outros bairros da cidade.

Esse momento de transformação do espaço geográfico gonçalense passará por um processo de desindustrialização, pois a reestruturação produtiva forçou muitas indústrias a fecharem as suas portas, devido a esse procedimento, São Gonçalo começa a ter o setor de serviços como o de maior oferta de postos de trabalho para a população gonçalense, uma das características marcantes é a presença desses empreendimentos de comércio no centro da cidade e em Alcântara, a Chumbada nesse sentido está localizada estrategicamente próxima a essas áreas e isso será outro fator para aumentar o número de habitantes na favela.

Porquanto, segundo os dados do Sebrae, o número de empregados em São Gonçalo com uma população que o IBGE até então tinha no seu Censo demográfico antes de 2023 de uma população de quase 1 milhão de habitantes, conseguinte, a fim de comparação, 108.186 pessoas no município estavam empregadas. Contudo, sabemos que o IBGE no seu censo recente identificou um declínio em número populacional na cidade para 896.744 pessoas. Só para termos noção dos trabalhadores por setores da economia na realidade atual, apenas 23 trabalhadores foram cadastrados no setor primário, quando observamos o setor secundário temos 15 mil trabalhadores, esses dados são referentes ao número de trabalhadores empregados e cadastrados em São Gonçalo em 2021, do total de trabalhadores na cidade.

Para efeito comparativo e pela mudança na reestruturação produtiva, São Gonçalo tem um aumento significativo no setor terciário, verificamos como o setor terciário cresceu em seus segmentos, a exemplo, como no de comércio que representava antes de 2016 mais de 34 mil pessoas trabalhando nessa área, quando vamos para a área de serviços básicos antes de 2016 tinham mais de 46 mil empregados, em 2021 esse número está na casa dos 41 mil trabalhadores. Quando vamos para a administração pública que em 2016 era em torno de 17 mil trabalhadores, sobe para 20 mil, ou seja, temos em porcentagem um número expressivo no setor terciário, em segundo o setor secundário e por último o primário. Vejamos;

Gráfico 2 – Setores da economia em São Gonçalo 2023



Fonte: <https://datampe.sebrae.com.br/>. Adaptado pelo autor.

Assim, verificamos que a área que mais emprega é o setor terciário, com um total de 84% dos trabalhadores nesse setor. Observamos um potencial que o município apresenta, pois apesar da decadência no pós-década de 1970 na indústria, ela ainda tem um peso significativo na economia gonçalense. Essa nova realidade trará transformações no espaço gonçalense.

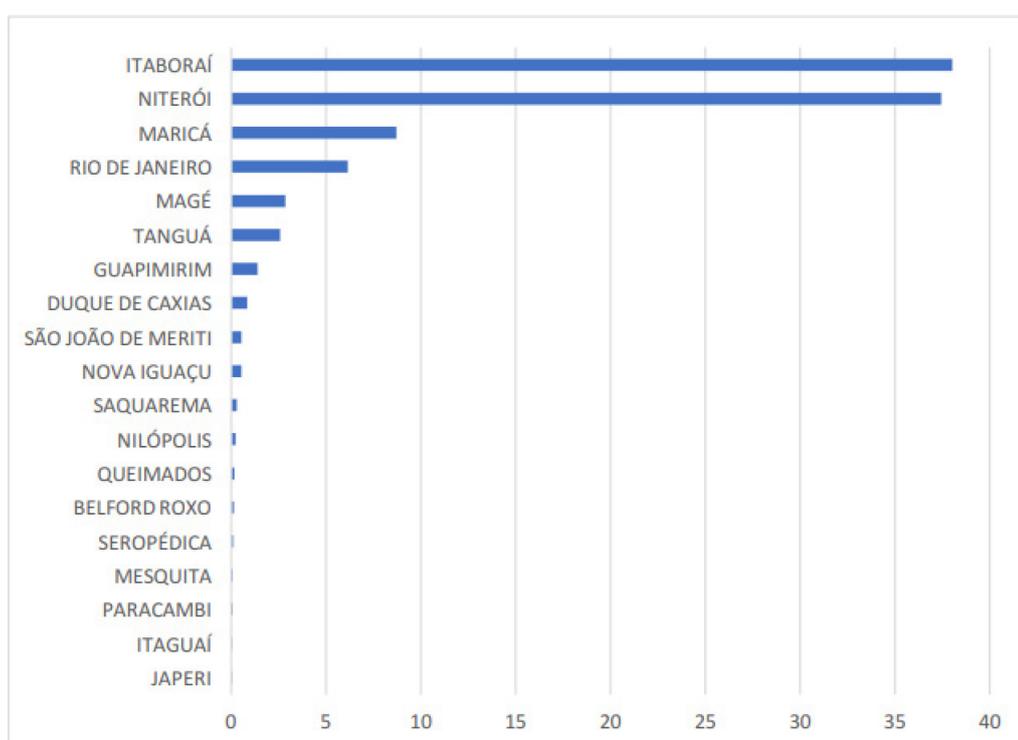
O que notamos é uma nova dinâmica da produção espacial, os agentes imobiliários juntos ao Estado na organização do espaço, esses mesmos agentes estão na busca incessante do lucro, assistindo às periferias da região metropolitana como um mercado em expansão e o Estado no seu papel de financiador.

Com esse novo rearranjo espacial, São Gonçalo passa a construir um espaço geográfico baseado na valorização desses imóveis e distanciando a classe trabalhadora desse eixo, mas de forma interessante, a favela da Chumbada não mudará as suas características como uma favela, sendo assim, não sendo atraente para o mercado imobiliário, apesar da sua proximidade com o centro. Salientamos que mesmo muito próximo dessa região, a favela da Chumbada passa despercebido pelo poder público, a falta de uma associação de moradores e uma população de baixa renda com baixo grau de instrução para lutar pelos seus direitos não fez tanta pressão por uma maior presença do Estado em seu espaço.

Contudo, o período metropolitano-financeiro após o fim do período áureo industrial vai dinamizar o espaço urbano em São Gonçalo, aliás ela é uma cidade periférica que não poderia ficar de fora do mundo globalizado e financeiro, pois as periferias também possuem capacidade

de serem empreendedoras e lançar-se no mercado é uma das oportunidades para assistir investimentos em seu território. Primeiro precisamos desmistificar o termo “cidade-dormitório” quando vamos nos referir as questões pendulares, pois segundo Rosa (2017) São Gonçalo exerce uma certa “centralidade periférica”, pois parte do fluxo populacional se direciona para a cidade, principalmente quando nos referimos ao setor de serviços. Então, o termo usado é contestável, tal fator mostra São Gonçalo como importante papel dentro da Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

Tabela 7 – Viagens pendulares entre os municípios, tendo São Gonçalo como destino



Fonte: Rosa, 2017.

Essa potencialidade se apresenta como uma centralidade na periferia da região metropolitana do Rio de Janeiro, como podemos perceber, São Gonçalo também tem a sua polarização, sendo a população de Itaboraí e Niterói que mais se direcionam ao município, otimizando principalmente o setor terciário.

Nesse direcionamento de uma cidade que não é dormitório, e está inserida no sistema metropolitano-financeiro, mostram o símbolo de desenvolvimento inaugurando três shopping centers nas últimas décadas. O primeiro a ser lançado foi o São Gonçalo Shopping Rio (figura – 6), localizado no bairro Boa Vista e inaugurado no ano de 2004, cria um novo ponto de centralidade, estando à beira da BR-101, torna-se um ponto de passagem da população que se

direciona a região dos lagos e atende uma população que beirava quase 1 milhão de habitantes, para intensificar o acesso ao shopping foram criadas diversas linhas de ônibus para que servisse tanto a população, como o empreendimento mercadológico, pois atualmente esse shopping recebe 650.000 mil consumidores ao mês<sup>2</sup>, segundo o site do próprio Shopping São Gonçalo.

Figura 6 – São Gonçalo Shopping Rio, o primeiro Shopping construído no município, no ano de 2004



Fonte: <https://www.osaogoncalo.com.br/geral/141961/feriado-em-sao-goncalo-confira-o-funcionamento-dos-shoppings-no-dia-do-padroeiro-goncalense>.

Essa nova dinâmica metropolitana-financeira trará novos empreendimentos para aquecer o setor terciário, pois assim com o shopping aquecendo o mercado consumidor, outro shopping na área central da cidade será inaugurado, sendo o segundo shopping da cidade,

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.saogoncaloshopping.com.br/o-shopping>.

Figura 7 – Shopping Partage localizado no centro da cidade de São Gonçalo



Fonte: <https://www.partagesaogoncalo.com.br/sobre/>.

A construção do shopping Boulevard no ano de 2010 tinha a intenção de ficar mais próximo da população gonçalense, já que a rede de transporte rodoviário tem maior oferta nessa localização, isso aumentará o acesso de pessoas ao shopping, tanto que no site do próprio Partage<sup>3</sup> é possível observar nos dados que cerca de 7,2 milhões de pessoas passam pelo shopping no ano, mostrando essa nova dinâmica.

Como esses empreendimentos deram certo, mais um surgirá no bairro que exerce uma centralidade no município, como o bairro Alcântara, chamado de Pátio Alcântara. Inaugurado no ano de 2013, que foi associado a um terminal rodoviário, pois antes naquele espaço existia uma praça pública chamada de Carlos Gianelli, era um importante centro comercial, principalmente dos feirantes e uma área de lazer. Contudo, esse espaço acabou sofrendo com a negligência do poder público e em consequência disso foi se deteriorando, esses fatores corroboraram para essa região ser transformada pelo novo modelo de urbanização, passando então a ser alvo do mercado para formar um shopping.

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.partagesaogoncalo.com.br/sobre/>.

Figura 8 – Shopping Pátio Alcântara, localizado no bairro Alcântara, onde estava localizado a praça Carlos Gianelli, foi inaugurado no ano de 2013



Fonte: <https://www.niad.com.br/patio-alcantara/>.

O shopping Pátio Alcântara atende cerca de 900 mil pessoas ao mês segundo o site 5, exercendo uma centralidade na região, atendendo populações não só de São Gonçalo, mas de outros municípios, o gráfico anterior mostrou como os municípios de Itaboraí e Niterói tem um movimento pendular em direção a São Gonçalo. Essa nova dinâmica urbana metropolitano-financeiro dinamiza o solo urbano no município, que até então não assistia um espaço reservado para uma população de classe média, mas isso vem mudando ao longo do tempo, onde percebemos diversos lançamentos de empreendimentos imobiliários no bairro Mutondo. Os incorporadores imobiliários agem no município percebendo uma nova centralidade em alguns bairros, como o centro da cidade, a região dos bairros Mutondo e Alcântara, em lançamentos de novos empreendimentos imobiliários, como o Jardim Central 2, da MP construtora e incorporadora e a MRV com o lançamento de um complexo de condomínios chamado Mar de Paraty e outros à espera de lançamentos futuros.

Figura 9 – Mar de Paraty, empreendimento lançado no bairro Mutondo em São Gonçalo, da construtora MRV



Fonte: <https://www.aclaimoveis.com.br/lancamento/mar-de-paraty-sao-goncalo-rj-alcantara/39/vn>.

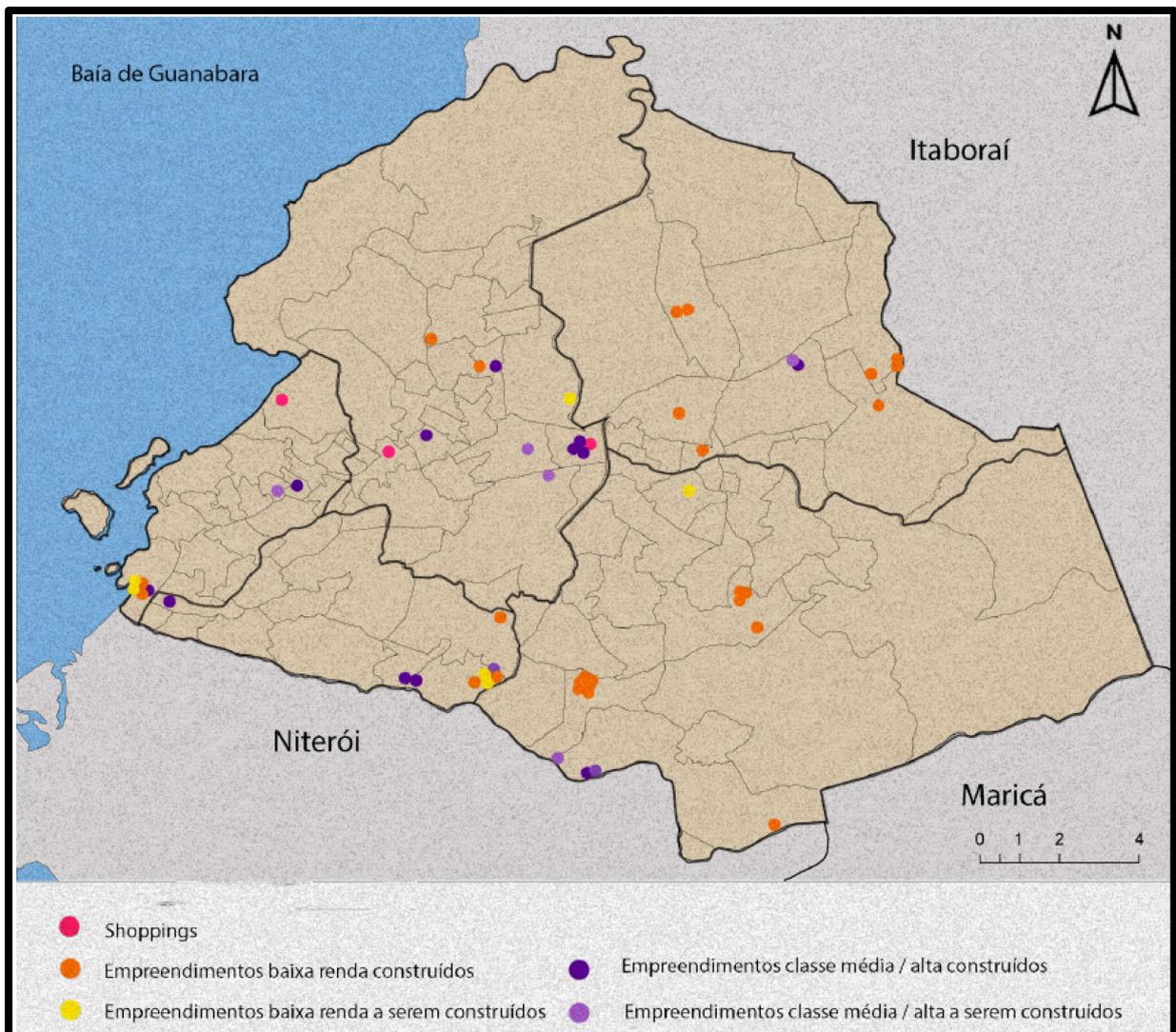
Figura 10 – Empreendimento Jardim Central 2, localizado no bairro Mutondo



Fonte: <https://jardim-central-2.webnode.page/>.

Esses empreendimentos estão dinamizando o solo urbano, valorizando essa área que apresenta uma melhor infraestrutura, com acesso ao saneamento básico e obras realizadas pela prefeitura nos últimos anos para diminuir os impactos das enchentes nessa região, enquanto isso, outras regiões do município ficam desassistidas de investimentos públicos, como é o caso da própria favela da Chumbada que também se localiza no bairro Mutondo, mas não é interessante para o mercado e para o governo investir nessas áreas que mais carecem de investimentos.

Figura 11 – Mapeamento de condomínios voltados para a classe média/alta x condomínios voltados para a população de baixa renda, sobreposto a localização dos shoppings



Fonte: Gomes, 2022.

Percebemos na análise do mapa, os empreendimentos que são voltados para a classe média tentam a se aproximar dos shoppings, enquanto as casas populares se distanciam mais

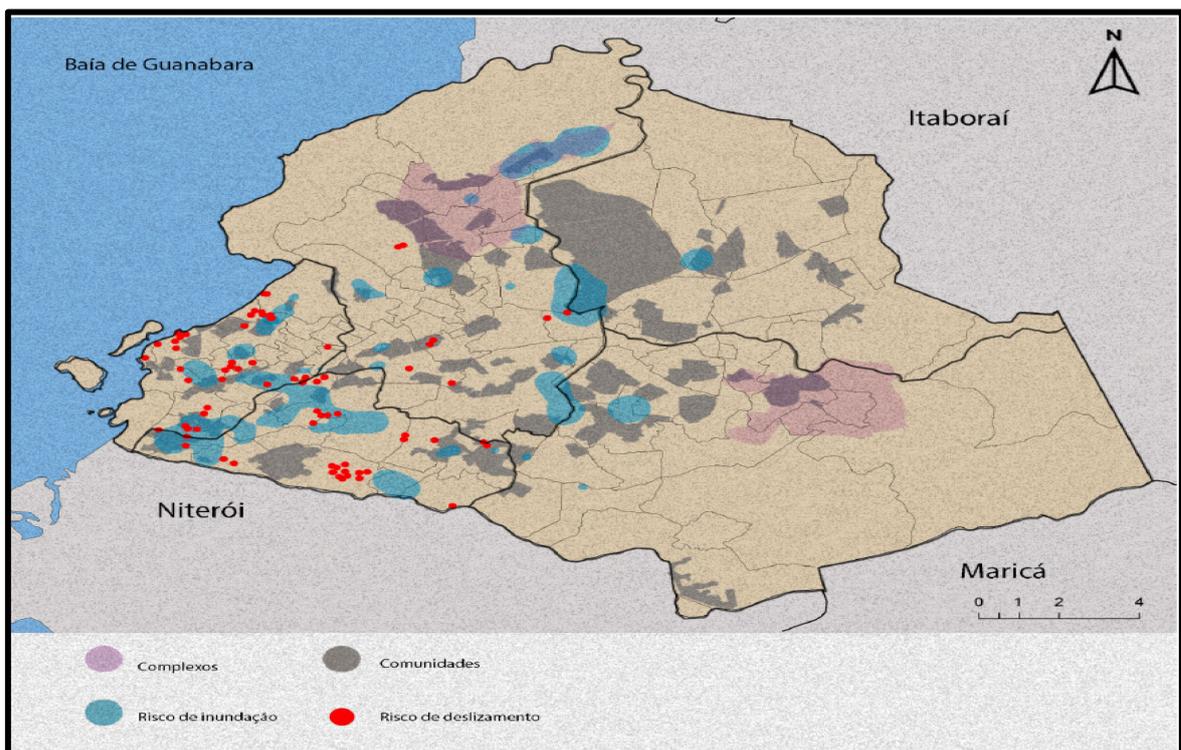
do centro da cidade, se fizermos comparações com os mapas anteriores, vamos perceber que a região do eixo urbano que liga Neves – Centro – Alcântara tem uma maior presença de empreendimentos voltados para as classes mais abastadas.

Tal fato é tão preponderante que Gomes (2022) cita em seu trabalho sobre o aumento desses empreendimentos que são voltados para as classes médias;

Simultaneamente a este crescimento de empreendimentos imobiliários voltados para classes médias e altas, cresceu também o número de comunidades no município. Segundo o Boletim de Acompanhamento do Município de São Gonçalo 2000-2011, no ano de 2009, a cidade possuía 74 “assentamentos precários”, ou seja, moradias com problemas relacionados à posse de terra, qualidade das moradias e acesso à infraestrutura. Atualmente, segundo dados georreferenciados da plataforma MPRJ *in Loco*, há 108 comunidades e dois complexos identificados em São Gonçalo (Gomes, 2022. p. 79).

A existência de favelas em São Gonçalo aumenta quando esses espaços são ocupados de maneira desordenada no ponto de vista do capitalismo, pois como vimos anteriormente, para a posse legal da terra, ela deve obedecer aos parâmetros urbanísticos e arquitetônicos, qualquer fator fora da sua padronização pode ser considerado como favelas. Diante dos dados citados por Gomes (2022), podemos perceber que há um aumento expressivo de favelas em São Gonçalo, dados referentes ao MPRJ em sua plataforma georreferenciada.

Figura 12 – Mapeamento de comunidades e áreas com problemas ambientais



Fonte: Gomes, (2022)

Diante de um processo de formação urbana no município de São Gonçalo, podemos notar de acordo com o mapa, que os complexos<sup>4</sup> de favelas estão distantes do eixo principal Neves-Centro-Alcântara, relação direta com a valorização do solo nessa área, as favelas em São Gonçalo foram sendo formadas a partir desse aspecto, sendo acentuado com o momento do sistema metropolitano-financeiro, desta maneira, os shoppings centers valorizam as áreas próximas, demandando moradias de alto padrão, o que vem acontecendo atualmente no município, conseqüentemente novos empreendimentos estão sendo lançados, temos como exemplo, o empreendimento Jardim Central I, no bairro São Miguel, ao lado do centro da cidade. Como também o novo empreendimento Residencial Florescer na rua Carlos Gianelli, ligado à Av. presidente Kennedy, a principal via de ligação de São Gonçalo.

Figura 13 – Empreendimento no centro da cidade, na rua ligada a via principal da cidade de São Gonçalo



Fonte: <https://meulnovo.com.br/imoveis/residencial-florescer-rj-engenharia/>.

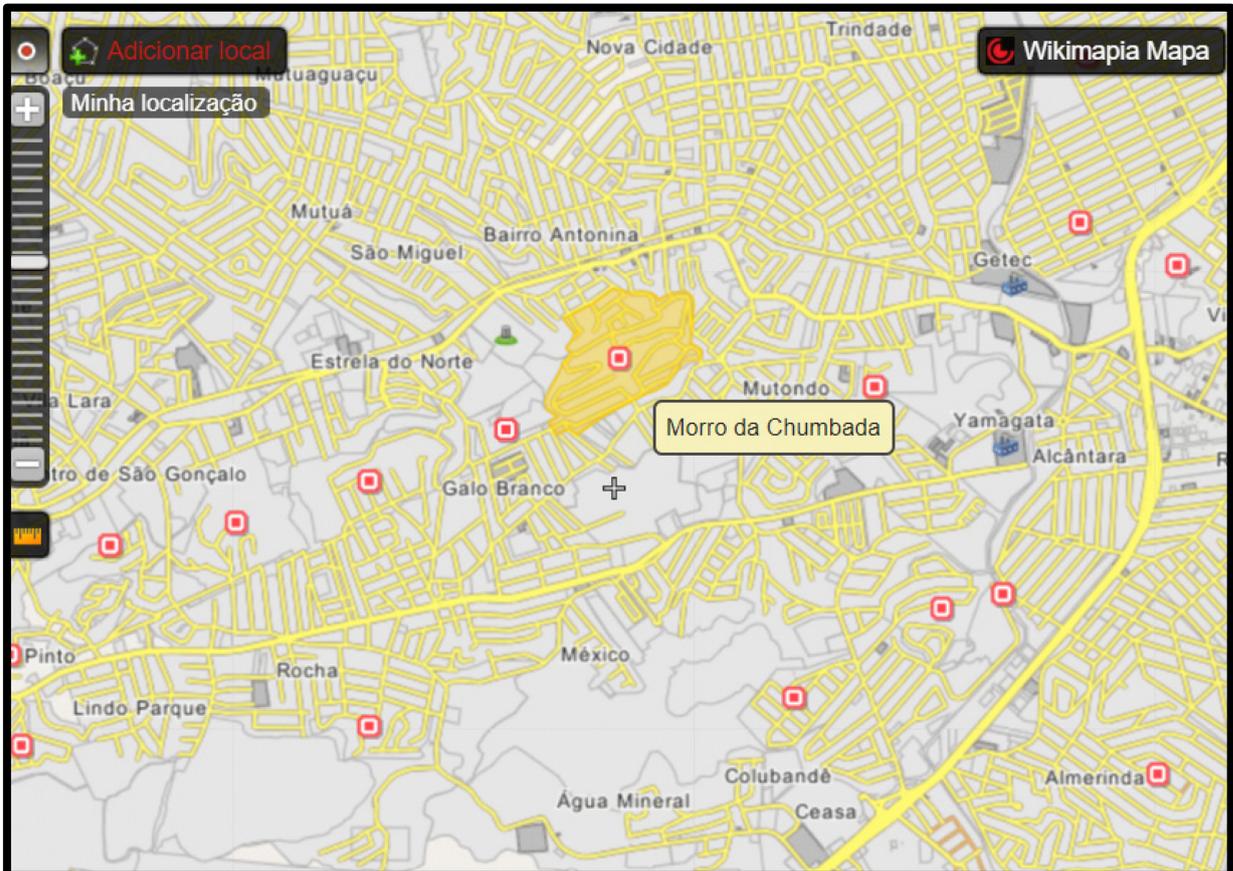
Conforme esses empreendimentos vão sendo lançados e estão voltados para as classes médias e altas, a população mais empobrecida vai ficando distante dessas áreas, conseqüentemente passam a ocupar as regiões mais distantes, assim, podemos perceber que o aumento de favelas em São Gonçalo tem sido acentuado. Mas também, não podemos deixar de citar que próximo a essas áreas valorizadas existem outras favelas e estão próximas do eixo principal, essas favelas estão constantemente nas páginas dos jornais e da mídia, sendo

---

<sup>4</sup> São considerados complexos, um conjunto de favelas que estão próximas umas as outras.

explorado por eles o tema da violência urbana, causada principalmente pelo confronto da polícia com os narcotraficantes.

Figura 14 – A localização das favelas em São Gonçalo, sendo destacado a favela da Chumbada



Fonte: <https://wikimapia.org/#lang=pt&lat=22.826267&lon=43.026323&z=14&m=w&tag=7375&show=/17779237/pt/Morro-da-Chumbada>.

Essa imagem representa onde estão localizadas as favelas de São Gonçalo, os pontos em vermelho indicam onde cada uma delas estão, elas estão próximas a via principal do município. O curioso perceber que nesse mapa não temos o mapa hipsométrico, pois ele nos possibilitaria perceber que a maior parte dos pontos em vermelho próximo ao eixo principal são favelas que se encontram em terrenos íngremes.

Em meio a formação de diversas favelas, a Chumbada está muito próxima a essa via, ela está em destaque no mapa, próximo a via principal do município que possui um alto fluxo de pessoas e veículos. De acordo com o IBGE (2019) ao todo são 61 favelas catalogadas em São Gonçalo.

Diante da realidade de um município periférico, a favela da Chumbada tem sua importância para os seus moradores, muitos criaram laços familiares com o lugar, além de ter proximidade com as vias de acesso do município. Outro fator em destaque é em período de

eleição, muitos políticos buscam angariar votos na favela, fazendo melhorias paliativas. Com o passar dos anos e com o descaso de governos passados e o atual, a favela nunca passou por uma transformação urbana, pois seu histórico de conflito armado e a concentração de uma população mais empobrecida não torna interessante para a prefeitura investimento local.

A favela da Chumbada tem seu histórico de formação a partir dos depoimentos dos moradores mais antigos, no trabalho de Paiva (2013), é possível perceber que os discursos vão ao encontro com o período de loteamento que São Gonçalo passou, pois suas terras foram loteadas de uma fazenda e tinha um único dono, em seu terreno acidentado com o processo de ocupação passou a ter duas vertentes, sendo uma voltada para a rua Guilherme dos Santos Andrade entre Mutondo e Galo Branco e a via principal que fica na divisa com Bairro Antonina e Nova Cidade a Rua Dr. Nilo Peçanha. Iremos debater a favela da Chumbada mais a fundo no próximo capítulo.

### **3 A FAVELA DA CHUMBADA, ENTRE O QUE O JORNAL O SÃO GONÇALO PROPAGA E A REALIDADE DOS SEUS MORADORES**

O discurso dos moradores tem grande relevância para o nosso trabalho, vamos aqui debater como os moradores enxergam a favela da Chumbada, o questionário que possui 11 questões vem para confrontar as publicações do Jornal O São Gonçalo como a sua preocupação com a vivência desses moradores não tem tanta pertinência, já que os casos de violência são os maiores destaques. Nesse questionário criamos as perguntas com o objetivo de trazer as atividades que são realizadas na favela, os eventos que contribuem para explicar melhor como é o espaço favelado. Dessa maneira, os casos de violência ganham destaque no Jornal O São Gonçalo, enquanto o discurso dos moradores vem para mostrar que a Chumbada vai muito além do que imaginamos. Focamos nesse questionário a busca de moradores com anos de moradia, como enxergam os olhares das pessoas que moram fora da favela, sobre sua posição frente as reportagens que pouco se importam com as atividades que ocorrem na favela.

Vamos então debater as favelas em São Gonçalo, levando em consideração a favela da Chumbada, dessa forma ter o cotidiano do espaço favelado como aspecto a ser levado em consideração. As favelas em São Gonçalo surgiram a parte de uma nova dinâmica espacial no Estado do Rio de Janeiro, as transformações que a região metropolitana passa pós década de 1960 dão novos rumos a população fluminense, diante da expansão do mercado imobiliário, dos loteamentos, da expansão do setor terciário, há novas demandas por habitação, a mídia jornalística está ligada a esse dinamismo, já que assiste o seu mercado consumidor aumentar, pois ainda estávamos na era do papel, sendo esse aumento populacional uma oportunidade de expandir seus negócios. Os casos de violência passam a ser noticiários nas capas dos jornais, no caso de São Gonçalo não é diferente, já que iniciam a ocupação urbana com mais intensidade, pois os processos de loteamentos estão em expansão no pós década de 1960.

A favela da Chumbada vai começando a ter uma ocupação mais intensa nesse período, acompanhando o dinamismo do município. O que devemos levar em consideração é que na década de 1990 os casos de violência já estavam presentes nas capas dos jornais, relatando os problemas na favela da Chumbada. A mídia, no caso o jornal O São Gonçalo, tem o objetivo de expandir seus negócios, levar informação a população, e isso levou muitos gonçalenses a conhecerem a favela da Chumbada.

Figura 15 – A favela da Chumbada



Fonte: Tirada por Tiago Viana. Adaptado pelo autor.

Diante desta imagem, temos um recorte baseado nos dados do IBGE (2019) onde é constatada a favela da Chumbada, apesar do recorte feito pela instituição, muitos moradores consideram a favela da Chumbada para além dessa demarcação, mas devemos esclarecer que o papel de identificar as favelas, inclusive o da Chumbada é de suma importância para a ação das políticas públicas pela instituição.

A favela da Chumbada tem a sua formação atrelada a história de São Gonçalo e da dinâmica de formação da metrópole fluminense, antes de iniciarmos o seu contexto histórico, devemos fazer esse elo na formação do espaço urbano. Como fica próxima ao eixo rodoviário como via principal do município e foi no passado também próximo as linhas férreas a favela da Chumbada passou a ser ocupada de forma intensa por tais motivos, isso acabou aumentando a ocupação na favela e facilitando a vida dos trabalhadores que precisam se deslocar para os seus postos de trabalho.

Segundo o trabalho de Paiva (2013), a favela da Chumbada surge no período da crise citricultora no município de São Gonçalo, pois o processo de loteamento fará muitas fazendas repartirem os seus terrenos em lotes. Portanto, discute-se até o que motivou o nome Chumbada dada a favela, pois segundo alguns relatos de moradores antigos, entrevistados pelo autor, disseram que o nome foi dado a existência de uma fábrica de chumbo que existia no local, outros disseram que o nome viria de uma antiga fazenda com o nome de Chumbada, mostrando o quão foi difícil identificar o motivo real que deu o nome à favela. Para quem não conhece a origem do seu nome, pode até mesmo atrelar a questão dos conflitos que existiram ao longo dos anos.

Ademais, a favela da Chumbada era um lugar que existia uma fazenda como aponta Paiva (2013)

O lugar hoje conhecido como Chumbada era uma fazenda com a criação de gados, plantação de laranjas, criação de outros animais, plantação de alface e plantações de árvores frutíferas, contudo, na outra parte da fazenda em direção ao Mutundo predominava uma vegetação densa e fechada, existindo frutas de diversos tipos. No lugar existiam pouquíssimas casas onde um dos entrevistados relatou que havia no máximo 5 moradias e uma mansão deteriorada, já abandonada provavelmente pelo dono da fazenda. O dono da fazenda era conhecido como “Badenes” este era médico e morava na cidade do Rio de Janeiro no bairro Flamengo, deixando por conta dos filhos o cuidado das terras, seus filhos eram conhecidos como Pago e Creuzo. Quando perguntado sobre a compra das terras, o morador disse ter negociado com um responsável imobiliário chamado Nelson, muito amigo de Badenes, Nelson ficava responsável pelos transmissões com os compradores, isto já na década de 1960. A prova do relato pode ser corroborada com um lugar conhecido na favela chamado “Pago” um dos nomes do filho de Badenes, hoje essas terras passam pelo processo de especulação imobiliária (Paiva, 2013, p. 91).

Desta maneira, no relato dos moradores mais antigos, a existência de poucas casas e o “casarão”, sendo supostamente a casa do fazendeiro, se apresenta como ocorreu o processo de formação do município de São Gonçalo e da própria Chumbada. A partir desses loteamentos, a ocupação foi se tornando mais intensa. Se percebermos, a formação da favela tem sido dinamizada, tanto pela proximidade da linha do trem, como apontamos no capítulo anterior, como também o surgimento das linhas de ônibus, Paiva (2013) em seus escritos traz a luz como o transporte rodoviário teve grande peso para o adensamento populacional na favela da Chumbada.

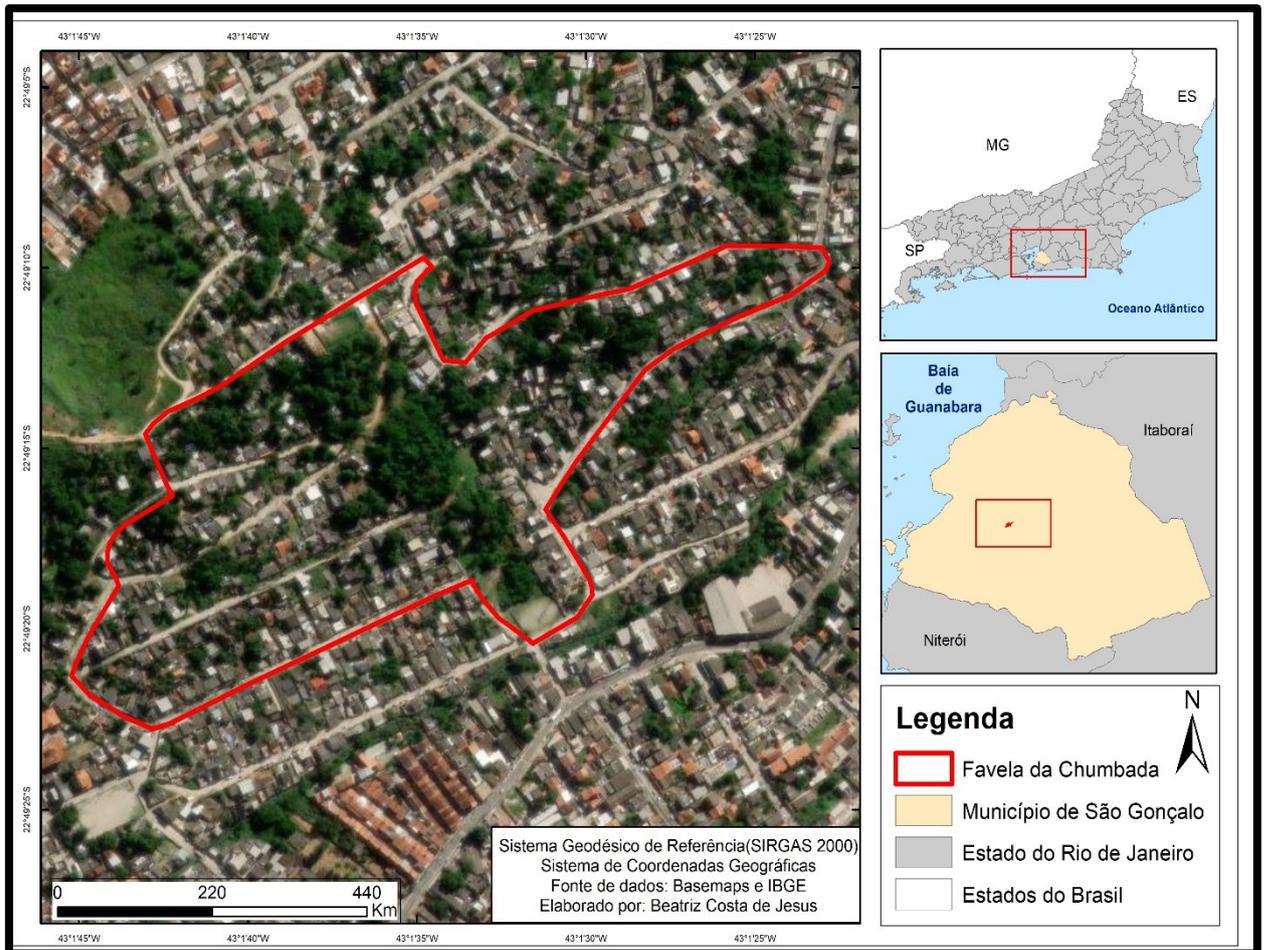
Com o crescimento populacional na região foram colocadas linhas de ônibus com a empresa chamada Renascença na rodovia Guilherme dos Santos Andrade, onde logo depois foi comprada pela Viação Galo Branco que iniciava o processo de abertura de rodovias para a circulação de ônibus. Como existia uma vegetação ainda muito densa no bairro Mutundo um meio de aumentar o trajeto dos ônibus foi abrir caminhos com tratores devastando toda a vegetação, trabalho realizado pela então Viação Galo

Branco, desejando aumentar a quantidade de passageiros transportados (Paiva, 2013, p. 92).

A ocupação do lugar então ganha novos contornos, pois novos moradores passam a ocupar o território, as linhas de ônibus dinamizam o espaço e vão auxiliando no processo de ocupação da favela, a facilidade que esses meios de transportes impactam na vida do trabalhador ao mesmo tempo facilita também o acesso ao comércio de drogas que já dava sinais na favela da Chumbada como aponta Paiva (2013). Entretanto, como ainda era muito incipiente a presença da venda de drogas isso não era o suficiente para trazer os conflitos armados no lugar, pois ainda tinha uma baixa taxa de ocupação com uma vegetação predominante, somada a baixa circulação de pessoas. Com o passar dos anos, a ocupação do espaço favelado da Chumbada ganhará destaque, pois devido a dinâmica urbana, principalmente com ação dos agentes imobiliários, os trabalhadores passaram cada vez mais a ocuparem a região periférica da metrópole fluminense.

Consequente, entre os anos de 1970 e 2010, o crescimento do tecido urbano da região metropolitana tem uma impulsão provocada pela valorização da região central do Rio de Janeiro, pois segundo Lagos, (2000) após a década de 1980 ocorre um processo de migração acentuado intrametropolitano, onde a população busca os espaços periféricos com o solo mais barato, sendo acentuado pela oferta de crédito do Sistema Financeiro de Habitação (SFH). Com o aumento da ocupação urbana no município de São Gonçalo, as áreas passaram a ter um alto número de trabalhadores e por ter terrenos acidentados em seu território viu a ocupação do seu solo ser relevante, sobretudo para a população com baixo poder aquisitivo, desta maneira, a favela foi ganhando forma e passando a ser um lugar de moradia desses trabalhadores.

Figura 16 – Mapa da favela da Chumbada segundo o IBGE, dados de 2019



Fonte: Basemaps e IBGE, elaborado por De Jesus, 2024.

Desta forma, podemos notar que o mapa da favela da Chumbada ganha delimitações segundo o IBGE 2019 de forma mais detalhada. No entanto, temos uma contradição nos dados oferecidos pelo IBGE que considera a favela da Chumbada a partir dos seus traços, não reconhecendo como favela algumas ruas, como a Alzira Duque Estrada, Joaquim Rocha, entre outras, o fato é que essas ruas fazem parte do espaço favelado, surgindo então um ponto a ser debatido, não podemos desconsiderar os recortes do IBGE, mas temos que estar atentos aos percalços que a instituição encontrou em definir a favela.

A favela da Chumbada não pode ser enquadrada nos padrões do IBGE de maneira fiel, já que ela não se resume apenas nas habitações aglomeradas, mas sim também, na territorialidade dos moradores, na sua identificação, na vivência, entre outros fatores, se levarmos esses temas em consideração, a área da favela se expande para além dos limites propostos pela instituição. A menção de outros fatores para a consideração do espaço favelado parte da organização de seus moradores para definir o delineamento espacial da favela da Chumbada.

Assim temos, por exemplo, a área da favela localizada entre os bairros Mutondo e Galo Branco, no trabalho de Fernandes (2011), temos um novo tipo de recorte da Chumbada, sendo feita em duas partes, uma vertente voltada para a via principal de São Gonçalo que liga Neves – São Gonçalo – Alcântara, sendo a Av. Dr. Nilo Peçanha que está próxima da favela da Chumbada e no outro lado a rua Guilherme dos Santos Andrade que liga Mutondo e Galo Branco, como na figura – 18.

Com a identificação da favela da Chumbada através dos dados de Fernandes, (2011), este desenvolve um mapa tratando a favela da Chumbada com duas vertentes, chamada por ele de A e B, sendo uma voltada para a rua Dr. Nilo Peçanha a parte A, a via principal da cidade e a outra para a Rua Guilherme dos Santos Andrade sendo a B.

Figura 17 – Delimitação da Chumbada segundo as suas vertentes e os bairros adjacentes



Fonte: Fernandes, 2011, p. 53.

Como podemos notar no mapa, a favela da Chumbada está rodeada por diversos bairros, sendo esquecido apenas pelo autor o bairro de Nova Cidade, que fica ao lado do Bairro Antonina. Na via principal do município que tem a rodovia Dr. Nilo Peçanha é a que faz parte do eixo principal de ligação do município de São Gonçalo, pois tem a ligação com o Bairro de

Neves – São Gonçalo – Alcântara, sendo servida por diversas linhas de ônibus. O acesso a serviços urbanos e bens coletivos próximo a essa via são bem maiores, devido a infraestrutura implantada ao longo dos anos. Diferentemente o que encontramos na vertente B, pois a rua Guilherme dos Santos Andrade, onde se tem a entrada principal da favela da Chumbada, passa apenas duas linhas de ônibus, da empresa viação Galo Branco, onde monopoliza desde a década de 1980 o transporte rodoviário.

Figura 18 – Rua Dr. Nilo Peçanha



Fonte: O autor, 2024.

Essa rua Dr. Nilo Peçanha passa exatamente no bairro Nova Cidade, sendo inclusive a principal rota de movimento do município, ligando o centro da cidade até Alcântara. A rua Dr. Nilo Peçanha tem ligação com a favela da Chumbada, onde os moradores da vertente B acabam se beneficiando por ter mais acesso a um maior número de ônibus interurbanos. Diferentemente o que ocorre na vertente A com a rua Guilherme dos Santos Andrade.

Figura 19 – Rua Guilherme dos Santos Andrade



Fonte: O autor, 2024.

Portanto, temos outra maneira de olhar para a rua Guilherme dos Santos Andrade, essa já não oferece a quantidade suficiente de transporte rodoviário interurbano. A diferença na oferta de serviços como os meios de transportes, influencia na característica dos imóveis, pois enquanto as casas que estão mais próximas a rodovia Dr. Nilo Peçanha tem um valor agregado maior e fica na vertente B, a outra vertente A é servida apenas por uma empresa de ônibus, a da viação Galo Branco, com duas linhas apenas, fator primordial para identificarmos imóveis em alta quantidade de casas de alvenaria.

Figura 20 – Rua Mario Sete



Fonte: O autor, 2024.

Andando pela favela da Chumbada vamos perceber que as duas vertentes vão mudando as suas características de acordo com a proximidade das vias principais que cercam a favela, no alto do morro começamos a perceber imóveis sem muros, muitas vezes por ser dispendioso para a construção, a cerca de madeira se torna um meio mais rentável de demarcar os terrenos. Outro caso percebido são as ruas, elas estão cimentadas, esse movimento se deu pelos próprios moradores em período político, uma das práticas nas últimas eleições eram as doações de cimentos para os moradores que sem nenhuma técnica para a realização da obra trabalharam na pavimentação, onde inclusive não existe um encanamento para a coleta de esgoto e muito menos de galerias pluviais.

Figura 21 – Rua Murilo Pires



Fonte: O autor, 2024.

As ruas que ficam mais no alto do morro têm a possibilidade de movimentação de carros, isso permite também uma melhor circulação pela favela, principalmente na oferta de serviços, como a entrega de produtos pelas lojas, como por exemplo, a entrega de medicamentos pelas farmácias ou mesmo os fastfoods, diferentemente do que acontece na rua Francisco Ribeiro figura 21 e 22, onde não é possível a passagem de veículos de maior porte, o que dificulta a chegada de socorros como ambulâncias, bombeiros, ou qualquer outro serviço.

Figura 22 – Rua Francisco Ribeiro



Fonte: O autor, 2024.

Figura 23 – Rua Francisco Ribeiro



Fonte: O autor, 2024.

As ruas que ainda não receberam nenhum incentivo por parte do Estado e continuam da mesma maneira desde o período de formação lá no século passado, sendo feito algum reparo

somente nas práticas eleitoreiras, como a cimentação das ruas, tem as marcas de um Estado ausente no atendimento dos serviços básicos aos moradores dessa rua.

Como fui morador desse espaço favelado por muitos anos, tive as melhores memórias possíveis quando se trata de infância, já que na favela da Chumbada foi possível jogar futebol, ter brincadeiras como rodar pião, soltar pipa, jogar bola de gude, brincar de pique e esconde entre outras, foi a parte de uma infância onde a diversão foi primordial para uma vida feliz. Não obstante, para quem não conhece, acaba sendo influenciado pelas representações jornalísticas que trazem outra visão do lugar, fazendo muitas pessoas pensarem que viver na favela é ter apenas os casos de violência.

Queremos aqui despontar a construção da representação do espaço favelado, feita pela própria mídia, especificamente o Jornal O São Gonçalo, como uma ferramenta que tem contribuído para uma visão distorcida do que é morar na favela da Chumbada, afirmamos isso pelo que se tem publicado sobre ela.

O jornal tem sido um instrumento usado há muito tempo pelo homem para espalhar informações e levar ao conhecimento da sociedade os fatos ocorridos, mas a realidade é que nem sempre são expostas de maneira clara, já que há interesses individuais dos donos dos meios de comunicação. Diante de um sistema capitalista de produção em que vivemos, e da construção do espaço urbano da centralidade e da periferia, tendo São Gonçalo como a base da assimilação, levar em consideração a questão habitacional e a produção de favelas, e o que a mídia propaga sobre ela, são caminhos a serem percorridos para entendermos a problemática na favela da Chumbada. Desta maneira, o Jornal O São Gonçalo visa a sua propagação de informação a fim de lucrar com a venda de noticiários, sendo os casos de violência um dos temas que potencializam a sua lucratividade.

Em virtude disso, as favelas no Brasil e principalmente as do Estado do Rio de Janeiro tem sido palco de conflitos entre os agentes da segurança pública com as milícias ou com os traficantes, e isso tem levado a atenção da mídia, pois perceberam que as reportagens dinamizam a audiência, as pessoas se interessam pelo assunto, muitas vezes até pela questão do medo, ou outros motivos que as levam a procurar saber sobre os conflitos. Como vimos, o processo de formação do espaço urbano e principalmente das favelas, se deram em um cenário de resistência da classe trabalhadora, em meio a uma concorrência entre os agentes produtores do espaço, gerando uma cidade cada vez mais enclausurada distanciando as pessoas da cidade, desta forma, não conhecendo umas às outras causando estranheza e conseqüentemente o medo, tudo isso sendo estimulado pela mídia.

Diante de um cenário caótico do conflito urbano, a mídia tem se preocupado em focar mais nos casos de violência, pois apesar de outras maneiras de tratar as reportagens, a violência urbana tem impactado com maior frequência a vida da população gonçalense, sendo assim, a favela da Chumbada passa a ser vista como um lugar “perigoso”.

As potencialidades que a favela oferece para além dos casos de violência, como a vivência em harmonia, os festivais, os campeonatos de futebol, o dia das crianças, são temas pouco ou quase nunca abordados, por essa mesma mídia que tem a ideia de mostrar a realidade que lhe convém. Para isso, vamos analisar o caso da favela da Chumbada no contexto do município de São Gonçalo e como as reportagens relatam sobre ela e como os moradores através de seus relatos entendem o que é a favela da Chumbada na sua essência. Desta maneira, trataremos aqui a fim de comparação, como de fato se vive na favela da Chumbada e o que a mídia, no caso o Jornal O São Gonçalo, como objeto de pesquisa, oferece para a sociedade gonçalense, pois por ser um jornal de alta circulação no município.

Vamos esclarecer os levantamentos de publicações que abordem a favela da Chumbada no Jornal O São Gonçalo e o que seus moradores de fato vivem nesse espaço e o que pensam. Por ser morador e saber que o medo produzido no jornal gera uma indiferença com os moradores, a polícia acaba sendo influenciada pela ideia da convivência, como assinala Paiva, 2013;

As favelas são criminalizadas, como se os moradores fossem coniventes com o tráfico de drogas, onde o “mito” da convivência cria estereótipos sobre os favelados. O olhar sobre a favela passa a ter um sentido negativo, a polícia com suas incursões acaba não distinguindo os moradores dos traficantes usando a sua força excessiva, aos quais muitos discursos dos favelados passam a queixar-se da presença da polícia nas favelas. O tratamento com os moradores dos espaços favelados contém um olhar diferente, se comparado à ação policial com os moradores do asfalto. O interessante é a atuação da polícia em determinados espaços da cidade, pois nas áreas da cidade dita legal, o policial tem um olhar mais cuidadoso, um tratamento mais brando, diferentemente quando entram na favela, pois nas suas concepções todos os moradores seriam suspeitos (Paiva, 2013, p. 86).

Assim, as incursões policiais são agressivas, causam conflitos constantes, muitas vezes os seus moradores passam por constrangimentos, agressões ou até mesmo a morte, isso é potencializado pela mídia que propaga de maneira massiva os casos de violência, mas veremos que o espaço favelado não é feito apenas de casos de brutalidade, existem outras coisas para serem exaltadas, mas por diversas vezes isto acaba passando despercebido.

Desse modo, a venda de matérias jornalísticas que trazem os casos de violência são motivos para aumentar a venda das publicações, mas sabemos que além de causar o medo nas pessoas que não moram na favela, também contribuem para a construção da ideia de que no

espaço favelado a violência predomina. Só para se ter uma ideia, em um levantamento de pesquisa do Jornal O São Gonçalo desde que foi informatizado com suas publicações disponíveis de maneira digital, constatamos 68 publicações sobre casos de violência, seja ela prisões, mortes, conflitos, entre outros, enquanto eventos que ocorrem na favela da Chumbada como campeonatos de futebol apareceu com 6 publicações. Aliás, um estudante de escola pública morador da Chumbada foi sorteado para estudar em Harvard, notícia publicada pelo Jornal O Fluminense.

Figura 24 – Jornal O Fluminense sobre o jovem que conseguiu estudar na Universidade de Havard, sendo morador da favela da Chumbada



Fonte: <https://www.ofluminense.com.br/cidades/2022/05/1248065-jovem-da-chumbada-em-sg-vai-estudar-em-harvard.html>. Acesso em: 21 jul. 2024.

Outro caso que deve ser levado em consideração é o Mc PL QUEST, no campo musical do rap ele tem feito muito sucesso, com mais de 2 milhões de ouvintes mensais no aplicativo *Spotify*, tem sido destaque na capa do jornal Meia Hora, onde traz uma informação diferente dos casos de violência. O cantor de rap até a publicação desta reportagem, tinha quase 230 mil seguidores no *Instagram*, e no *Youtube* em um dos seus clipes que possui mais de 5 milhões de visualizações, com o título de Chumbada, mostrando partes da favela<sup>5</sup>.

<sup>5</sup> O vídeo pode ser acessado pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=HhR1wqiApJc>.

Figura 25 – O Mc PL QUEST sai na página do Jornal Meia Hora



Fonte: <https://www.meiahora.com.br/alo-comunidade/2022/05/6405623-pl-quest-promete-album-e-fala-sobre-mensagem-em-sua-letras-mostrar-que-favela-nao-e-sotrafico.html#foto=1>. Acesso em: 23 jul. 2024.

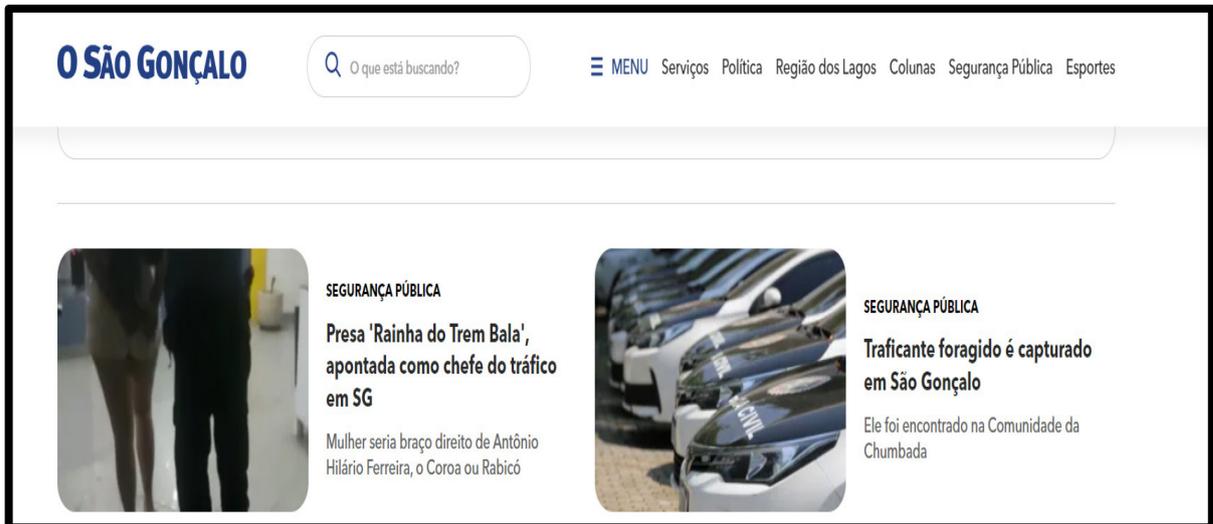
Na reportagem do jornal Meia Hora foi possível ver a fala do Mc PL QUEST sobre a favela da Chumbada, onde a representação da favela ainda continua no imaginário em parte da sociedade como um lugar onde a violência impera, o título da reportagem traz a fala do Mc constatando que “mostrar que a favela não é só tráfico” já denota o foco principal de apresentar a favela de maneira diferente do que é representado na mídia, principalmente no jornal O São Gonçalo, assim ele relata “...E o preconceito também, né? Quando perguntam de onde a gente é e nós falamos, algumas pessoas não entendem de uma forma certa...” o relato do Mc PL QUEST vai ao encontro com o nosso debate, em que vamos mostrar como de fato é a favela da Chumbada.

Essas questões mostram como a representação da favela da Chumbada passa por um aspecto muito praticado pelo Jornal O São Gonçalo, a ideia de que na favela da Chumbada existem apenas os casos de violência, sendo o foco principal nas suas capas de jornais, gerando um sentimento de medo e a ideia de um lugar “perigoso” que deve ser evitado a qualquer custo, em uma problemática que prejudica os seus moradores.

Para trazer outra visão do espaço favelado da Chumbada, nada melhor que os seus moradores que vivem há anos na favela para relatarem, como é de fato a Chumbada? Com um questionário de perguntas, onde podemos encontrar no final deste trabalho, trazemos a luz uma analogia entre a representação da favela da Chumbada pelo Jornal O São Gonçalo onde os casos

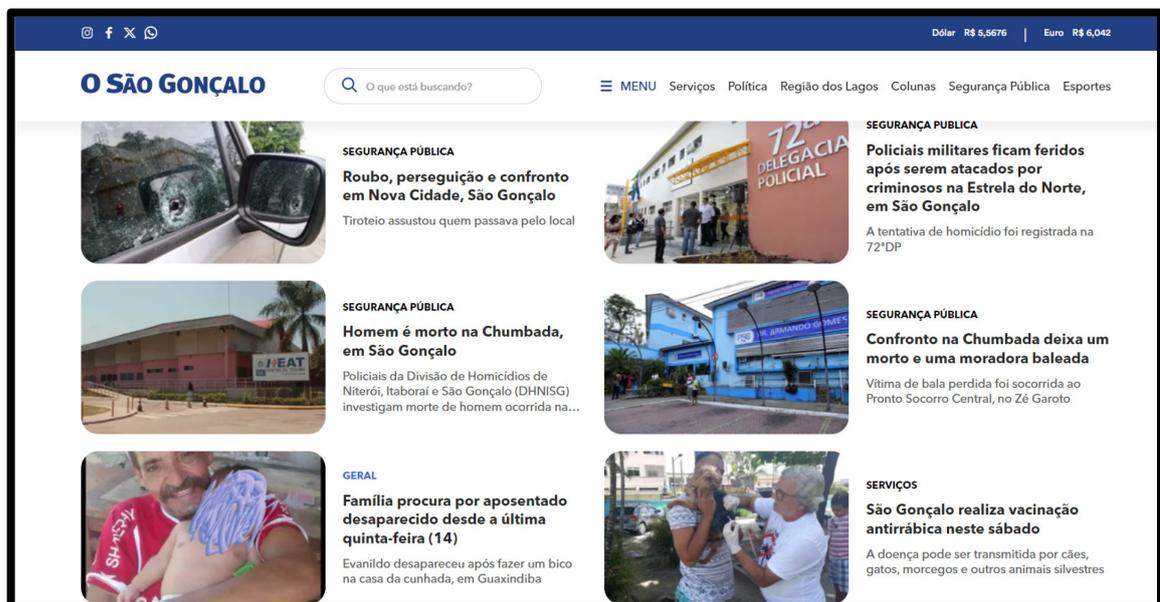
de violência se destacam e o relato dos moradores de como viveram e vivem na favela. Desta maneira, podemos assim destacar inicialmente as reportagens como relatamos anteriormente com mais de 68 publicações sobre os casos de violência.

Figura 26 – Jornal O São Gonçalo sobre a segurança pública na favela da Chumbada



Fonte: <https://www.osaogoncalo.com.br/?d=1&q=chumbada>. Acesso em: 23 jul. 2024.

Figura 27 – Jornal O São Gonçalo sobre a violência na Chumbada



Fonte: <https://www.osaogoncalo.com.br/?d=1&page=1&q=chumbada>. Acesso em: 23 jul. 2024.

Figura 28 – Jornal O São Gonçalo com casos de violência



Fonte: <https://www.osaogoncalo.com.br/?d=1&page=1&q=chumbada>. Acesso em: 23 jul. 2024.

Esses são alguns trechos retirados no site oficial do Jornal O São Gonçalo, onde podemos observar o número de reportagens sobre os casos de violência, na outra imagem percebemos uma publicação sobre o campeonato de futebol. Se a mídia jornalística tem o seu foco nos casos de violência, que ideia a sociedade terá sobre a favela da Chumbada? Diante dessa questão, fomos buscar através dos relatos dos moradores como é viver na favela da Chumbada.

Deste modo, os moradores relatam a sua vivência na Chumbada, suas perspectivas sobre a favela têm outro aspecto que merece atenção, pois as perguntas vão na contramão do que se é publicado no Jornal. O interessante é perceber que as narrativas têm boas referências, como o relato do Senhor Osmar José, que tem 62 anos, sendo 35 anos morando na favela da Chumbada, suas palavras são direcionadas da seguinte maneira, “Só tenho a falar coisas boas da Chumbada, época de jogar futebol, soltar cafifa<sup>6</sup>, festas, eventos para as crianças...”, aqui podemos constatar que a visão do morador sobre a favela é de boas lembranças, de momentos felizes, o que caracteriza uma vivência de alegria.

Quando perguntamos sobre os eventos que ocorrem atualmente na favela da Chumbada, os moradores prontamente discursam sobre a importância dessas festividades e que são lembrados de maneira carinhosa e afetiva. A presença desses eventos tira sorrisos desses moradores, como o dia das crianças, que alegram as pessoas que moram na favela.

<sup>6</sup> Cafifa é uma maneira de classificar as pipas, o município do Rio de Janeiro a cultura é chamar de pipa, enquanto no lado Leste Metropolitano é chamado de cafifa.

Figura 29 – Distribuição de presentes na favela da Chumbada no Dia das Crianças, organizada pelos próprios moradores



Fonte: Fotos retirada da página do facebook.

Figura 30 - Distribuição de presentes na favela da Chumbada no Dia das Crianças, organizada pela liderança política local, Ricardo Castor no ano de 2021



Fonte: Página pessoal do Ricardo Castor no facebook.

O campo de futebol tem sido um espaço muito utilizado pelos moradores da favela da Chumbada, nos seus momentos de lazer aproveitam para praticar esporte, como o futebol, uma maneira de diversão e prática de exercício trazendo benefícios para a saúde.

Figura 31 – Um dos campos de futebol existente na favela da Chumbada chamado pelos moradores do “campo do entradão”, onde jovens se divertem jogando bola



Fonte: Imagem retirada do facebook.

Na imagem seguinte, o outro campo de futebol existente na favela da Chumbada, sendo o que mais recebe eventos, chamado pelos moradores de “campo de Castor”, referência ao Ricardo Castor, uma das lideranças da Chumbada é o campo de futebol onde ocorrem os principais eventos da favela.

Figura 32 – Campo principal da favela da Chumbada, onde ocorrem os principais campeonatos de futebol. Na imagem um grupo de integrantes da favela que jogam todos os domingos



Fonte: Tiradas por um integrante do grupo de futebol, no dia 23/02/2022.

Nessa imagem, o autor se encontra no canto do lado esquerdo, onde faço parte há mais de 12 anos, participando efetivamente e afetivamente no grupo de pelada bola para a frente. O futebol tem sido uma atividade de lazer praticada por muitos moradores da favela da Chumbada. Ao fundo, prédios do programa Minha Casa e Minha Vida inaugurado no ano de 2016.

Outro evento que é muito lembrado, é o campeonato de futebol, que reúne diversos times de várias favelas, onde disputam jogos que ocorrem aos domingos. O campeonato como observamos chegou a sair na página do Jornal O São Gonçalo, essas competições são lembradas por todos os entrevistados.

Figura 33– Campeonato de futebol na favela da Chumbada no ano de 2020

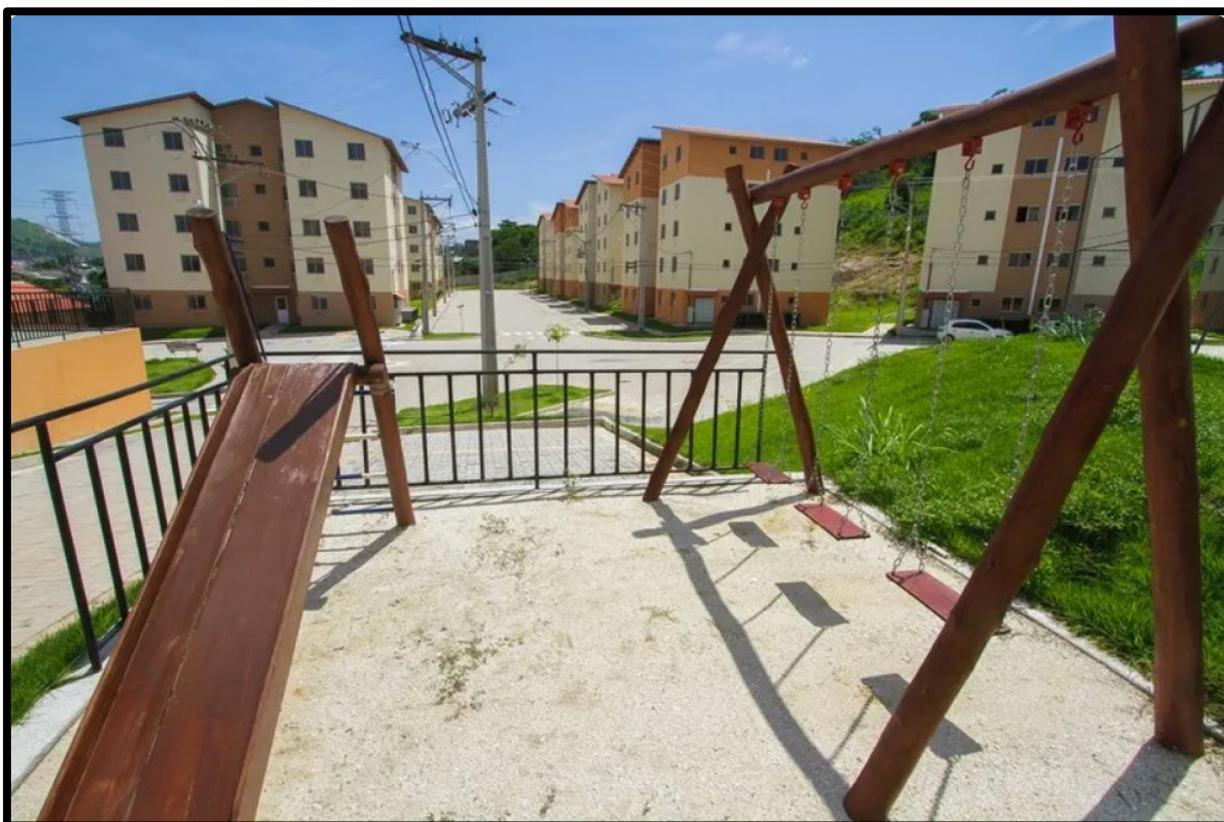


Fonte: <https://www.osaogoncalo.com.br/esportes/78477/gol-de-placa-final-do-campeonato-da-chumbada-e-marcado-pela-solidariedade>.

Como podemos verificar, a reportagem do Jornal O São Gonçalo, em uma das 6 publicações encontradas, tem o campeonato de futebol em sua edição que retrata sobre a importância da solidariedade, em um único jogo de final foram arrecadados mais de 196kg de alimentos, ainda parte do dinheiro do prêmio foi doado a moradores da favela da Chumbada. Todos os entrevistados têm uma referência do futebol como o evento que traz alegria para a favela, momento de festividade, onde na própria reportagem do Jornal O São Gonçalo chegou a citar o número de espectadores ultrapassando mais de 1.200.

Outro aspecto que devemos lembrar foi o governo da Dilma Rousseff, no ano de 2016 entregando mais de 300 unidades na favela da Chumbada, sendo a maioria para pessoas que tiveram as suas casas atingidas pelas enchentes ou que moravam em área em risco de desabamento, devido a isso, poucos moradores da favela da Chumbada foram contemplados, mas o número de habitantes na favela aumentou e a vida cotidiana desses moradores apenas intensificou a relação de amizade, desta maneira, os eventos que ocorrem na favela da Chumbada passou a aumentar o número de participantes.

Figura 34 – Programa Minha Casa e Minha Vida na favela da Chumbada no governo de Dilma Roussef entregue no ano de 2016



Fonte: <https://www.osaogoncalo.com.br/geral/13088/apartamentos-serao-entregues-no-galo-branco>.

O número de habitantes na favela da Chumbada passou a aumentar com a chegada das famílias desses apartamentos, já que a maioria não eram moradores da favela da Chumbada, com isso, foi perceptível que esse tipo de habitação deu outra dinâmica na convivência dos moradores, já que está inserida no cotidiano da favela.

Quando analisamos a convivência dos moradores da favela da Chumbada, vimos que os moradores relataram a boa convivência que existem entre eles, onde o Ricardo Crespo tem em seus relatos, “Na favela as pessoas são mais próximas, se conhecem mais, tem mais carisma uma com as outras”. Essa fala tem muita importância quando consideramos de maneira clara a vivência dentro da favela, a ajuda mútua, o coletivo e a maneira diferente nas relações pessoais”.

Em outro relato, o morador Everaldo Oliveira, de 65 anos, com 48 anos de vivência na favela da Chumbada relata a seguinte questão, “Temos uma excelente convivência, e é diferente de fora da favela, somos mais unidos, mas considerando a amizade, a convivência com os vizinhos lá de fora era mais difícil”, esse relato apresenta como esse morador tem as duas faces da moradia, segundo Everaldo, chegou a morar alguns anos fora da favela da Chumbada e pôde perceber a diferença de convivência. A solidariedade é uma das marcas percebida dos

moradores, o conviver vai muito além dos padrões impostos pelo sistema capitalista que prega o individualismo, na favela a ação comunitária é mais intensa.

Quando foi perguntado sobre a questão da problemática que é a representação da favela da Chumbada nas páginas dos jornais com os casos de violência, os moradores logo se pronunciaram. Com uma visão controversa do que é propagado, um dos moradores como o caso do Everaldo repercute em sua fala a seguinte questão, “para mostrar as coisas negativas é muito fácil, agora as coisas positivas..., passa batido, porque em todas as comunidades tem os seus problemas, mas também tem as coisas boas, as coisas positivas.”, desta maneira, o Senhor Everaldo se preocupa com as publicações que não ganham destaque nas páginas dos jornais, como os eventos que acontecem na favela, a preocupação dos moradores é serem vistos, é saberem que na favela da Chumbada tem eventos que trazem o lado positivo da favela.

O outro morador Ricardo Crespo com a mesma visão do senhor Everaldo vai além, em uma frase de efeito faz uma certa crítica ao que é exposto sobre a favela da Chumbada, “Eles não procuram as coisas boas da favela, pois estão de frente para o mar e de costa para ela, com isso não vão enxergar o que tem de bom na favela.”, essa crítica vai para aqueles que pouco se preocupam com a favela, não entendem o espaço favelado com suas potencialidades, pois apenas conhecem um lado exposto dos casos de violência.

Outro fator que vale salientar, foi quando perguntado o que os moradores achavam sobre o que as pessoas pensavam sobre a favela da Chumbada, já que não a conhece, ou conhece apenas pela representação mostrada pelos jornais, ou no caso, pelo Jornal O São Gonçalo, as respostas foram as mais interessantes, como aponta o senhor Osmar José, “Só gostaria que as pessoas entrassem na Chumbada para conhecer, olhassem os eventos como o campeonato de futebol, os eventos para as crianças, organização dos moradores em festa junina.” O senhor Osmar José tenta na sua fala mostrar como é a favela da Chumbada, um lugar onde ocorrem os eventos que alegram as pessoas que participam dela. O Ricardo Crespo outro morador chegou a afirmar que só pelo nome as pessoas julgam o lugar.

E para finalizar, trazer uma questão para esses moradores para representar o que é ser morador da favela da Chumbada, saber como foram as suas vidas diante de tantos anos que se passaram, assim, o senhor Osmar José expõe, “A minha vida na Chumbada, aprendi a viver, a respeitar o próximo, muito lazer e muita tranquilidade, lugar excelente, só saio da Chumbada direto para o cemitério São Miguel”. Podemos perceber na fala do senhor Osmar José a sua lembrança com carinho da favela da Chumbada e o quanto se sente feliz por ter morado tantos anos, fazendo mesmo uma referência que só sai da Chumbada quando morrer.

Como vimos, os moradores tem afetividade pelo lugar, em seus relatos sobre a favela da Chumbada destoam e muito sobre a publicação do Jornal O São Gonçalo, isto nos esclarece como é a representação da favela através do jornal e como é a favela da Chumbada para quem vive nela, a visão que o jornal passa para a sociedade é de um lugar extremamente “perigoso”, que precisa ser evitado a todo custo, com isso construindo uma ideia de lugar ruim, criando estereótipos e preconceitos sobre o espaço favelado.

Ser morador da favela da Chumbada é saber que na saída dela encontraremos uma sociedade com uma visão deturpada de seus moradores, quantas vezes me perguntavam no período da minha adolescência, onde eu morava e com vergonha não dizia o nome da Chumbada e sim dos bairros que fazem a sua divisa, Mutondo ou Galo Branco.

O preconceito que os moradores passam/passaram todos os dias de suas vidas foram marcas que ficaram na memória. A construção da representação da favela como o lugar “perigoso”, ruim de se viver, de todos os males possíveis, reverberou e reverbera na vida dos seus moradores. Desconstruir esse pensamento foi um dos objetivos deste trabalho, mostrar o lado da favela da Chumbada como o lugar da solidariedade, das festividades, dos eventos como o campeonato de futebol, da amizade, do sorriso daqueles que acordam todos os dias e podem dizer que a favela da Chumbada também é um lugar de ser feliz. Trazer o contraponto do que o jornal propaga foi um caminho traçado para representar para a sociedade que na favela da Chumbada existem pessoas do bem, que as festas são animadas, que os eventos são importantes para os seus moradores e que a favela da Chumbada tem muito mais a exhibir do que os caso de violência. Não vamos fechar os olhos sobre essa problemática, mas também não podemos ignorar como se não existisse as coisas maravilhosas que a favela da Chumbada pode oferecer.

As consequências geradas por esse processo midiático trouxeram diversos problemas para os moradores, primeiro que a construção da representação de um lugar “perigoso” contribui para a ação truculenta dos agentes de segurança pública, pois pensam que os moradores são coniventes com o tráfico de drogas e segundo que o preconceito gerado traz problemas como o próprio Mc PL QUEST aponta, como a dificuldade de conseguir um emprego. Com a representação do lugar sendo o da violência, quem vai querer empregar um jovem desta favela? Por isso é preciso desconstruir tais pensamentos, onde possamos avançar no campo do conhecimento de que a favela é sim, um lugar de ser feliz.

## CONCLUSÃO

Os agentes produtores do espaço disputam cada milímetro do solo, diante desse embate a classe trabalhadora resiste em meio ao campo de disputa, realizam também a transformação do espaço urbano, dando nova dinâmica a ela. A valorização do espaço urbano cria regiões que passam a ter um valor agregado, concentrando uma parcela da população com alto poder aquisitivo, enquanto as outras áreas negadas pelo mercado imobiliário e fundiário são locais com difícil acesso, por esse motivo o espaço urbano se torna desigual. A classe trabalhadora então resiste a todos os empecilhos impostos, andando longas distâncias para pegar um transporte público, convivendo com lugares poluídos, ou transformando o lugar em seu território, de uma maneira que poucos conhecem.

Nessa disputa do solo no meio urbano ganha novos contornos quando extrapola os limites territoriais do município, como acontece na região metropolitana do Rio de Janeiro. Nesse sentido, com a formação do espaço metropolitano e a centralização da cidade do Rio de Janeiro, outras áreas sofrerão com a polarização econômica, como o caso de São Gonçalo. Esse fator nos faz pensar que o município de São Gonçalo se torna uma grande periferia, alocando grande parcela da classe trabalhadora, se deslocando para os municípios vizinhos no seu movimento pendular. Levando o tema em consideração, chegando a ser chamado de cidade dormitório, fica evidente que com o passar do tempo São Gonçalo tem a sua força econômica, se negando a receber esse nome pejorativo de “cidade dormitório”, desta maneira, a sua potência econômica é uma marca da dinamização de sua economia.

Com isso, a questão habitacional será um fator presente na sua formação, já que São Gonçalo passa a ser uma área de grande busca pela classe trabalhadora, pois por oferecer terrenos mais baratos no século XX tem dinamizado o mercado imobiliário, mas também as autoconstruções, as moradias construídas com a ajuda dos familiares e amigos. Essa habitação é uma solução e saída diante de um mercado imobiliário que torna difícil uma aquisição, porquanto os seus valores são insustentáveis pela maior parte da classe trabalhadora. Os programas do governo federal representam um grande passo para essas pessoas, pois por muitos anos viram o sonho de adquirir uma casa própria quase impossível. Diante dessa questão muitos anos se passaram e o governo está longe de sanar o problema relacionado a habitação, como vimos anteriormente, o número de apartamentos entregues pelo Minha Casa e Minha Vida é ínfimo diante de um cenário devastador quando tratamos das condições das moradias dessas pessoas.

Nesse aparato, surgem diversas favelas pelo país, mas principalmente no município de São Gonçalo, a gerência do Estado no espaço é ineficiente diante de um cenário caótico da cidade, provocada por sua negligência.

Para isso, fomos em busca da compreensão da formação urbana do município de São Gonçalo para abranger a produção do espaço favelado, claro e evidente, que sem o entendimento desse processo dificilmente traríamos a luz a questão da moradia e da vivência nesses espaços.

Com isso, fomos em busca de uma favela que nos fornecesse campo para analisar a vivência na favela, frente as poucas publicações sobre os eventos que ocorrem nela. A favela da Chumbada então foi escolhida por ser uma favela onde o autor habitou por muitos anos. A favela da Chumbada tem sido abordada pelo Jornal de São Gonçalo os casos de violência e isso contribuiu com a ideia do lugar “perigoso”. Portanto, na pesquisa tentamos esclarecer como os moradores enxergam a favela da Chumbada e o que o Jornal O São Gonçalo propaga, exibindo que há contradições de discursos, mas por ser um veículo de informação ganha notoriedade. Cabe a nós despontar a vida desses moradores, como vivem e como enxergam todas as situações que passam no seu dia a dia. Sujeitos muitas vezes ao preconceito e a construção de pensamento que seu local de moradia é um dos piores lugares da cidade.

Porém, traremos finalmente o olhar desse morador da favela da Chumbada para a pesquisa, no intuito de desconstruir a ideia do lugar “perigoso” para o lugar também da alegria e da vivência que não se encontra facilmente na cidade.

## REFERÊNCIAS

- ALVITO, Marcos e ZALUAR, Alba (org.). **Um Século de Favela** (5ª ed.). Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- ARAUJO, V.L; MELO, H.P. O processo de esvaziamento industrial em São Gonçalo no século XX: auge e declínio da Manchester Fluminense. In: Cadernos do desenvolvimento Fluminense. N, 4, 2014.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Editora Bertrand Brasil S.A. Rio de Janeiro. 1989.
- CAMPOS, Andrelino. **Do Quilombo à Favela: a produção do “espaço criminalizado” no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro. Ed. Bertrand Brasil 2º edição, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Do Quilombo à Favela: O tráfico de drogas enquanto estratégia de sobrevivência ilegal os marcos de uma ordem segregacionista**. Dissertação submetida ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia — Instituto de Geociências — Universidade Federal do Rio de Janeiro — UFRJ. Rio de Janeiro, 1998.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A crise urbana**. Ed. Jaime Pinsky. 2015.
- CARVALHO, Agatha Muller de. **Favela-discurso: a constituição institucional do fenômeno**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, como requisito para obtenção do título de Mestre em Planejamento Urbano e Regional. Porto Alegre, 2016.
- CARDOSO, Adauto Lucio. & LAGO, Luciana Corrêa. Organizador: Luiz Cesar de Queiroz Ribeiro. **Rio de Janeiro, Transformações na Ordem Urbana**. 1ª edição. Rio de Janeiro. Observatório das metrópoles. 2015.
- \_\_\_\_\_. & JAENISCH, Samuel Thomas. Nova política, novos desafios. Problematizações sobre a implementação do programa Minha Casa Minha Vida na região metropolitana do Rio de Janeiro. Revista eletrônica de estudos urbanos e regionais. N.º 18, ano 5, setembro de 2014.
- CARNEIRO, Suely. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- CAVALLIERI, Fernando. Organizador Jailson de Souza e Silva: **O que é a favela afinal? Favelas no Rio – a importância da informação para as políticas públicas**. Observatório de favelas do Rio de Janeiro, 2009.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. São Paulo, Ática, 1989
- COWAN, R. **The Dictionary of Urbanism**. Londres: Streetwise Press, 2005.
- DA SILVA, Oséias Teixeira, 2016. USP. **O ponto de ruptura: reestruturação espacial na região metropolitana do Rio de Janeiro**. Tese apresentada ao programa de pós-graduação em

Geografia Humana do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como requisito para obtenção do título de doutor em Geografia.

FERNANDES, Carlos Vinicius Maia. Processo de Urbanização de São Gonçalo: Os conflitos “identitários” da Favela da Chumbada. Monografia submetida ao corpo docente da Faculdade de Formação de Professores – FFP, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, 2011

FERNANDES, Fernando Lannes. **Violência, medo e estigma. Efeitos socioespaciais da “atualização” do “mito da marginalidade” no Rio de Janeiro.** Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito para obtenção do grau de Doutor em Geografia. Rio de Janeiro. 2009.

GEIGER, Pedro Pinchas. **Industrialização na orla oriental da Baía de Guanabara.** Artigo publicado na Revista Brasileira de Geografia, vol. 18, n°4, p. 47-75, out./dez. 1956.

GOMES, Marcele Gualberto. **O processo de periferização em São Gonçalo (RJ): Uma abordagem em contexto Metropolitano e Municipal.** Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo. Niterói. 2022.

HAESBAERT, R. **Viver no limite: território e multi / transterritorialidade em tempos de insegurança e contenção.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

LAGO, Luciana Corrêa do. **Desigualdades e Segregação na MetrÓpole: o Rio de Janeiro em tempos de crise.** Rio de Janeiro. Ed. Revan, 2015.

LENCIONI, Sandra. **MetrÓpole, metropolização e regionalização.** Ed. Consequência. Rio de Janeiro. 2017.

LEFEBVRE, Henri. **Espaço e política.** Editora: UFMG. Belo Horizonte. Tradução Margarida Maria de Andrade e Sérgio Martins. 2008.

\_\_\_\_\_. **O direito a cidade.** Editora: Centauro. São Paulo. 2011.

LESSA, José Luís Honorato. **“Pioneira do progresso fluminense”: o caso da industrialização de São Gonçalo (RJ) no século XX.** Espaço e Economia. Revista brasileira de geografia econômica. Ano VI, N° 12. 12/2018.

MARICATO, Hermínia. **MetrÓpole na periferia do capitalismo. Ilegalidade, desigualdade e violência.** Editora: Hucitec. São Paulo, 1996.

MARZULO, Eber Pires. **O imbrÓglio sobre as favelas e a instauração do real.** Emergências no campo dos estudos urbanos e regionais. Belo Horizonte. P. 1-20. 2015.

MENDES, Breno do Nascimento Gonçalves. **Escolhendo ser e sendo escolhido. Identidade, representação social, e raça e suas percepções do território de favelas da cidade do Rio de Janeiro.** Monografia apresentada ao departamento de Geografia da Uerj-FFP como requisito básico para a graduação. São Gonçalo, 2006.

MENDONÇA, Adailton da Mota. **Transformações socioeconômicas no eixo Niterói – Manilha em São Gonçalo/RJ**. Tese apresentada ao Curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Planejamento Urbano e Regional. Rio de Janeiro, 2007.

MENEZES, Carolina Ramos; SALGADO, Carla Maciel. **Caracterização Morfométrica e de Intervenções Urbanas na Bacia Hidrográfica do Rio Imboáçu (São Gonçalo–RJ):** Contribuição ao Estudo de Inundações. **Revista Formação (ONLINE)**, v. 25, n. 44, jan-abr/2018, p. 279-299.

MICHAELIS: **moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998- (Dicionários Michaelis).

MODESTO, Nilo Sérgio d'Avila. **A (re)produção espacial em marcha na consolidação dos Grupos de Poder Hegemônico em São Gonçalo–RJ**. Tese apresentada ao programa de pós-graduação em Geografia – Do departamento de Geografia da Universidade Federal Fluminense – Para a obtenção de título de Doutor em Geografia, 2008.

MOREIRA, R. **Pensar e ser em Geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. São Paulo: Contexto, 2007.

PERLMAN, Janice. **O mito da marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. (2002 [1977]).

PAIVA, Renato Soares. **O imaginário da violência urbana em São Gonçalo – leste metropolitano do rio de Janeiro: estudo de caso sobre a favela da Chumbada (2000 a 2010)**. Monografia apresentada ao departamento de Geografia da Uerj-FFP como requisito básico para a graduação. São Gonçalo, 2013.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo (SP): Ática, 1993.

RODRIGUES, Juciano. **Rio de Janeiro: primeiros resultados do Censo 2022 revelam o retrato de uma metrópole à deriva**. Observatório das metrópoles. Artigos semanais, 2023.

ROLNIK, Raquel. **Guerra dos lugares: colonização da terra e da moradia na era das finanças**. Tese de livre-docência, faculdade de arquitetura e urbanismo. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.

ROSA, Daniel Pereira. **De cidade-dormitório à centralidade da grande cidade periférica: trabalho, consumo e vida de relações de São Gonçalo na Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RJ)**. Universidade de São Paulo. Tese apresentada ao programa de pós-graduação em Geografia Humana do departamento de Geografia da faculdade de Filosofia, Letras e ciências humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de doutor em Geografia. 2017.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira. **Processo de crescimento e ocupação da periferia**. Rio de Janeiro: FINEP, IBAM, 1982.

SANTOS, Milton (2005 [1993]). **A urbanização brasileira**. 5ª ed. São Paulo: Edusp.

\_\_\_\_\_. **Por uma Geografia Nova: Da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica.** 6 Edição. São Paulo. Editora: USP, 2004.

\_\_\_\_\_. **Espaço e Método.** - 5.ed. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SILVA, Jaílson de Souza. Organizador do livro: **O que é a favela afinal?** Observatório de favelas do Rio de Janeiro, 2009.

SILVA, Lais Pereira. Organizador Jaílson de Souza e Silva: **O que é a favela afinal? Favela: é geral? É particular? É urbano?** Observatório de favelas do Rio de Janeiro, 2009.

*SOJA, Edward Willian. Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica.* Rio de Janeiro. Zahar. 1993.

SOUZA; BARBOSA; SIMÃO. **A favela reinventa a cidade.** 1 ed. Rio de Janeiro. Mórula: EdUniperiferias, 2020.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do Desenvolvimento Urbano.** Rio de Janeiro. Ed. Bertrand Brasil, 2003.

VALLADARES, Licia do Prado. **A invenção da favela: do mito de origem à favela.com** – Rio de Janeiro: editora FGV, 2005

VIANA, Juliana Nazaré Luquez. **RUPTURAS E CONTINUIDADES. A produção do espaço e o processo de reestruturação: um olhar a partir de São Gonçalo, Região Metropolitana do Rio de Janeiro.** São Paulo. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de doutora, 2019.

VICTOR, Leonardo de Araújo; MELO, Hildete Pereira de. **O processo de esvaziamento industrial em São Gonçalo no século XX: auge e declínio da “Manchester Fluminense”.** Cadernos do Desenvolvimento Fluminense, Rio de Janeiro, n. 4, mai. 2014.

Sites Consultados:

[https://datampe.sebrae.com.br/profile/geo/saogoncalo#:~:text=O%20gr%C3%A1fico%20mostra%20as%2010,%20e%20Fevereiro%20\(3.539\).](https://datampe.sebrae.com.br/profile/geo/saogoncalo#:~:text=O%20gr%C3%A1fico%20mostra%20as%2010,%20e%20Fevereiro%20(3.539).)

<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rj/sao-goncalo.html>

**APÊNDICE** – Questionário para a pesquisa de dissertação de mestrado da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, a fim de desenvolver um trabalho de pesquisa sobre a favela da Chumbada

1- Qual o seu nome e sobrenome? Caso queira responder.
2- Quantos anos possui? E há quantos anos mora na favela da Chumbada?
3- No seu período de vivência na favela, como você enxerga a favela da Chumbada?
4- Quais atividades, como eventos, você assiste hoje na Chumbada? Exemplo: pode ser lazer, encontro religioso, festivais etc.
5- O que você opina sobre a convivência dos moradores, tem algo de diferente?
6- O que você pensa sobre as reportagens do Jornal O São Gonçalo, que tem em maior parte o assunto de violência na favela da Chumbada?
7- Você já chegou a ver reportagens de eventos que ocorreram na favela da Chumbada, que não fossem os casos de violência? Pode citar alguns deles?
8- Cite eventos que ocorreram na favela da Chumbada que te causa boas lembranças.
9- Você sabe alguma coisa sobre o surgimento (história) da favela da Chumbada?
10- As pessoas que moram fora da favela da Chumbada têm um pensamento sobre ela, o que você acha sobre o que as pessoas pensam?
11- Como foi a sua vida na favela da Chumbada, pode contar de forma resumida?